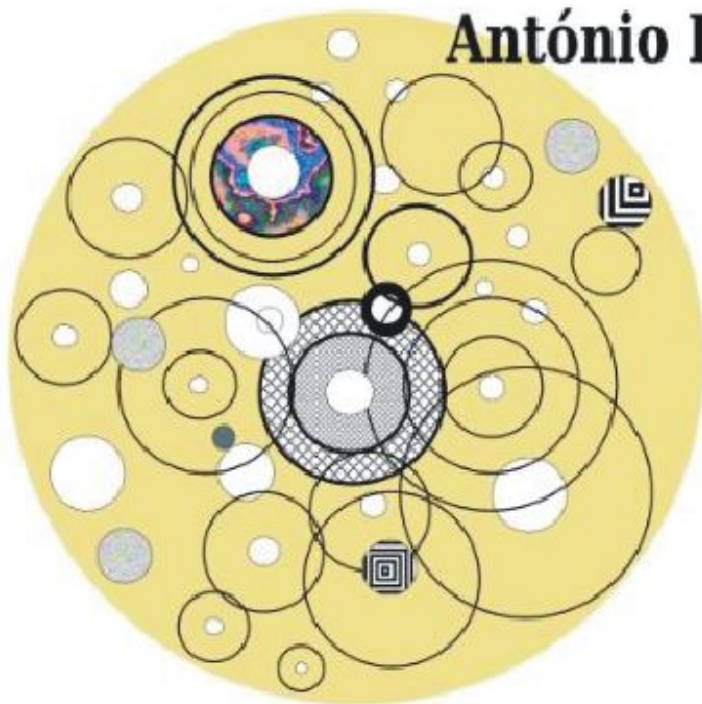


António Durval



Discurso direto

Terceira edição
POÉSIA E PROSA
TENDENCIALMENTE FILOSÓFICA
E INTERATIVA

1997 / 2026
ENSAIO

TÍTULO

Discurso Direto

Autor

António Durval

ILUSTRAÇÕES

Anabela Silva – António Durval

1ª edição: Maio de 1997

Editor SOL XXI

Desenho de capa do Autor

Outros desenhos interiores: Autor e Anabela Maria

2ª Edição (digital) 2023

Edição do Autor

3ª Edição (digital) 2026

Edição do Autor

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico

Reservados todos os direitos. Nos termos do código do Direito de Autor é expressamente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, incluindo a fotocópia e o tratamento informático sem a Autorização expressa do titular do direito.

<http://adurval.wixsite.com/cultura>

ÍNDICE

10 -	PRÓLOGO
17 -	UM CONVITE PARA O "AGORA"
54 -	QUATRO UTOPIAS, NA CIDADE, AO ENTARDECER
81 -	ONDE ESTÁ O LEITOR? NO CENTRO DO UNIVERSO!
101 -	VIAGEM TELÚRICA
132 -	DO ALTO DA COLINA

António Durval

Discurso Direto

**POESIA E PROSA TENDENCIALMENTE FILOSÓFICA
E INTERATIVA**

**1997-2026
ENSAIO**

À minha esposa e meus filhos

Escrevi, molhando no Azul de vez em quando!

Certos acontecimentos ou a descrição de lugares tem um apreciável grau de veracidade. Porém, a nível das personagens que pontualmente possam surgir, qualquer semelhança com a realidade será pura coincidência.

Sem o adejar dos pássaros,
é triste o espaço onde mora o vento.
Sem o voo dos insetos,
é triste o adejar dos pássaros.
Sem o pólen das flores,
o voo dos insetos é triste.
Sem flores e sem árvores,
não há pólen no espaço onde mora o vento.
Sem amor,
não há árvores, nem há flores.
Sem amor,
o poema do espaço onde mora o vento não existe!

Este foi o primeiro livro que publiquei em 1997 e, até 2026, já se passaram muitos anos. Por isso, entendi escrever este texto com algumas considerações a propósito desta nova publicação. A primeira edição representou um enorme esforço, apesar das muitas ajudas que, na altura, me foram prestadas. Lancei-o na Junta de Freguesia de São Mamede de Infesta e fiz algumas sessões de esclarecimento.

Achei que este livro merecia voltar a ser lido. Numerosos leitores que o leram enviaram o seu aplauso, mas achei que merecia mais um esforço, projetando-o para o grande público que usa os atuais meios modernos de informática.

"Discurso Direto" é um livro interessante e que merecia, sem dúvida, ser mais conhecido, dando continuidade aos bons resultados iniciais. Resolvi editá-lo novamente, devidamente corrigido, e apresentá-lo de forma mais adequada.

Espero que possa ser publicado noutros locais e, assim, muitos o poderão conhecer, até porque se ajusta aos tempos atuais que vivemos de "pandemia", para além de uma ameaça latente de guerra e outros perigos que possivelmente teremos de enfrentar.

António Durval

Site: "<https://adurval.wixsite.com/cultura>"

PRÓLOGO

Um singular acaso iluminou a confusão de papéis que cresciam no fundo da gaveta e, nesse dia, aconteceu revelação. Havia ali algum sentido, indícios de filão, de mensagem subliminar à espera de ser decodificada. O aliciante de tal empreendimento depressa esbarrou com a dimensão do desafio a superar. Juntar, em íntimo convívio, gêneros literários diferentes não seria tarefa fácil. Venceu a constatação de que um primeiro livro também pode ser o último. Venceu o instinto, a vontade de não deixar no subsolo algo que, eventualmente, poderia ser útil à comunidade e a perspectiva de conteúdo, aliada e não refém da procura da forma.

“Discurso Direto” não nasceu normalmente, como qualquer livro que se preze. Durante anos, balançou entre a esperança de nascer e a ameaça de abortar. Paulatinamente, foram superadas as dificuldades inerentes a uma tardia estreia literária. Acabou por emergir o eventual interesse, para os potenciais leitores, do testemunho vivencial de uma ínfima parte, consciente da sua mesclagem ao todo Universal. Foi essa conjuntura que incentivou a publicação dum livro, onde, voam diálogos e narrativas, que, planando livremente, poderão levar-nos a outras terras e outras gentes.

Nas suas páginas, textos em prosa cruzam em bando o firmamento sem aparente plano de voo. Poemas pairam no Azul, como brancas nuvens, atraindo o olhar para cima. De repente e sem aviso, tanto se pode vestir a bata do analista como pegar na candeia do filósofo e, logo a seguir, regressar ao “universo” do bilhete de identidade. Às vezes, poderá assemelhar-se a esboço de manual. Não um manual que recomende fazer isto ou aquilo, “xis” minutos ao deitar, visando causas e garantindo

efeitos. Somente uma ilusão de manual, que logo se esvai na esquina do parágrafo seguinte.

Sob a batuta do aleatório, do imprevisível, “Discurso Direto” poderá transportar-nos através do espaço infinito, procurando com o pensamento outros irmãos, detetando com a intuição outros sentires. Vestirá o hábito do monge, ou os andrajos do asceta e poderá, em êxtase, cruzar o Tempo e assistir ao drama universal do Gólgota. Iremos saltar fronteiras, percorrer espaços, calcular probabilidades, sem nunca se cristalizar uma definição, nem se fechar a porta ao eterno fluir da atração pelo insondável maravilhoso. Esse desafio incentivou, finalmente, a publicação deste livro. Expectantes, iremos encetar, espero bem, um curioso ensaio de diálogo em “Discurso Direto”.

Antônio Durval

Chegam acenos,
Intrigantes acenos,
do espaço azul.

Parecem sorrisos,
meigos sorrisos,
emoldurados de luz.

Chegam acenos,
peregrinos acenos,
do distante horizonte.

E fico a cismar,
longo tempo a cismar,
para além do ocaso.

Chegam acenos,
coloridos acenos,
do lado do sonho.

E fico acordado,
em sofrida vigília,
tentando decifrar.

Chegam acenos,
penetrantes acenos,
cavalgando o olhar.

E fico suspenso,
precariamente suspenso,
em abismos insondáveis.

Chegam acenos,
persistentes acenos,
para os lados de "mim".

E fico dividido,
dolorosamente dividido,
entre a festa e a dúvida.

Chegam acenos,
chegam acenos.

Parecem sorrisos,
meigos sorrisos,
emoldurados de luz.

Um Ovo no Azul

O Ponto de interrogação
vestiu-se de calcário
fino, duro, consistente,
e rolou, rolou no Azul,
alegre e solto,
rumo ao eternamente.

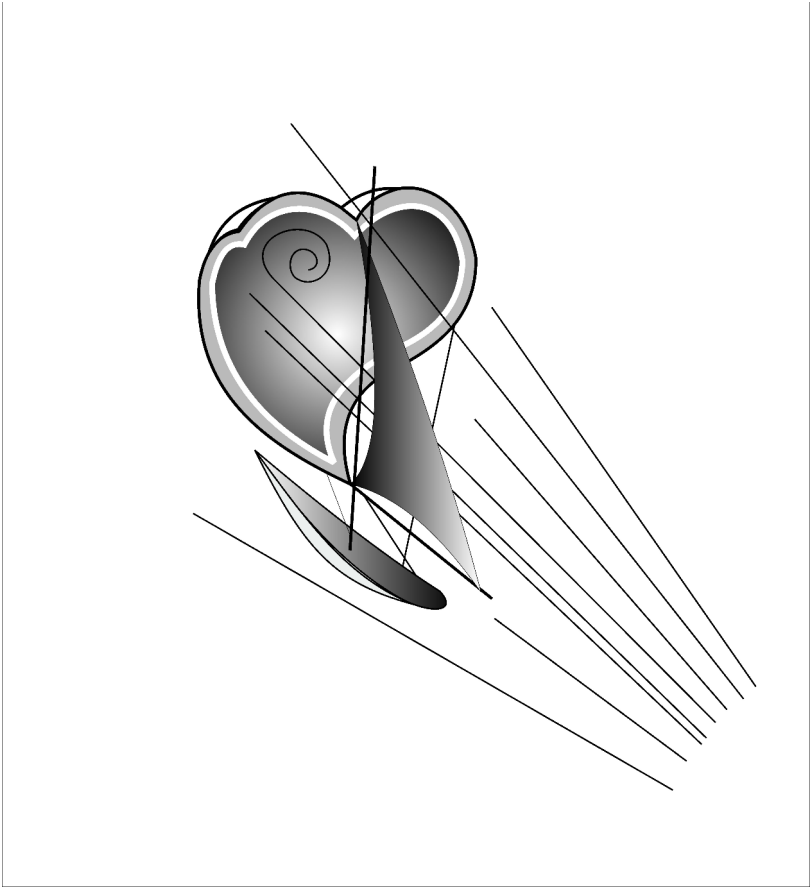
Na hora certa,
partiu a casca,
espreitou, saiu.

A custo aprendeu
que não voltaria
a rolar no Azul
indiferente.

Teimoso insistiu.

Tentou a ilusão,
tentou o engano,
mas só dor sentiu.

Para voltar,
reconheceu com emoção,
tinha de mudar,
ser Ponto de Afirmação!
Ganhar asas... E voar!



UM CONVITE PARA O “AGORA”

A*briu há momentos a página e já a seguir lerá a palavra, “Palavra!”*

Não se trata duma qualquer manifestação de vidência. Acabamos simplesmente de desembarcar numa “estação”, construída em granito raro, proveniente das jazidas do Nexo. Encontrámos, agora, numa plataforma mentalmente visível das diferentes coordenadas espaciais e temporais que separam os nossos seres. Um referencial sem volume, sem peso, mas virtualmente concreto, graças à energia mental necessária para o imaginar. Daqui, abarcamos uma verdade tão ampla como afirmar:

Agora, precisamente, o coração do leitor pulsou!

A infinita caminhada à procura da verdade exige marcos de orientação, que sejam referenciais sólidos e credíveis. É preferível que eles se reduzam a partículas de coerência do que se estruturem em montanhas de incerteza.

Pequenos pontos de luz, brilhando no firmamento, guiaram os primeiros navegadores portugueses por desconhecidos oceanos, à descoberta de novas terras. Hoje, sabemos que essas luzinhas inquietas são estrelas, outros imensos sóis, iluminando possíveis sistemas planetários, alguns deles, quem sabe, berços de vida inteligente. Atraídos pelo maravilhoso, imaginamos, à luz do atual conhecimento, esses

mundos com as suas hipotéticas civilizações, suas estranhas paisagens, seus incomensuráveis vazios.

Apesar desse fascínio, não resistimos a regressar, a breve trecho, à realidade cujo solo pisamos. A luta pela sobrevivência, funcionando como força de gravidade, coloca-nos novamente na órbita dos sentidos. Voltamos a recordar o nosso percurso coletivo, desde os primeiros registos arqueológicos até hoje. Assumimos a vivência do Agora, com os seus dramas e consolos, seus fracassos e êxitos, seus pecados e suas virtudes. Gostaríamos de conhecer a trajetória da evolução futura do homem. Mas o aparecimento acelerado de novos reagentes no caldo da civilização humana tende a aumentar a imprevisibilidade do sentido e direção do percurso. Será que o homem constrói o seu caminho ao mesmo tempo que avança?

Julgo que continuam válidas as leis de causa e efeito e que as mesmas poderão continuar a aplicar-se à *Teoria da Evolução*. Assim, o homem colhe hoje o que semeou ontem e colherá amanhã o que semear hoje. Como avaliar se estamos ou não a evoluir e a caminhar rumo a um futuro sem abismos fatais? Que medida padrão, ou que sistema de orientação, deveremos usar?

Dispomos de meios tecnológicos cada vez mais avançados ao serviço da ciência e da comunicação. De novas e mais poderosas ferramentas cibernéticas que nos ajudam a calcular probabilidades e a definir coordenadas, até em cenários de caos. Poderemos utilizá-las para aumentar o nosso conhecimento sobre o Cosmos, e difundi-lo com amplitude. Contudo, nunca deveremos esquecer que será sempre o homem, reduzido à nudez da sua realidade natural, a tomar as decisões fundamentais. No momento crucial da escolha, não terá significado a muleta das super máquinas cibernéticas de inteligência artificial. Terá de contar com a valência de todas as suas capacidades sensoriais e espirituais

e com o legado cultural dos seus antepassados. Será sempre ele, e só ele, a dar o passo em frente.

O ver, o ouvir, o tatear, são faculdades sensoriais comuns à generalidade dos animais e apontadas à sobrevivência biológica do indivíduo e da espécie. A extrema complexidade e dimensão dos problemas, que temos de enfrentar, exigem um grau superior de sensibilidade que complementa e reforça a acuidade dos nossos sentidos. Um invisual, apesar de estar desfalcado de um órgão sensorial importante, pode conseguir viver com dignidade e integrar-se numa sociedade civilizada. Para superar com sucesso a falta da visão, além do natural reforço da capacidade sensorial restante, terá de desenvolver uma atitude, que o eleve a um patamar ou dimensão espiritual, onde podem ser ativados os sentidos próprios desse nível. A Intuição poderá ser um exemplo de um atributo sensorial do nosso espírito ao comportar-se, subjetivamente, como bússola interior.

A Imaginação é igualmente uma poderosa capacidade mental do ser humano. Complementada com a intuição, será possível antever e visionar as colheitas de perigos, abismos ou holocaustos, associados às nossas sementeiras de erros.

É importante preservar e desenvolver essas capacidades do nosso foro sensível. Teremos de evitar o excesso de artificialismo e a inação dos nossos atributos a nível físico, mental e espiritual. O abandono progressivo de atividades tradicionais, onde um saudável esforço físico era sempre conjugado com a criatividade imaginativa (atividades artesanais) e o decréscimo acentuado do hábito da leitura, a favor dum consumo exponencial de enlatados de imagens, são exemplos de tendências preocupantes que marcam o final do século XX.

Os atos de escrever e de ler um livro representam duas importantes vertentes da denominada comunicação literária. Através da linguagem,

falada ou escrita, podemos transmitir qualquer forma de emoção estética, independentemente da classificação artística da mensagem a transmitir.

Escrever um livro é, de certo modo, a preparação de uma viagem no tempo. O escritor concebe o viajante, organiza a viagem e prepara a logística. O viajante será a mensagem escrita; o destino: a mente dos seus eventuais leitores, situados algures no futuro.

Ler será o desembarque de uma mensagem vinda do passado, numa estação em cuja tabuleta identificativa está inscrito o nome do leitor. Quando o escritor concebe e organiza a mensagem conta obter algum resultado, algum efeito. Espera que ela seja entendível e, sequentemente, estimule algum tipo de reação (“*feedback*”). Na consagrada fórmula de Lasswell, que resume os princípios básicos da comunicação, o resultado do ato de enviar uma mensagem surge como objetivo final:

“*Quem? O quê? A quem? Que meios? Que resultado?*”

Concordamos com Jean Guittou:

“ — Comunicar *sem objetivo é monologar e o monólogo conduz ao manicómio*”.

Como medir ou avaliar o resultado, ou o grau de reação, que uma mensagem literária irá provocar nos seus eventuais leitores?

Se esse futuro se situar na esperança de vida do autor, será possível uma relativa avaliação desse efeito (a receptividade dos editores, a opinião dos críticos literários, o número de edições, etc.). Se a mensagem merece algum grau de interesse, quando o livro ocupar o seu lugar na prateleira do esquecimento, algo poderá prevalecer no subconsciente do leitor. Um remanescente anímico, ativador positivo do processo natural de auto-análise, ou de sensibilização ética, poderão ser exemplos. Este efeito não será obviamente mensurável, mas representa o tipo clássico de reação que realmente conta.

Desejável seria o escritor ser contactado por leitores, que, por escrito ou verbalmente, opinassem acerca dos temas e ideias contidos no livro. Neste caso, estaríamos na presença de um resultado ou efeito de retomo mais palpável (efeito bumerangue), dum esboço rudimentar daquilo a que me atrevo a chamar: “comunicação literária interativa”.

Convido-o a transpor a linha que limita a sua condição de leitor, como é entendida universalmente, e penetrar numa dimensão onde o protagonismo será o apelo constante. Através duma descontraída conversa, mano a mano, iremos provar que o ato de ler contém um manancial quase infinito de recursos, sendo um deles a possibilidade da participação ativa do leitor.

Nada mais, nada menos!

Se aceitar o convite, felicito-o desde já pela sua coragem. Agradeço a sua companhia ao longo da trajetória que iremos seguir até onde a imaginação nos levar. Podemos ir longe, com essa capacidade que permitiu, aos nossos ancestrais, fabricar o primeiro machado de sílex. A mesma que um dia nos levará até às estrelas!

O deleite que, legitimamente, se espera do ato de ler (ou de um saudável bate-papo) poderá ser influenciado pelas condições ambientais, que caracterizam o espaço onde isso irá ocorrer.

Uma cadeira confortável, um ambiente sereno e aprazível, poderão integrar o topo da lista dessas condições. Na sua ausência, o poder de concentração e de imaginação poderá recriá-las e acabar por atingir o objetivo pretendido.

Para se estabelecer o ambicionado diálogo e possibilitar a sugerida participação, o prezado leitor terá de viajar até ao agora em que esta prosa assomou à luz do dia.

Por favor, aperte o cinto de segurança e acione o dique da sua imaginação:

"Neste momento estou a ouvir o sinal horário das treze, emitido por uma emissora de rádio, através da pequena telefonia colocada no parapeito da janela do meu quarto. Está no ar o noticiário e ouço perfeitamente o locutor de serviço a referir-se às ações de protesto do Greenpeace, tentando impedir que o recém eleito Presidente da França, Jaques Chirac, avance com o recomeço das experiências atómicas no atol de Moruroa, no Pacífico".

No calendário, colocado na parede por cima da escrivaninha, está assinalado com um marcador magnético o dia 5 de Julho de 1995. Lá fora o sol espreita timidamente por entre as nuvens que teimam em pintar de cinzento um verão, até agora pouco convincente. De vez em quando, chega aos meus ouvidos o som de um carro que passa na rua (no meu "agora" os denominados automóveis ainda fazem ruído em andamento e utilizam combustíveis poluentes).

Enquanto isso, os meus dedos vão deslizando pelo teclado do pequeno computador portátil, qual operador de morse, tentando contactar alguém através dum aparente telégrafo sem fios.

Conseguiu, com uma parte subtil do seu ser – a energia do seu pensamento imaginativo – viajar até ao momento em que estas palavras vão surgindo no monitor de plasma. Talvez possamos agora tentar o contacto. A expectativa é grande. O imprevisível espreita. O repto lançado é de respeito. Uma cuidada preparação psicológica e uma atitude de confiança e desconfiança poderão ajudar.

Avancemos, pois, comedidamente, passo a passo.

Contacto

Em redor,
o marulhar humano
e ambiental de um café.
O estertor citadino
de uma sociedade
a caminhar para um fim.
A aparência de vida
num cenário luzente,
sem significado para mim.

Cá dentro
a cíclica tendência,
a propensão para o radical,
magra condescendência,
só cego ideal.

Pássaro cansado
pousando no ramo.

Fecho os olhos devagar,
abro a "janela" e chamo.

Desperto ou a dormir,
a chorar ou a rir,
quem procuro virá.

Ao largo do Inconsciente
toma forma, é nascente,
um ponto de luz,
uma promessa de Sol.

O rosto-compreensão
depressa se ajusta
à compreensão do rosto.

Agora,
anonimamente,
dois seres compartilham
a mesma mesa,
o mesmo atentado
aos preconceitos.

Em redor,
o vazio retrocede,
novos horizontes
se revelam,
e do inicial estertor
resta somente
doce e fonético rumor,
murmúrio de fontes.

Leitor: – Olá!

Autor: – Olá? Está alguém a comunicar?

Leitor: – Sim! Olá!

Autor: – "Eureka"!

Um aplauso para o primeiro "Olá" vindo do meu futuro! E uma saudação amiga para o Leitor que o enviou!

Leitor: – Retribuo, com o desejo sincero de muita inspiração para concluir o livro.

Autor: – (surpreendido) – Já estamos a dialogar? A surpresa é mesmo grande. Não sei explicar o que está acontecendo...

Leitor: – Depois de tanto cuidado na preparação, ainda duvidas do resultado? A seu tempo iremos clarificar o que for possível. Para já aceito o teu convite. Estou pronto para o tal "bate papo".

Autor: – (continua surpreso) Se é assim, aproveitemos os ventos favoráveis! Mesmo uma conversa descontraída deverá começar por uma "ponta", seja qual seja. Pode o prezado leitor puxar a conversa para um tema que mais lhe interesse, que ache mais oportuno desenvolver neste momento.

Leitor: – Oh! Não! Desculpa lá, mas começo por sugerir que se eliminem do nosso diálogo os "senhores", os "você", os "caros", os "prezados" e todas essas formas de tratamento que só distanciam. Para um diálogo desta natureza todo e qualquer ornamento de vénias gestuais ou verbais é dispensável. É peso morto! Para vencermos o tempo e o espaço que nos separam, teremos de nos aproximar, de ser diretos. Terá de acontecer um contacto alma a alma. Se não criarmos, de início, esse clima, julgo que será difícil atingirmos o resultado pretendido. Esses estilos clássicos de tratamento passarão um dia a relíquias de museu.

Além disso, nunca o respeito e a amizade foram incompatíveis com a simplificação do trato.

Autor: – (Hesitante) – Está, está bem! Totalmente de acordo consigo. Perdão! Contigo, leitora ou leitor. Acho mesmo uma ótima ideia. Aliás, pensando bem, nem poderia ser de outro modo!

Leitor: – Combinado! Não me tratas por "você", nem por "senhora" ou "senhor", nem "prezado leitor". Nada disso! Derrubemos à partida essa barreira. De acordo? Basta-nos a certeza de que estamos a dar tudo por tudo para a sintonia, apesar da aparente incongruência de, provavelmente, ainda não ter nascido no tempo em que escreves estas linhas, ou já não existires fisicamente, no momento em que leio este teu livro.

Autor: – É admissível o que dizes. Mesmo assim, julgo que podemos ultrapassar a barreira do tempo e atingir o conhecimento mútuo. O primeiro estágio para o despertar de sentimentos, tais como a amizade.

Leitor: – Estás a lembrar-me que ainda sou um desconhecido. Que não me apresentei. Podes acreditar que não estava esquecido desse pormenor. No entanto, julgo que é pertinente uma explicação prévia acerca de circunstâncias que determinam uma apresentação diferente da que seria de esperar. Antes de aceitar o teu convite, pensei maduramente na melhor forma de tornar credível e realizável este contacto. Concluí que, para isso, deveria assumir o papel de representante ou intérprete dos leitores, cujos pensamentos estão a convergir para o teu "*agora*". Para o momento em que escreves estas linhas. Só assim será possível evitar o caos de ideias e mensagens confluindo simultaneamente. Se ninguém assumir esse papel de intermediário, ficarás debaixo da saída de uma espécie de funil jorrando uma torrente indecifrável de imagens, pensamentos e vocábulos, vindos de todos os leitores que se encontram a ler este livro, ao longo das margens do teu futuro.

A partir do momento em que aceitei o teu convite, assumi o essencial da história coletiva de todos eles. Os nomes próprios que figuram nos seus bilhetes de identidade poderão ser: Isabel, Rui, Maria, António, Luísa ou Xavier. Porém, eu sou o "ator" que representa e encarna a mesclagem humana de todos eles.

Nestas circunstâncias, o nome, assim como o sexo, a altura, ou a cor dos olhos, perdem significado. Poderás continuar a chamar-me, simplesmente, "leitor".

Assumo voluntariamente as diversas particularidades compatíveis de todos aqueles que, um dia, se tenham embrenhado na leitura deste livro com espírito aberto. Que tenham sido atraídos pelo fascínio de um novo tipo de aventura. E, sobretudo, que estejam, consciente ou inconscientemente, em sintonia com o Grande Projeto da Criação, e que seus pensamentos e atos se harmonizem com o grande corpo de que fazemos parte.

Autor: – Balanço entre a admiração pura e a sensação do cientista distraído, que começa a reear ter desencadeado algo que terá dificuldade em compreender.

Leitor: – Não! Não penses que sou uma espécie de aberração, ou ser alienígena, com poderes estranhos e suspeitos. Afinal, todos os humanos são, em grande parte, o produto de uma diversidade de fatores, desde a cultura que herdaram, até à quotidiana influência do convívio em sociedade. Não existe sobre a Terra alguém que seja um produto cem por cento desligado da realidade que o cerca; a menos que tenha acabado de chegar de outra galáxia. Pela primeira vez desviei-me do fio da conversa, mas, no essencial, está feita a minha apresentação.

Autor: – Porventura solicitei o teu bilhete de identidade? Somente estava desprevenido quanto às surpresas que surgiram nestes últimos parágrafos e começo a interrogar-me acerca do que estará para vir.

A tua apresentação surpreendeu-me. Sempre pensei que o ego era tão inviolável como a mais infinitesimal partícula atômica. Agora propões-te assumir a soma, a mesclagem, de vários egos? Com franqueza.

Leitor: – Não! Não está em causa o meu ego. Cormo não está em causa a inviolabilidade do "Eu" do ator, que encarna no palco diversos personagens.

Autor: – la jurar que, na vida real, a tua profissão é mesmo a de ator de teatro. Tantas vezes falas em representar, em encarnar...

Leitor: – "Nem confirmo, nem desminto". Posso, porém, revelar que gosto muito de teatro. Aliás, uma arte imortal por excelência.

Autor: – Boa. Interessava-me apenas saber se tens parentes, amigos, ou até inimigos; se tens convicções religiosas, ideológicas, políticas; se praticas desporto, se és adepto do Porto, do Benfica, do Salgueiros, etc. Mas acima de tudo se tens um "Eu", plenamente único e inconfundível. Se és, como toda a gente, um "CENTRO UNIVERSAL DE CONSCIÊNCIA", conceito que prova o infinito respeito que nutro por ti.

Leitor: – Sim! Julgo que possuo tudo aquilo que caracteriza, no essencial, qualquer ser humano que se preze, independentemente da raça, nacionalidade ou do clube desportivo de que se é adepto. Mas, como já disse, para viabilizar o nosso diálogo, prescindi dos meus atributos pessoais. Desta forma, julgo que será possível evitar o tal afunilamento caótico de mensagens. Será possível abrir o leque dos leitores participantes, desde que estejam sintonizados com um conceito universalista de amor e fraternidade.

Autor: – Desde que...? Gostava que me explicasses esse "desde que", o porquê dessa condição, essa exigência.

Leitor: – Ficaria espantado se não colocasses essa questão. Vejamos:

Se tomarmos como exemplo o tipo de comunicação que se pode estabelecer entre um ladrão e um polícia, e se nos abstrairmos das sempre possíveis exceções, poderemos afirmar que essa comunicação, regra geral, deixará muito a desejar. O mesmo já não poderemos dizer quanto à comunicação entre namorados ou entre verdadeiros amigos. Os leitores deste livro formam seguramente um conjunto de pessoas muito heterogêneo, quer em termos de localização espacial e temporal, quer em termos de categoria social, posicionamento ideológico, religioso etc. Logo, teremos de encontrar um outro elo de ligação, verdadeiramente unificador e abrangente.

Esse elo poderá ser uma atitude sincera de vivência quotidiana de harmonia com os outros, ou uma mentalidade aberta e descomplexada, que interprete as diferenças não como muros intransponíveis, mas como complementos da diversidade que caracterize uma grande unidade natural. Essa atitude integra o referido conceito universalista de Amor e Fraternidade, que não constitui uma exigência em termos humanos, mas a lei natural das coisas.

Autor: – Muito bem! Mas a realidade é muito diferente desse belo ideal, dessa ainda utopia. As diferenças têm, na maioria dos casos, contribuído para o antagonismo, o racismo, a marginalização, a perseguição, a guerra. Vejo ainda muita dificuldade para a concretização da tal unidade na diferença.

Leitor: – A diferença, longe de ser obstáculo à concretização da "Grande Unidade", é a sua condição essencial. Qual o mérito em aproximar, fraternalmente, pessoas isentas de especiais diferenças entre si? Se procurarmos bem, acabaremos, possivelmente, por descobrir a expressão matemática que justifica a diversidade universal, a sua lei, a sua lógica.

A evolução não se faz com meios termos. Ou se avança, ou se retrocede. Se quisermos subir mais um degrau na escala evolutiva, temos mesmo de entender o porquê da diferença.

Enquanto continuarmos a atropelar a diferença do outro com a nossa, jamais poderemos adquirir os valores fundamentais, que só se conseguem com o exercido sincero da fraternidade na diversidade. Enquanto não passarmos neste teste, qualquer avanço será ilusório e não só está certa como é absolutamente necessária. Sem ela, seríamos defraudados dum exercício fundamental ao nosso "crescimento". Sem ela, jamais colheríamos os frutos de uma experiência vivencial, que tem de ser feita para completarmos a nossa preparação, face aos desafios do futuro.

Autor: – Estou a seguir o teu raciocínio com interesse. Lembro que tudo isto veio a propósito da tua apresentação e daquele "desde que".

Leitor: – Desculpa. Desviei-me do assunto central, mas foi com boa intenção.

Autor: – Fizeste bem! Aliás, um "bate papo " é o mesmo que tirar cerejas de um saco. Limitei-me a lembrar o assunto a que deveríamos regressar, quando a oportunidade surgir.

Leitor: – Este molho de cerejas estava quase digerido. Faltava só dizer algo sobre a eficácia da comunicação humana. A meu ver, essa eficácia está diretamente dependente da capacidade de se lidar com a diferença: Se ela não constitui obstáculo ao diálogo fraterno, então o contacto será possível. Caso contrário...

Autor: – Caso contrário, pior que o silêncio, teremos o chamado diálogo de surdos! Não é assim? Parece-me que já percebi o teu "desde que". Se estiveres de acordo, será a altura de "mudarmos a agulha". Já agora, agradeço que sejas tu a escolher o tema seguinte.

Leitor: – Se assim o queres... Olha! Proponho, exatamente, que abordemos mais em profundidade o acontecimento que estamos a viver, ou seja, este diálogo impossível...

Considero uma atitude acertada qualquer tentativa de se encontrar uma explicação racional para tudo o que acontece connosco e à nossa volta. Se este evento fosse submetido a um confronto dialético prolongado, acabaríamos por desembocar no clássico entroncamento de incógnitas até agora insolúveis:

Quem somos nós? Qual o nosso destino?

Autor: – Então, no teu “*agora*” ainda se faz essa pergunta?

Leitor: – É verdade! Ainda se faz! Por vezes parece que estamos perto de descobrir algo, mas logo a seguir surgem novas incógnitas, novos desafios, e nunca se chega à luz plena.

Autor: – Enquanto estava a seguir o teu raciocínio, surgiu na minha mente uma pequena luz...

Leitor: – Não me digas que encontres a resposta?

Autor: – Não! Não encontrei. Mas um breve “flash” intuitivo revelou-me um ângulo do problema que ainda não tinha topado. Se é tão difícil saber quem somos e qual a nossa missão, então, a espécie humana e o seu destino é algo de muito importante. A medida da dificuldade corresponde, regra geral, ao grau de transcendência.

Não fiquemos, pois, desmotivados, desalentados. Essa dificuldade pode ser já um esboço do seu conteúdo. Um vislumbre da anatomia de uma resposta.

Leitor: – Interessante! A “incógnita” a interrogar-se sobre si mesmo. Talvez um dia, possamos aproximar-nos da solução.

Autor: – Enquanto não a encontramos, a atitude sensata será continuarmos a formular outras perguntas:

Aos impossíveis também se ajusta a Teoria da Relatividade?

Um impossível só é real em determinado contexto ou estágio evolutivo?

A propósito, vou focar um exemplo de uma quase impossibilidade, mas que é realizada pelo homem há milénios. Como faz parte do nosso quotidiano, o seu sortilégio passa despercebido. A maravilha que pretendo citar é muito menos sofisticada que um televisor, computador, satélite artificial, ou um transplante de coração. Trata-se, muito simplesmente, do evento que tornou possível a uma pedra ou ao barro da Mesopotâmia transmitirem mensagens dirigidas aos séculos futuros. Sem transístores, sem "chips", nem antenas. Só materiais inertes e uns símbolos representados por sulcos neles gravados, numa aparente desordem sequencial.

Milhares de anos antes de H. G. Wells escrever a sua "Máquina do Tempo", os nossos longínquos antepassados realizaram um aparente impossível. Enviaram-nos o seu pensamento, as suas ideias, o registo da sua forma de sentir e de viver. A cada passo uma nova "Pedra de Roseta" abre mais uma janela sobre os maravilhosos mistérios da História da Humanidade. Através desses registos, o pensamento dos homens do passado emerge, surpreendentemente vivo, ao presente.

Leitor: – Poderia acrescentar: mesmo quando não foi possível traduzir totalmente os escritos desses nossos ancestrais, prevaleceu sempre uma subtil e latente mensagem:

Com muito pouco se pode ir muito longe!

De facto, uma pedra e uns sulcos podem fazer viajar uma ideia, um pensamento, uma intenção, durante séculos, talvez até à Eternidade.

Autor: — Num mundo onde tudo se transforma a cada momento, onde tudo tende a evoluir rumo a um infinito, será difícil admitir que muitos dos impossíveis de hoje poderão ser realidades rotineiras amanhã? É sabido que muitos “impossíveis” de ontem fazem parte das

possibilidades de que hoje usufruímos. Muitos impossíveis continuam e continuarão como tal durante muito tempo. Outros ainda, talvez nunca deixem de o ser.

Analisemos, por exemplo, a possibilidade do homem comunicar à distância, sem o recurso a qualquer meio artificial, ou mesmo sem a utilização dos seus normais sentidos. Estou a referir-me à comunicação através do pensamento, vulgarmente conhecida por "telepatia".

Leitor: – Cultivo em relação a esse, como a outros assuntos similares, uma atitude de curiosidade e até de estudo. Não caio, porém, no comodismo de me agarrar a qualquer teoria, por muito respeitável que seja, sem reflexão e espírito crítico. Reconheço, porém, que é uma possibilidade apaixonante.

Autor: – Ainda bem! Sou também avesso à especulação gratuita. No entanto, não posso deixar de abordar um tema, só pelo facto de ter sido muito explorado e pouco estudado com seriedade.

Leitor: – Esse tema tem merecido, no meu tempo, algum estudo de especialistas e investigadores que garantem: a telepatia é um facto comprovado.

Autor: – É fácil encontrar, em revistas ou semanários, relatos de casos vividos de transmissão de pensamento. É fácil vender o sensacionalismo dessas histórias, que até poderão conter algo de verdade, mas, como já referi, pouca abordagem séria e científica.

A melhor definição que li sobre telepatia foi a afirmação de que se trata de *"uma comunicação interior, por dentro do ser"*. Uma comunicação onde intervêm o espírito, a alma e fatores anímicos muito fortes, como o amor e a amizade, associados a circunstâncias de grande tensão dramática, ou, pelo contrário, a um estado de apurado relaxamento físico e mental.

Na Enciclopédia Luso-Brasileira podemos ler:

"Impressão subjetiva num indivíduo determinada por outro indivíduo, por facto ou coisa, que se situam à distância" ou ainda: "Os fenómenos considerados resultantes de manifestações telepáticas espontâneas, são em número infinito e ocorreram sempre em todos os tempos, sem distinção de raças, de credos ou de povos."

É também conhecida a grande afinidade existente entre os gémeos, de tal forma que parecem por vezes comunicar através da mente.

Não iremos naturalmente aprofundar muito mais este assunto, até porque tal objetivo não caberia no espaço deste livro. Só pretendo referir que essa possibilidade está em aberto e que poderá constituir uma etapa possível da evolução humana. (1)

Leitor:– Espera. Só mais um pouco. Acontece também que há pessoas que conseguem receber imagens de acontecimentos que só irão ter lugar num futuro próximo ou distante.

Autor: – Nesses casos, não se aplica o termo "telepatia" mas sim o de "premonição", "clarividência", etc. Há quem afirme, que telepatia e premonição são efeitos diferentes de uma mesma causa.

Sintetizando, até ao meu *agora*, o nosso conhecimento sobre este ainda "fenómeno" cabe numa mão fechada. As provas limitam-se a ténues registos ocasionais, que tanto se podem classificar como meras coincidências, como o aflorar tímido de capacidades humanas ainda mal conhecidas. No meu tempo, a chamada telepatia é terreno onde a especulação e a investigação séria ainda poderão coabitar longamente.

Leitor: – No entanto, é conhecida a existência de grupos de pessoas

(1) - No Jornal de Notícias (de 16/04/96), num artigo do Dr. J. Pinto da Costa (Prof. catedrático e diretor do Instituto de Medicina Legal do Porto) intitulado 'AURA', aborda-se a possível relação entre o "campo magnético de carga elevada que envolve e penetra o corpo humano", a Aura, e a faculdade de transmissão extra-sensorial do pensamento.

que se dedicam ao estudo e investigação discreta destas e doutras questões similares. Esses grupos por vezes assumem uma característica de grande secretismo. Parece que procuram guardar segredos importantes nesta matéria, de que se sentem fiéis defensores. Sabes alguma coisa sobre isto?

Autor: – Como princípio geral, entendo que todo o conhecimento indispensável ao progresso global do homem não deve, seja a que título for, estar sujeito a qualquer tipo de condicionalismos ou a ser produto de exploração, seja de quem for. Poderão existir conhecimentos, que exigem a quem os detém uma segura preparação a todos os níveis, começando pela formação espiritual. Trata-se de salvaguardar o bom uso desse saber, e impedir eventuais imprevistos incontrolláveis (seria impensável, colocar um iletrado a fazer experiências num reator atómico).

Em muitas áreas das chamadas ciências psíquicas compreende-se a necessidade de um certo grau de discrição e, sobretudo, de uma preparação exigente e adequada. Porém, o super-secretismo de alguns grupos poderá estar em contradição com o conceito de Corpo Humanidade e de Fraternidade Universal.

Estou convencido de que os verdadeiramente interessados na evolução global do homem saberão escolher o momento de trazer à luz, pedagogicamente e sem qualquer interesse de domínio ou de manipulação, os conhecimentos que eventualmente guardem. Se isso fosse olvidado, não o seria seguramente pela Natureza. Uma fonte viva, quando tapada durante demasiado tempo, brotará noutras saídas que, entretanto, a sua incontida força acabará por abrir.

Leitor: – E se, nessas novas saídas, surgisse igualmente a tentação da apropriação, da ocultação e usufruto, para proveito restrito, desse manancial originalmente destinado a toda a humanidade?

Autor: – Se todas as saídas se tapassem novamente, o processo acabaria por se repetir tantas vezes quantas as necessárias. Se algumas fontes ficassem abertas, aí, a água fluiria livremente com maior intensidade. Julgo que isto é óbvio.

Leitor: – Ou muito me engano ou acabaste de dar exemplos de dedução intuitiva. Para além das possíveis capacidades humanas já referidas, existem outras, como a intuição e a imaginação, tão rotineiras na vida do homem, como o respirar, o caminhar ou o pensar. São de facto bem visíveis os efeitos da ação dessas capacidades. Basta dizer que todos os eventos construídos ou realizados pelo homem começaram em primeiro lugar por existir na sua imaginação, e que muitos problemas difíceis foram resolvidos com a ajuda da *intuição*.

A nível dos efeitos existe uma grande diferença entre a intuição e a Imaginação, por um lado, e a telepatia por outro. Mas a nível das causas, pouca diferença existe, já que, em qualquer dos casos, o nosso conhecimento se limita, por analogia, à visão da ponta dum icebergue.

Autor: – Se o *Homem do Futuro* vier a revelar novas e até insuspeitadas capacidades, é fácil admitir que todas revelarão um parentesco com as ancestrais capacidades humanas do intuir ou do imaginar. Será sensato admitir que o seu aprofundamento poderá facilitar o despertar de outros, (e mais evoluídos), sentidos no Homem. Como diz Fernando Pessoa: - "*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce!*"

Pena é que a Imaginação não esteja a ser objeto da atenção que merece, já que representa uma das mais importantes alavancas da evolução humana.

Max Heindel, filósofo dinamarquês Rosa-cruz, afirma: -

"Atualmente, existe forte tendência para considerar a faculdade da Imaginação de modo superficial, quando é um dos fatores mais importantes da nossa civilização – Se os inventores não tivessem

imaginação, capaz de formar imagens mentais, os melhoramentos nunca se teriam convertido em realidades concretas."

Leitor: – Será acertado fazer-se agora uma tentativa de síntese: Consta-se que possuímos capacidades que estão longe de ser utilizadas e conhecidas em toda a sua extensão, como será o caso da Intuição e da Imaginação. Afloramos igualmente a possibilidade de, numa perspectiva evolucionista natural, podermos vir a despertar outras eventuais capacidades psíquicas latentes tais como a telepatia e a premonição.

Autor: – Certo! Julgo que é altura de mudarmos de tema. Que dizes se falarmos agora, por exemplo, na problemática das novas tecnologias da informação, da cibernética e por aí fora?

Leitor: – Tudo bem! Começas tu, ou começo eu?

Autor: – Agradeço que sejas tu a arrancar.

Leitor: – Se assim o queres. Ora deixa cá ver. Ah! Em determinado momento, (umas páginas atrás), classificaste de "muleta" as denominadas "super-máquinas de inteligência artificial". Sinceramente, fiquei chocado com essa classificação. No meu tempo, e julgo que também no teu, essas máquinas tornaram-se tão correntes e úteis, que já nada se faz sem elas. A meu ver, e apesar de alguns desvios iniciais que foram sendo corrigidos, essas tecnologias da informação merecem o aplauso geral. Qual o motivo dessa tua opinião pouco favorável?

Autor: – Se esses novos meios merecem o teu aplauso, folgo em saber isso. No meu *agora*, porém, teimam ainda em perfilar-se incógnitas e dúvidas.

No caso específico das ciências cibernéticas, existe alguma contradição entre os meios cada vez mais poderosos de informação e o reflexo dessas tecnologias, a nível da capacidade criativa e imaginativa do homem moderno. Muitos utilizadores de meios informáticos, pelo facto de acionarem com destreza meia dúzia de teclas, ficam convencidos que

foram protagonistas dum processo de criação artística. Limitaram-se, contudo, a dar instruções a um computador para uma impressora registar, no papel, uma criação artística previamente elaborada por outros. Este exemplo ilustra um dos muitos equívocos, que tendem a instalar-se a nível do cidadão comum, apanhado sem qualquer tipo de formação, no advento das novas tecnologias.

Leitor: – Desculpa interromper-te. Parece-me que estás a ser pessimista. A meu ver, o problema não está nessas novas tecnologias, mas no bom ou mau uso que se faz delas. Na qualidade e quantidade de informação e formação que se coloca à disposição das pessoas. Aliás, este problema é extensível a quase tudo o que o homem faz.

Autor:– Gostaria mais de ser rotulado de realista. Reconheço existirem méritos e virtudes nas novas tecnologias da informação, apoiadas ou não na cibernética. Deixa-me ainda por algum tempo encarnar um papel de crítico, mas, construtivo.

Leitor: – Há sempre espaço e tempo para uma boa intenção...

Autor:– Então aí vai: ao insistirmos hoje no aumento exponencial das capacidades das "máquinas inteligentes", não estaremos a retardar o florescer de capacidades humanas ainda adormecidas e necessárias à sua evolução? Será que o conhecimento de nós mesmos passa pela construção do protótipo do homem artificial, réplica e imagem do próprio homem? São questões que entroncam, julgo eu, no tema que estamos a tratar.

Leitor: – O homem, como qualquer outro ser da natureza, está sujeito às leis da evolução. Por incrível que pareça, nem sempre lhe basta o raciocínio, os conceitos de lógica e até de moral, para subir mais um degrau na escada evolutiva.

Normalmente, só aprendemos experimentando, ou melhor, errando. Será por vezes uma aprendizagem dramática, dolorosa, mas a lei natural da evolução acabará sempre por se cumprir. A construção do homem

artificial poderá ser uma dessas experiências, mas o erro só será verdadeiramente perigoso, se não se traduzir, mais cedo ou mais tarde, em aprendizagem, que se refletirá no apuramento do seu raciocínio, dos seus conceitos de lógica e até de moral.

Autor: – Mas julgo que existe um limite para a recaída nos mesmos erros e para o grau de lentidão dessa aprendizagem. Para além desse limite, poderão surgir sintomas perigosos de desagregação a nível da sociedade. A nível da própria Natureza, poderá formar-se um processo de rejeição.

Leitor: – Gostava que concretizasses melhor.

Autor: – Vejamos: a ausência de uma consciencialização, de que cada um é uma parte de um *Todo*, dá abertura à permanência de uma mentalidade antagónica, desfasada e afastada de qualquer ideal de fraternidade. Um corpo, por maior e complexo que seja, pode morrer, se algumas das suas minúsculas células orgânicas se comportarem como "agentes cancerígenos". O efeito multiplicador desses agentes é, quase sempre, nefasto, quer num corpo orgânico natural, quer num corpo social. Um indicador seguro da evolução humana será a avaliação do grau de fraternidade existente entre as pessoas; do grau de harmonia que prevaleça nas relações humanas.

Leitor: – Desculpa. mas nunca a harmonia e a estabilidade absolutas. Uma situação dessas seria igualmente duvidosa. Sem alguma agitação, não poderá existir movimento. E evolução é também movimento.

Autor: – Eu diria que existirá uma proporcionalidade direta entre a necessidade de agitação, de instabilidade, e o grau de consciencialização que se preconiza. Seria trágico, realmente, que a humanidade se cristalizasse, se calcificasse, numa altura em que não tivesse atingido a meta real da sua razão de existir. Teoricamente, essa meta situar-se-á no

infinito. Logo, também se deverá situar no infinito a absoluta paz e a absoluta harmonia.

Já lá vão mais de vinte séculos desde o momento em que Jesus nos ensinou a grande verdade de que somos todos irmãos. Temos de reconhecer que, só muito localizado e pontualmente, tal objetivo se vai concretizando.

O caminho que teremos de percorrer, para atingir essas metas absolutas, é tão infinitamente longo que creio ser muito mais sensato visarmos pequenas etapas de cada vez.

Leitor: – Etapas de aprendizagem do respeito pela diferença e pela diversidade, que já focámos. A humanidade só será um *todo*, se cada pessoa viver em plenitude de liberdade e de dignidade. Se cada indivíduo encontrar a felicidade na relação harmoniosa e fraterna com a sua comunidade.

Já agora, poderás apontar alguns fatores que poderão travar essa consciencialização que preconizas?

Autor: – Ora bem - a primazia do egoísmo; a decadência do espírito associativo; tudo aquilo que possa adormecer ou aniquilar o contacto do homem com a realidade do tecido natural e social do mundo concreto a que pertence, criando-se, em sua substituição, mundos artificiais, ilusórios.

Leitor: – Agradeço que exemplifiques.

Autor: – Olha! Por exemplo: – Envenenar a humanidade com a ilusão mais perversa de prazer, agrilhoando à toxicod dependência, de forma quase definitiva, todos aqueles que, distraídos ou desinformados, tiveram a infeliz sorte de ser apanhados na rede do tráfico, será um exemplo bem gritante. Mas os vendedores de sonhos envenenados não param aí. Já se esboçam novas e sofisticadas dependências, com garantidos efeitos de retrocesso. Que me dizes por exemplo ao chamado

"sexo virtual", cujo anúncio dos seus primeiros passos já foi dado no meu Agora? Decerto que vai aparecer muito boa gente a defender esta nova "diversão" cibernética e a tentar fazer "bom dinheiro" com ela. Vão dizer que será uma forma eficaz de evitar a sida. Que até não será pecado, pois tal eventualidade não foi prevista nas escrituras. Que será uma forma de combater o excesso de natalidade, sem o espectro do aborto, etc. Só não dirão que essa prática será uma forma de evitar que a grande comunidade humana se consolide, ou se realize. Temos de saber conciliar as necessidades naturais do nosso corpo de forma a não entrar noutras vivências não corretas.

Leitor: – Porquê ?

Autor: – Porque, no meu entender, desviar o homem da sua vivência com a Mãe Natureza, criando em alternativa a dependência de mundos artificiais, é sonegar a realização de uma das razões fundamentais do existir: A consciencialização individual da profunda interdependência e unidade com os outros, com o “Todo Humanidade”, com o “Todo Natureza.”

Leitor: – Ou muito me engano, ou acabas de descobrir alguns pecados novos. Teremos de atualizar brevemente os catecismos de quase todas as religiões. A “infidelidade cibernética” passará a ser tão perniciosa como a “clássica infidelidade”, ou mais ainda. Não achas que estes novos pecados, afinal, são os mesmos de antigamente, com outras roupagens, outro visual?

Autor: – Vamos por partes: Eu não falei em pecados, mas ainda bem que tocaste nesse aspeto:

Em primeiro lugar, não está minimamente em causa o meu respeito pela fé e crença de cada um. Se alguém, com base na sua fé, na sua crença e moral religiosas se harmoniza com o grande “Projeto da Criação”, que naturalmente contempla o conceito de Fraternidade Universal, é óbvio que

esse facto será muito positivo. Seria ainda mais se essa harmonização começasse por ser obtida a um nível menos elevado. Se o nosso comportamento social no quotidiano não for caracterizado pela harmonia, pelo respeito e até pelo amor para com o nosso próximo, seja ele a pessoa ou a comunidade; seja ele, o animal, a árvore ou a floresta, então, julgo que pouco significado terão os nossos sentimentos ao nível do espiritual e do religioso.

Para mim, o pecado começa na vida, bem terrena e real, dos seres humanos. Os seus perniciosos efeitos fazem-se sentir, na realidade concreta em que vivemos, quer o pecador acredite ou não no sobrenatural.

Creio sinceramente no sobrenatural como extensão e prolongamento subliminar do natural. Não concebo a possibilidade de se preterir o natural a favor do sobrenatural, como não concebo que se exterminem as espécies animais ou vegetais com o pretexto de favorecer o homem.

Leitor: – Sinceramente, também não compreendo a tendência que ainda prevalece de se separar radicalmente o natural do sobrenatural. Parece que, para alguns, Deus utilizou dois pesos e duas medidas no ato global da Criação. Julgo que continuamos a ter dificuldade em entender que o diferente quer dizer complementar e não qualidade e mérito inferiores.

A nossa intuição referencia o binómio: *Mundo Natural e Mundo Sobrenatural*, como fazendo parte do mesmo gesto divino de criação.

Tudo isto vem a propósito dos novos perigos, ou pecados, que temos de enfrentar no Presente e no Futuro cibernético.

Autor: – Exato. Aliás, julgo que a humanidade de hoje, para reencontrar o correto ritmo evolutivo, vai ter que referendar esses novos perigos e tomar medidas de grande auto disciplina, para os evitar. Por

curioso que pareça, mesmo aqueles que se dizem agnósticos terão de encarar e referenciar esses novos perigos de forma análoga à ancestral atitude do místico perante o clássico pecado.

Leitor: - Sei que o assunto está longe de estar esgotado, mas muito antes de chegarmos às soluções, teremos"que saber equacionar devidamente os problemas que nos afetam e isso também depende do nosso grau de evolução.

Para encerrarmos este último tema, gostaria que abordasses outra questão de natureza diferente:

Referiste a criação artística processada em computador. Gostaria de saber o que pensas da relação da *arte* em particular e com a cibernética em geral.

Autor: – Mais uma partida das tuas! Como também gosto dos desafios, vamos lá tentar. Interrompe, sempre que julgues necessário.

Toda a *arte* se destina a ser captada e assimilada por alguém sensível à mensagem estética implícita. Para isso, o homem serve-se dos seus especializados sentidos para captar o complexo de sensações visuais, auditivas, etc., que integram essa mensagem. Isto é válido para todas as formas de arte, quer utilizem, ou não, meios ou suportes cibernéticos. Numa palavra a *arte* é um belo ato de criação!

TELA

*Um poema,
uma vontade,
reflexos longínquos,
dedos apertando,
fortemente
a paleta.*

*A textura
do vazio
agita-se
na tela,
freme
de desejo.*

Carícias
de marta,
sulcos verdes,
excitação,
clímax,
girândola
ascendente,
arco-íris.

Na janela
para o infinito,
desponta
a aurora
do sonho,
o parto
iminente
da cor.

E
o novo ser
grita,
aos olhos
do mundo,
carente
de amor.

A Arte, corno produto da ação criativa do homem, só poderá existir, verdadeiramente, desde que se dirija à contemplação e à assimilação, de alguém minimamente impressionável por ela, não importa quando. Immanuel Kant na sua "Critica da Faculdade do Juízo" escreveu sobre o interesse empírico pelo belo:

"...Um homem abandonado numa ilha deserta não adornaria para si só, nem a sua choupana, nem a si próprio, nem procuraria flores, e muito menos as plantaria para se enfeitar com elas; mas só em sociedade lhe ocorre ser só simplesmente homem, mas também um homem fino à sua maneira (o começo da civilização) pois como tal se ajuíza aquele que é inclinado e apto a comunicar o seu prazer a outros e ao qual um objeto não satisfaz, se não pode sentir o comprazimento no mesmo em comunidade com os outros..."

Contemplar e assimilar a arte não será propriamente um ato de criação. Será recriação e recreação na verdadeira aceção dos termos. Este facto, só por si, revela a importância cultural da sua divulgação.

Os novos meios informáticos emprestam à arte uma enorme e quase inesgotável plasticidade. Através deles, a criatividade liberta-se das limitações técnicas, associadas aos clássicos suportes (a tela, o bronze, a pedra, o papel, etc.), e poderá exprimir essa libertação. No entanto, devemos estar atentos a outros aspetos menos positivos.

Utilizar, exclusivamente, meios cibernéticos na expressão artística, seria, a meu ver, um erro, já que, à sua inegável plasticidade, se contrapõe uma estreita e arriscada dependência de uma estrutura muito complexa e, como tal, precária. Um dia, um cataclismo ou mesmo uma guerra, poderão provocar uma rutura irreparável nessa estrutura.

Então, a arte das gerações futuras correrá o sério risco de retroceder dramaticamente.

Espero, sinceramente, que nunca se abandone a capacidade de trabalhar artesanalmente o óleo, a pedra ou o mármore. Apesar do confinamento da sua plasticidade, o homem sempre conseguiu atingir, através deles, a expressão do sublime e realizar verdadeiras obras primas.

Leitor:— A arte computadorizada poderá substituir o cinzel do escultor ao "pantografar", para a pedra ou para o mármore, formas e volumes de conteúdo artístico. Não te admires que em breve existam máquinas imitando na perfeição os efeitos de cor, ou as texturas produzidas pelo pincel ou espátula de um consagrado pintor.

Autor: — Ao contornarmos as dificuldades associadas ao domínio da plasticidade dos materiais clássicos, substituindo as nossas mãos por braços mecânicos com comandados cibernéticos, julgo que estamos a enveredar por um caminho de perda progressiva de qualidades humanas. Admito que esse recurso possa ser utilizado em situações de produção industrial. Mas, no tocante à criação da obra de arte, entendo que nunca deveríamos abandonar e esquecer o domínio das tecnologias assentes na intervenção direta dessa maravilha que é a mão do homem.

Leitor: — Deves ter razão. Enquanto prevalecer a atração pelo fácil, pelo rentável, será difícil voltarmos ao primado da mão. Esperemos, porém, que, pelo menos, subsistam sempre alguns heroicos resistentes.

Lembraste bem! A divulgação industrial de arte - o grafismo de uma revista de banda desenhada. Um cartaz para fins publicitários. A produção de um filme com efeitos especiais, etc.

Para mim, estas novas tecnologias têm méritos inegáveis, ao facilitarem (e democratizarem) a divulgação da própria arte clássica, ancestralmente confinada aos palácios senhoriais ou aos museus.

Confesso que não acho que estas novas formas de arte possam intervir negativamente na evolução humana!

Autor: – Não pretendo menosprezar ou ignorar o importante papel dos novos meios de comunicação na difusão da Cultura, da Arte e do Conhecimento em geral. Graças a esses meios, estamos a assistir, em todo o planeta, a uma mutação importantíssima, cujos sintomas começam a revelar-se no alargamento da consciencialização da Aldeia Global a que todos pertencemos.

Não seria uma tremenda contradição da minha parte, só ver malefícios nas novas tecnologias da informação e utilizar um programa informático, de processamento de texto, na elaboração deste livro? Ou, ser um assíduo telespectador de programas de índole cultural de bom nível, infelizmente pouco abundantes?

Leitor: – Estou mais descansado. Cheguei a pensar que eras inimigo irreduzível das "novas tecnologias da informação".

Quando uma nova aplicação tecnológica se reflete negativamente no desenvolvimento das nossas capacidades, sejam elas mentais, espirituais ou físicas, é evidente que deve soar o sinal de alarme na *Nave Terra* e iniciar-se um tempo de reflexão e a sequente correção de trajetória.

Autor: – Claro. As novidades tecnológicas cibernéticas, com forte incidência nos media, normalmente, são desenvolvidas no seio de sofisticados laboratórios de investigação de grandes empresas multinacionais. A preocupação dessas empresas é lançar no mercado produtos cada vez mais atrativos, mais sugestivos, mais comercializáveis. Trata-se afinal de competir, de conquistar o mercado. Por vezes essas empresas vão ao ponto de intervir diretamente na promoção da novidade, criando verdadeiras modas ou até "eras tecnológicas":

A era dos "long plays". A moda dos "walkmans". A era das cassetes,

dos "CDS", dos vídeos. A era da televisão via satélite, da televisão por cabo. A era dos microcomputadores, da Internet; da realidade virtual. A moda disto, a era daquilo e do que já vem a caminho.

Trata-se de criar nos mass media novos hábitos, de novas necessidades. Muitas pessoas ficam mesmo convencidas que a sua realização pessoal depende das "performances" da máquina que adquiriu, ou da máquina que pretenderia adquirir, mas que não está ao alcance das suas possibilidades económicas. Acontece mesmo que muita gente entra em depressão, porque só tem hipótese de ver e admirar essas maravilhas, através dos vidros das montras.

Leitor: – Afinal, as assimetrias económicas fazem parte da realidade da vida. Da sobrevivência. Em todo o tipo de sociedades e sistemas políticos, existem os que têm mais e os que têm menos e, pior ainda, não existe uma justa proporcionalidade com grau de merecimento de cada um.

Autor: – Se vamos entrar nesse campo, então digo-te: mesmo para uma abordagem superficial, não chegaria este livro.

Leitor: – Entendo que, pelo menos, devíamos fazer uma tentativa de conclusão, mesmo sabendo, à partida, que nada é definitivo nesta vida.

Autor: – Seja! Aí vai - julgo que se aplicam às novidades tecnológicas, em geral, e às cibernéticas em particular, as ancestrais leis de causa e efeito, associadas à lei dos contrários. Sempre que surge no horizonte uma novidade desse tipo, cujas potencialidades façam prever amplas aplicações e vantagens para a sociedade humana, logo se perfilam, lado a lado, duas vontades antagónicas – uns, avaliam as implicações positivas e negativas que essa inovação possa refletir em todas as vertentes sociais, ambientais e até espirituais e tentam informar a sociedade acerca da forma mais correta, útil e

saudável de utilizar-se o evento, ou alertar para os seus eventuais perigos – outros, arrancam a toda a velocidade, tentando o controlo absoluto do evento, tendo o lucro como único objetivo. Para isso, não têm relutância em recorrer a todos os estratagemas e atropelos, ao engodo, ao truque.

Leitor: – Não achas, que a segunda e antipática atitude, afinal, foi a que sempre determinou a sobrevivência dos nossos comuns ancestrais nos difíceis tempos das cavernas, em que tinham de lutar tendo como única lei a "Lei da Selva"?

Autor: – Os ditames do "*salve-se quem puder*", em determinadas ocasiões e contextos, poderão ter sido fatores de sobrevivência. No entanto, julgo que o espírito de cooperação e de associação, mesmo quando limitado ao círculo restrito da tribo, foi sempre o fator de sobrevivência mais determinante.

Leitor: – Desculpa. Julgo que essa conjuntura se mantém ainda hoje, mas com uma diferença: o círculo da tribo tende a expandir-se até à dimensão da terra.

Autor: - Exato. E podemos até perspetivar um futuro onde esse círculo se alargue à espiral galáctica... Ao universo. Mas regressemos ao chão da nossa rua! Todos nós herdamos geneticamente esse instinto de sobrevivência. Ainda o possuímos, em maior ou menor grau e julgo que ainda precisaremos dele durante muito tempo. Estamos ainda longe do produto acabado. A criação do Homem não terminou ainda. Quis Deus que nós participássemos também nesse processo. Só assim se poderá subscrever a revelação bíblica da Criação – "*À Sua Imagem e semelhança*"! O Homem seria uma fraude, se não participasse na sua própria evolução, no seu próprio enriquecimento e aperfeiçoamento físico e espiritual. Deus não quererá que seus filhos sejam como máquinas pré-programadas e insensíveis. Um produto acabado, no reino biológico, é um produto sem alma, sem futuro.

Teremos de continuar a nossa ascensão, palmo a palmo. Teremos de prosseguir uma evolução que altera os contextos, obrigando a novas atitudes, novos comportamentos para a ancestral luta pela sobrevivência. Hoje, a antiga "*lei da Selva*" já não se aplica, pelo simples facto da "Selva" ter mudado radicalmente. A "selva" atual é o produto da nossa insensatez, acumulada ao longo dos séculos. É o "*carma*" que ainda não sabemos controlar para benefício de todos.

A nossa sobrevivência depende, muito mais, da educação para a cooperação e fraternidade e da consciencialização para a interdependência ecológica, para a justiça e a paz universais. Cada vez mais, teremos de saber utilizar a inteligência e os sentimentos, para afastarmos definitivamente o espectro do holocausto, engendrado pelos velhos instintos, ainda dominantes.

Leitor: – Concordo! O "Sermão da Montanha" continuará a ressoar com plena nitidez, hoje e amanhã, apesar de ter sido proferido, pela primeira vez, num tempo em que seria impossível prever que, dois mil anos depois, continuaria plenamente atual.

Autor: – Chamam-me! Reclamam a minha presença na sala de jantar, no piso inferior.

"– *O lanche está na mesa! Não demores*"

Tenho pena de interromper o nosso diálogo, precisamente na altura em que esta experiência começava a aquecer.

A minha mulher não gosta muito de esperar. Prometo que voltaremos ao nosso "bate papo".

*Hoje, voltei a não ser.
Recapitulei amores perdidos
e não recordei os achados.*

*Hoje, distraí-me na calma insegura
das noites sem Lua
e assisti ao parto de palavras ocas.
Hoje, quebrei algumas esquinas
de ruas direitas.*

*A esse fenómeno,
tão assustador,
repelido como
coisa absurda.*

*A esse fenómeno,
chamado Verdade.*

*A esses doidos,
que o procuram,
com ansiedade.*

*A esses tresloucados,
fanáticos do Amor,
da Fraternidade!*

*Hoje,
o encontro
é com a nostalgia
suspensa do nevoeiro
que dissolve a outra margem.*

*Hoje,
escuto a fala das pedras
lavradas por mãos,
no pó, já esquecidas.*

*Hoje,
mergulho na torrente,
na atmosfera - digital
da cidade,
procurando as raízes,
a motivação original,
a identidade.*



QUATRO UTOPIAS, NA CIDADE, AO ENTARDECER

(Quando o Palladium era "Palladium")

Aqui, a Luísa, moça desinibida de dezanove anos, refletindo maturidade e alegria de viver, aluna brilhante de filosofia, conseguiu desencaminhar-me para um encontro com dois amigos que só conheço pela descrição entusiástica dos seus ideais vanguardistas.

Tirou-me da amenidade da Igreja dos Congregados e está a fazer-me subir Santo António, com este calor. Se tivesse de andar de batina, seria muito pior, mas este cabeção quase me abafa. Felizmente, ela parece não dar por nada...

Quando me convidou, falou mais uma vez das ideias do Rui e do Octávio. Procuram uma filosofia abrangente que responda melhor aos problemas do homem de hoje. Possuem conceitos diferentes, mas complementares; utópicos, mas bem intencionados. Os jovens de hoje surpreendem-me! Querem saber. Querem certezas, ou pelo menos não se contentam com ideias feitas. Esta tendência já vem de longe. No meu tempo, já se adivinhava. Reconheço! O mundo começa a ser diferente! Para o bem ou para o mal, apesar das mordças e das vendas que o sistema teima em manter.

Oh, Senhor! Qual a melhor atitude? Remar, remar contra uma maré que jamais será detida? Ou juntar-me a ela e tentar compreender? A maior parte dos meus irmãos padres prefere remar! É certo que uma evolução, para ser segura e consistente, deverá vingar no teste da incompreensão e até da declarada resistência. Alguém terá de desempenhar o antipático papel reativo. Tu, Meu Deus! Colocas-me dentro do carro que tenta avançar. Lá sabes porquê!

O Rui deve ser uma espécie de poeta e místico, sob a capa de um vulgar desenhador de publicidade.

Deixa ver se me lembro do resto... Ah! Não pôde ir além dum curso de desenho e pintura da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis. Cedo teve de assumir a sua sobrevivência e a de sua mãe, viúva. Lê muito. Tem veia de escritor, de filósofo, de poeta, e vocação para as artes plásticas. Adicionando a sua peculiar capacidade de síntese, com a qual faz as suas análises por vezes desconcertantes sobre o homem e sua missão na Terra, teremos um esboço aproximado deste jovem idealista.

É católico (a mãe é católica convicta), porém, preconiza o diálogo com outras crenças, praticando e defendendo o ecumenismo. Diz ele:

"– Todas as religiões se voltam para o mesmo Deus, apesar de O referenciarem e adorarem de forma diferente! A minha perspetiva ecuménica implica, em primeiro lugar, que cada um aprenda a respeitar as convicções e credos do seu semelhante, ou seja, aprenda a construir a Fraternidade Universal com a argamassa mais representativa da Obra da Criação – a Diversidade e a Diferença ..."

Porém, apesar de crítico, nunca pôs em causa a religião que os seus pais lhe transmitiram:

"– Cada um, dentro do seu credo de origem, pode contribuir para a progressão a caminho da identidade com o Todo. Não preciso de deixar de ser católico para me relacionar com a diversidade cósmica, que é a característica mais vincada da Criação Divina. Para ser coerente com a doutrina de Cristo, tenho de amar o meu próprio inimigo. Logo, é muito mais fácil ver um irmão naquele que invoca o mesmo Pai Celeste, mesmo que de forma diferente. Por amor a esse meu irmão, tenho de o desafiar a ter a mesma atitude perante a minha fé, as minhas convicções."

Agora, lembro-me. A Luísa também referiu outras afirmações dele, mais ou menos como esta:

"O homem só pode aspirar a uma maior aproximação de Deus e, consequentemente, a uma maior perfeição, se, em primeiro lugar, porfiar no conhecimento de si próprio, como recomenda Sócrates, e, ao mesmo tempo, realizar a missão que lhe está naturalmente destinada.

Neste momento, a humanidade é ainda um embrião nas primeiras semanas de crescimento. É patente a indefinição quanto à sua anatomia futura. Esta fase é particularmente crítica, pois não se sabe ainda se vai abortar, ou desenvolver-se normalmente e cumprir o seu destino.

Enquanto não toma consciência de si mesmo como parte dum 'Corpo', manter-se-ão latentes no horizonte diversas ameaças de aborto, desde o atómico ao alimentar e económico, passando pelos cataclismos provocados direta ou indiretamente pelos seus desaforos de lesa Natureza".

– Meu caro Rui! Devemos ter Fé! Se o nosso destino dependesse só de nós, as asneiras que cometemos, a todo o momento, já teriam provocado a extinção da nossa espécie! Cristo está connosco e guiará os nossos passos na adversidade, ou mesmo quando caímos na insensatez. É evidente que também temos de acordar, de corresponder! Aí, estamos de acordo!

Ah! Também afirma que a unidade desse Corpo depende do cimento de uma forte componente espiritual. Inspirou-se no conceito de "Corpo de Deus" celebrado pela Igreja e pregado, aos primeiros cristãos, por São Paulo. Utopia e idealismo não lhe faltam, graças a Deus! Este nosso amigo vai-me obrigar a uma cuidada atenção. Ainda bem!

O Octávio, que estuda engenharia e mora em Gaia, tem predileção pelo insólito. É um estudioso dos fenómenos inexplicáveis. Vai da parapsicologia à ufologia, passando pela religião e pela ciência. Diz que o seu gosto pelo insólito se deve ao facto de ter sido testemunha de algumas ocorrências estranhas! Que, a partir daí, não pôde deixar de se interrogar sobre a sua explicação.

A Luísa afirma que ele e outros amigos estão a pensar formar um grupo, para se dedicarem à catalogação e estudo de casos insólitos. Só não o fizeram ainda, devido às cautelas necessárias... enfim, à "lei da rolha" que manietta esta sociedade.

Senhor! Imagina! Existem jovens que se interessam, não em jogar o carolo ou em seduzir pequenas à saída das fábricas, mas a colecionar factos esquisitos, para os quais não têm qualquer explicação. Que maravilha!

Tem ideias curiosas sobre os chamados *discos voadores* e, nalgumas afirmações, aproxima-se dos conceitos defendidos pelo Rui, apesar de os visualizar de uma perspetiva diferente.

Estou mesmo curioso por conhecer pessoalmente esses amigos da Luísa.

Que lugar ocupa ela no meio de tudo isto?

Para já, funciona como elemento catalisador, interessando-se por provocar um diálogo descontraído e frutuoso. Gosta de aplicar os seus conhecimentos de filosofia. Cita com facilidade e discernimento Aristóteles, Platão, São Tomás, Descartes, Nietzsche, Marx, Kant, etc. Enfim, tem sido um elemento importante nesta conjuntura. Com a agravante de agora também meter nisto o seu professor de Línguas Latinas.

Ah! Ela vai dizer algo.

– Padre Júlio, desculpe a maçada que lhe estou a dar. Espero que vá gostar dos meus amigos e, naturalmente, da conversa que iremos ter.

Parece que adivinhou os meus pensamentos!

– Ora! Não tem mal, Luísa. É certo que talvez fosse melhor falarmos nos Congregados. Também vou muitas vezes ao Magestic, mesmo ao lado do Palladium. Não faz diferença, o calor é que aperta um pouco!

Que maçada! Não o devia ter dito. Às vezes – vezes demais – distraio-me! Ela vai pensar que vou "pelos cabelos" encontrar-me com os seus amigos. Afinal, o encontro até promete! – Ah! Mas ela vai voltar...

– Padre, este calor é fora de tempo. Até parece que já chegou o

Verão. No primeiro andar do Palladium sentimo-nos bem! Eu costumo ir para lá estudar com outros colegas. Uma das características desse café é o seu amplo espaço. Arranja-se com facilidade um recanto sossegado, onde se pode estudar ou conversar com alguma discrição. Só a partir de uma certa hora da noite é que, dizem, o ambiente começa a degradar-se. Se é verdade o que dizem, será o reflexo da formação e mentalidade das pessoas. Procuram a felicidade no caminho errado.

– A discrição, Luísa, não sei se é possível nas catacumbas de uma Igreja, quanto mais num café! O ambiente depende de nós, da nossa mentalidade cívica, do nosso amor ao próximo!

Não a quero assustar com o medo de certos papões, que também existem. Afinal, não vamos fazer nada de mal, mas o padre Penacova teve problemas com a Pide um dia destes, precisamente devido a uma reunião, que lhes "cheirou a esturro".

– Já que falamos de discrição, vou fazer uma indiscrição.

– Estou ouvindo.

– Sabe porque preferimos reunir no burburinho de um café? Precisamente porque no meio da multidão passamos mais despercebidos. Parece que ainda não fomos formalmente proibidos de nos sentarmos à mesa de um café, mas, reconheço, nunca se está livre de um dissabor! Como diz o padre Júlio nas suas homilias: - "Uma consciência tranquila é imune ao medo!

Afinal, ela conhece os tais papões. Talvez seja melhor assim. A propósito do Padre Penacova, amanhã, às oito e meia, tenho de estar no átrio da Faculdade de Ciências.

– Chegamos, Padre Júlio! Entre, entre. Aproveite! Cuidado com a porta giratória.

Cá estamos! Isto é um mundo.

Curioso! O artista de café, que às vezes vejo no Magestic, está também aqui a fazer as suas caricaturas no tampo da mesa.

A Luísa quase me empurra. Pergunto:

– Sabes onde estão os teus amigos?

–Sei! Estão no primeiro andar. Subimos pela escada à esquerda, logo a seguir ao balcão do café.

Recapitulemos: a Luísa convidou-me para uma reunião com uns amigos. O Rui e o Octávio. Ou muito me engano ou este Octávio é sério candidato a namorado da Luísa. Os seus olhos parecem iluminar-se quando fala dele. Eles encontram-se frequentemente e abordam assuntos de vária ordem, desde a filosofia à religião, passando pela ciência e até pela política?

Porquê este arrepio sempre que penso em política?

Vamos lá ver o que sai. Gostavam de conhecer a minha opinião sobre assuntos filosóficos, teológicos, etc. Ah! já me esquecia. O Octávio parece que vai questionar-me sobre uma referência do Bispo do Porto, numa das suas homilias, à rosa e à cruz. Será que eu saberei elucidá-lo devidamente? Aliás, ele não esconde a sua admiração pelo bispo do Porto. Curiosamente a Luísa também.

É bom estar com os jovens. E melhor ainda ser convidado por eles. Terei a oportunidade de os prevenir sobre os perigos que os espreitam. O Espírito Santo chega com mais nitidez e força aos jovens. A sua intuição, clara e objetiva, é a prova disso. Os jovens têm a linha de comunicação menos impedida pelos detritos da falta de generosidade, e do escamoteamento da integridade e da ética. O pecado velho entope os "canais do espírito" de forma mais radical. Não é Deus que se afasta; é o homem que se torna opaco à sua luz!

Cá estamos na grande sala de jogos. Isto é grande! Não me lembro de ter subido, alguma vez, até cá acima. Muito espaço e uma ampla vista

panorâmica para a grande nave do café, ocupando todo o rés do chão.

Ela puxa-me o braço e indica uma mesa do lado de lá do varandim.

– São aqueles... Padre! Já deram por nós!

Um deles sorriu, de forma particularmente expressiva, na direção de Luísa. É esse, sem dúvida, o tal Octávio!

Hoje sinto-me ansioso, agitado! Descontrai-te!

Vou ver as horas, já deve ser tarde. São cinco e vinte. Tenho de ir andando. É uma estopada ir da Ribeira até à Praça, de "calcantes". O melhor será apanhar um elétrico.

– Mãe! Já vou sair! Talvez não venha jantar. Não te preocupes comigo.

– Z!... X?... J!... T?

Não percebi, mas é a receita do costume:

“– Rui, já vais? Tem cuidado contigo! Não venhas muito tarde”

– Tudo bem! Até logo! – Deixa ver se levo tudo: carteira, bloco de apontamentos, lapiseira, dinheiro, passe do elétrico. Hei! Estou todo despenteado. Faz jeito este bengaleiro com espelho, à saída.

Afinal o que é que vou dizer aos outros? Ora bem: ao padre quero colocar-lhe a questão crucial, o clássico "conhece-te a ti mesmo", em versão mais moderna.

Porra! O pente arranha! Está mesmo a precisar de reforma. Finalmente a caminho! Encantas-me, Douro! És sempre bonito! Vejo-te todos os dias e nunca me canso da tua paisagem, dos teus "rabelos", navegando mansamente a caminho da Régua. Gosto de ver o cinzento da ponte, puxando para o rio as duas margens. Parece que a Ponte de D. Luís esteve sempre ali, que nasceu com o rio. O sol poente ilumina toda a paisagem. Ah! Douro! Se soubesses como se vive aqui por debaixo destes arcos - os dramas, a miséria... Talvez saibas!

A reunião do Paladium pode ser importante. Sinto uma tremenda expectativa...

Já vejo o Palácio da Bolsa e o Mercado Ferreira Borges. Lá está o Infante a apontar o horizonte do mar. Gosto daquela sua incansável atitude – Além! Sempre mais além! É isso! Temos de prosseguir na grande caminhada!

Vem aí um elétrico. E vai mesmo para a Praça. Faço sinal e já estou entrando, no meu jeito especial. Os lugares estão quase todos cheios, menos os laterais. Os da coxia. Vou aproveitar sento-me aqui mesmo ao lado desta mulher idosa.

Não! Não se trata de uma mulher idosa! As rugas pronunciadas, o seu ar profundamente abatido, é que a fazem parecer mais velha. Não é idade. É o espelho, o reflexo de uma vida atribulada. Ela olhou-me. Mas que estranho aquele olhar! Que angústia. Não posso suportar. É melhor, suavemente olhar para outro lado. Não sou capaz de a enfrentar...

Parecia um apelo profundo, como de um naufrago. Há ali uma infinita tristeza. Aquele olhar revelou-me, num ápice, uma vida inteira de sofrimento. E ela sabe-o. Tem consciência de que merecia outro destino. Ela sabe que não foi criada para aquela situação.

Parece que entrei num filme neorrealista. Afinal, aquela mulher faz parte de mim! Não posso esconder-me ou ignorar a sua existência. Eu

sou! Eu existo, também, naquela mulher!

Olho novamente para ela. Procuro os seus olhos. Corresponde e pareceu-me que esboçou um leve sorriso. Agora levanta-se e dirige-se para a saída. Não sei porquê, mas nunca vou esquecer esta mulher!

Mais uma paragem. Saio também. Cá estou na Praça da Liberdade. Defronte, olha-me com altivez a águia do Café Imperial.

Gosto da minha cidade. Da cidade onde nasci, por vezes sombria e triste. Mas a vida também é assim; alterna o cinzento, com a colorida e radiosa esperança.

Ora bem! O melhor caminho... Vou por Sampaio Bruno, Sá da Bandeira... e depois é só subir Passos Manuel. Acho que vou chegar a horas! Ainda dá para ver que peça vai no Teatro Sá da Bandeira – a mãe precisa de se distrair.

Não me sai da mente a visão daquela mulher... Pobre muito pobre, mas, dir-se-ia, algo culta. Roupas extremamente simples, remendada mas limpa, muito limpa... É isso! Aquela mulher tinha alguma cultura! Talvez, no seu passado, tenha vivido bem. As suas roupas de tons cinzentos, revelam que deve ter enviuvado. Talvez seja essa a razão da sua dor e infortúnio. Num ápice, com o olhar, revelou-me todo o seu drama, todo o seu universo vivencial. Gostava sinceramente de voltar a encontrá-la.

Olha! o Sá da Bandeira! No próximo sábado estreia a peça (...) vou falar à mãe. Tenho que a trazer cá, mas vai custar convencê-la. Se convidar também a Dona Rosa, ela acabará por vir. Vou tentar! Talvez ela gostasse mais de ir ao cinema. Pouco passa das cinco e meia, ainda dá tempo para espreitar os quadros do Coliseu...

Aquela sensação que eu tive. Identifiquei-me plenamente com a mulher de cinzento. Estranho! Muito estranho! Estamos profundamente ligados uns aos outros. Uma ligação tão grande como as células que

constituem um corpo. Sejamos realistas, esse corpo ainda está numa fase muito primitiva, muito grosseira. O progresso mede-se ainda pela capacidade de se construírem automóveis, barcos, aviões, sofisticados mecanismos, etc. No entanto, o verdadeiro progresso terá de ser avaliado pelo grau de fraternidade existente entre todos os seres humanos. Pela capacidade de nos reconhecermos verdadeiramente como irmãos no nosso relacionamento social e quotidiano.

"– Rui! Lá estás tu com as tuas utopias, com o teu idealismo" – dirão eles lá no encontro do café Palladium".

Claro que vou usar os meus argumentos. No mundo em que vivemos, só há duas alternativas: ou construímos essa fraternidade começando, evidentemente, por uma consciencialização da nossa identidade coletiva, logo a partir da instrução primária, ou andamos sempre em guerra, sempre a aniquilarmo-nos, sempre a violentar-nos, até nada restar.

E se lhes falar daquele meu exemplo preferido?

"– Imaginem vocês que a vossa mão direita, sem mais nem para quê, embirra com o vosso nariz (a pretexto de ser curto ou comprido, tanto faz...) e começa a esmurrá-lo violentamente. Logo, a vossa mão esquerda, a pretexto de socorrer o nariz, toma uma faca e desata a golpear a mão direita. Esta, ao ver-se assim atacada, mune-se de um machado e... zás! Corta alguns dedos à mão esquerda. Entretanto o nariz pede auxílio aos dentes e estes desatam à dentada à mão direita. Depois o pé esquerdo entra na escalada e começa a dar caneladas na perna direita. O pé direito reage com um embuste: oferece uma atraente bola de futebol ao pé esquerdo, coloca-a na marca para o grande pontapé da estreia, mas, manhosamente, não avisa que a bola é de pedra.

Em pouco tempo, imperam fraturas, edemas, lacerações. Em pouco tempo, o caos e a destruição tomam conta daquele corpo!

Imaginem, meus caros amigos, o espanto, a perplexidade, digamos até, a infinita vergonha que irão ter todas aquelas respeitáveis entidades anatómicas, quando descobrirem que fazem parte íntima do mesmo corpo! É caso para se dizer: – Quanto mais depressa se envergonharem, melhor!”

Estou com curiosidade de ver a reação do reverendo a estas ideias. Talvez se limite a achar graça. Ou talvez, quem sabe, não ache graça nenhuma.

Cá está o café Palladium! Mas ainda é cedo. Vou dar um salto ao Coliseu. É perto e bom caminho.

Já vejo os cartazes: No Olímpia vai...("..."). Este não me agrada. No Coliseu... Ah! Já consegui ler. Vai o filme ("...") com o ator ("..."). Não é filme que interesse à mãe, mas, como é no Coliseu – ela adora o Coliseu – talvez acabe por vir.

Bom! Ela que escolha: o Coliseu, o Sá da Bandeira, ou fica, mais uma vez, para a próxima...

Já agora vou aproveitar para dar uma vista de olhos nos quadros.

– Oh, senhor! Hoje não quer comprar nenhum livro? Tenho aqui novidades para si da coleção que você gosta! Da Coleção Argonauta. Olhe! –"O Dia das Trífides", este livro está esgotado. Guardei-o para si! Simpática esta miúda. É pena o outro estar sempre enlaçado nela, aqui mesmo, nas escadas do Coliseu, mas qual é o problema?

– Agora, não! Estou com pressa. Guarde-me, por favor, o livro. Eu passo por cá mais logo! Vamos lá para o nosso encontro!

Agora reparo, a fachada do Palladium ostenta outro enorme cartaz do filme que vai no Coliseu. Só falta mesmo convencer a mãe!

O autocarro não sai do sítio. A esta hora anda-se mais depressa a pé. Ainda nem sequer chegou à Ponte de D. Luís. Não é tarde, mas com este andamento vou chegar a meio da reunião! Que maçada!

Irei falar da experiência vivida no sábado passado? Não sei... Sou capaz de criar um clima de pouca credibilidade e prejudicial ao debate que gostaria de provocar em torno de outros temas que interessa abordar. Vamos ver! Na altura se verá...

A Luísa (querida Luísa) é mesmo um encanto. Não descansou enquanto não convenceu o reverendo, seu professor de línguas latinas, para se reunir connosco – e logo no Palladium.

Ah! Aquele dia em que a conheci. Tão longínquo e tão próximo.

Lá estava ela, em bicos de pés, esticando-se em cima do escabelo enquanto ia dedilhando os ficheiros dos arquivos da Biblioteca Municipal de São Lázaro. Lá estava ela, atenta aos títulos das fichas que passavam rapidamente pelos seus lindos olhos castanhos. Lá estava ela, saltando do ficheiro onomástico para o decimal e do decimal para o didascálico.

Providencial ideia aquela de ir consultar, nesse dia e àquela hora, os ficheiros da Biblioteca Pública:

Manual, manual de construção de um telescópio artesanal. Nada, não encontro nada. Manual do Astrónomo Amador, vamos lá a ver. Maluquice a minha! Então não vês, mesmo aqui ao teu lado, uma "estrela"

em carne e osso?"

Depois, funcionou o meu incurável espírito de escuteiro. Oferecer os meus préstimos para ajudá-la a encontrar a obra que tão afanosamente procurava, foi um instante. Ainda me lembro: era um livro sobre Filosofia Tomista. Hesitou, sorriu e, de repente, mais afoita:

"— Agradeço-lhe, mas parece que o livro que eu procuro não existe nesta biblioteca. Mas já agora... se quiser tentar..."

Solícito, palmilhei todos os caminhos de consulta que ela já percorrera. Naturalmente, o resultado foi nulo. Com um sabor a desaire na boca, confirmei o que ela já sabia: havia dois livros sobre esse tema, mas nenhum deles era o que Luísa procurava.

Aquele episódio, aparentemente inglório, foi o começo de uma relação frutuosa (ou amorosa?), que tem evoluído ao longo dos meses e promete não ter fim.

Ela é mesmo uma pessoa interessante!

Finalmente já estou a atravessar a ponte. Vejo daqui os arcos da Ribeira. Por cima daquele, à esquerda, mora o Rui. A estas horas, já deve estar no Palladium.

Posso respirar um pouco. O autocarro chegou ao fim da carreira. Desço aqui, na Praça da Liberdade.

Agora vou direto a Passos Manuel, "a toda a brida". O que me poderá dizer um padre sobre discos voares? Ou melhor: sobre a hipótese da existência de vida noutros planetas?

Bom! Se eu fosse padre era capaz de responder que essas hipóteses, em primeiro lugar, se situam exatamente no campo das hipóteses. Talvez dissesse que era uma possibilidade a ter em conta, mas que, de momento, os seres humanos em geral e a religião em particular, tinham outras preocupações em agenda.

A Luísa contou-lhe que eu vi um disco voador, quando tinha dezasseis anos, e que, a partir daí, fiquei apanhado pelo dito fenómeno. Confesso. Seria indiferente ao problema se, porventura, não testemunhasse esse acontecimento numa bela noite de Maio! Foi uma experiência, simplesmente, inesquecível e perturbante. Que seria aquilo?

Tenho conversado muito com a Luísa sobre este tema. A princípio ela não apanhou a onda. Ouvia-me com a paciência de uma verdadeira amiga que se esforça por dialogar. Ultimamente, parece que se deu um "clique". Principalmente a partir do momento que lhe levei o inquérito remetido pelos meus amigos do insólito.

As suas respostas foram mesmo um espanto:

– Pergunta nº 4: – O que lhe desperta mais interesse no estudo do insólito? Resposta da Luísa:

– A possibilidade de fornecer elementos para o estudo e conhecimento de mim mesma e da sociedade humana a que pertenço!

Pergunta nº 5: – E o que lhe desperta menos interesse nesse estudo? Resposta da Luísa:

– "A tendência para um rápido fabrico de hipóteses e para estudo quase exclusivo das vertentes físicas do fenómeno, ignorando-se a sua interação com o observador em particular, e com o homem em geral". O Insólito deveria produzir interesse e estudo em duas direções distintas, mas complementares: – Interesse e estudo pelo fenómeno em si. – Interesse e estudo pelo facto de existir um ser, chamado homem, que observa e reage ao fenómeno com interesse e estudo.

Sempre a divagar, já estou a chegar a Passos Manuel. Bolas! O sinal vermelho! Já não bastava o atraso do autocarro? Eles já devem estar à minha espera há mais de dez minutos.

O trânsito ascendente de Sá da Bandeira continua parado à minha direita. Da esquerda não vem nada. Vou-me escapar.

Alto! Alto lá! Disfarça o gesto. Então não vias ali mesmo à tua frente o homem do capacete branco? Aguarda! O civismo é muito lindo!

Pela hora, já me devem estar a roer na pele. Este encontro, para mim muito especial, merecia toda a pontualidade.

Aqui, sente-se o pulso à cidade. Pelas ruas empedradas, flúi uma corrente de vida humana. Que motivações impelem estes "glóbulos" numa roda-viva? Haverá alguma motivação igual à do "glóbulo" chamado Octávio Freitas? Haverá por aqui alguém apressado, como eu, para chegar a uma reunião de amigos, que vão discutir utopias à mesa de um café? Deve ser quase impossível encontrar duas motivações iguais no meio desta multidão.

Irei contar ao padre as minhas experiências a nível do paranormal, ou a tal observação do disco voador? O padre vai-me excomungar pela certa!

A Luísa é minha cúmplice neste sarilho. Mas que o encontro é aliciante, lá isso é! Revelou-me que o seu professor era um padre diferente, aberto ao diálogo e sem temas tabu. Estou ansioso por conhecê-lo. Talvez o questione sobre o significado da "rosa" e da "cruz" referidas pelo Bispo do Porto numa das suas célebres homilias.

Estou mesmo a ver o padre a sorrir uma dúvida condescendente, quando lhe falar da minha convicção na existência de outras vidas ou civilizações no Cosmos.

Que fantástico! Que sensação, seria a de contactar um ser extraterrestre! Um representante de um universo psíquico e biológico totalmente desconhecido. Esse ser representaria toda uma evolução e trajetória de Vida, diferente da nossa, biliões de anos a partir do primeiro organismo vivo que surgiu no seu distante planeta. Ele refletiria a síntese da civilização que representa. O produto de uma evolução por vezes difícil e dolorosa, mas finalmente triunfante e sobrevivente. Uma

civilização com as suas cidades, as suas ruas, onde, quem sabe, o tráfego das cidades seja suave, ordenado, ecológico...

"- Piiiiiii. Piiiiiii. Piiiiiii. " (?) Uf! O apito do sinaleiro acordou-me. O homenzinho verde já brilha. Posso finalmente atravessar.

Cá vou eu, feito cavaleiro medieval e em plena liça. Acelero na direção do adversário, esquivo-me para a esquerda, estaco, furo pela direita e eis-me do outro lado, ileso. Agora, toca a subir Passos Manuel. A corrente é forte no sentido contrário. Avanço com dificuldade. É melhor descer o passeio e ladear, ladear, o rio humano. Agora sim! Cá vou levado por estas duas pernas de montanhês citadino, enquanto sinto na pele o arrepio das tangencias dos seres de quatro rodas.

Irei mesmo falar dos hipotéticos seres extraterrestres? Porque razão temos quase sempre a tendência para imaginar um ser extraterrestre, como sendo um monstro horrendo? Nos filmes, ou nos livros de ficção científica, esses hipotéticos seres são, geralmente, caracterizados como terríveis inimigos, que nos querem destruir ou escravizar. Um ser que consiga fazer uma viagem interestelar, penso que estará tão avançado, será tão evoluído, que não deve precisar nem cobiçar absolutamente nada de nós! Poderá ter as suas razões para vir até cá. Mas não será para colocar aqui um padrão dos descobrimentos ou montar uma alfândega.

O Rui é de opinião que se trata de uma espécie de reação instintiva que ainda não controlamos. Para nós tudo o que é diferente é suspeito. É o inimigo! Um dia, ele esboçou uma curiosa hipótese, aplicando aos extraterrestres o conceito de "Corpo", tanto do seu agrado. Disse ele: "Estou convencido de que a identificação de todos os seres humanos com o Corpo - Humanidade será uma meta a atingir, ou um caminho a percorrer analogamente por todas as humanidades ou civilizações existentes no cosmos. É fácil admitir que o simples facto de um extraterrestre conseguir chegar ao nosso planeta, seja uma

consequência de uma grande aproximação à realização do "Corpo" no seu mundo. Depois dessa meta, logo outra se perfila: a maturação do Corpo Galáctico a caminho do Corpo Universal.

Passei agora junto da entrada do Ateneu Comercial. Falta pouco! Olá! No caudal vem uma flor a boiar, como um nenúfar à tona. Que fragrância, que harmonia! Oh! Perdão, cavalheiro, desculpe, foi sem... Já lá vai! Nem pestanejou.

Enfim, cá estamos no Café!

Gosto deste sussurro, desta barulheira familiar do costume. Parece que vi a silhueta da Rui, lá em cima, junto da balaustrada. É ele! Deve estar chateado por esperar. Curioso, parece estar sozinho...

Já estou cá em cima. O Rui, como sempre distraído, não me viu. Sorrateiramente, por detrás, vou dar-lhe uma palmada!

Gosto deste fim de tarde quente e luminoso. A cidade, hoje, revela uma faceta peculiar: o sortilégio dos reflexos do sol poente nos vidros das janelas e nas claraboias, que emergem da manta retalhada dos telhados, estendida pela encosta até à Batalha.

Atravesso aqui, do Passeio das Cardosas para a Praça da Liberdade. Mais um pouco e estou na Igreja dos Congregados. Espero encontrar o Padre Júlio. E se ele não vem? Não deu a certeza, apesar de ter revelado interesse no encontro. Achei curiosa a série de perguntas que

ele me fez acerca do Rui e do Octávio. Era bom que fosse ao Palladium. Notei-lhe uma certa hesitação. O facto de não dar a certeza. Será que tem algum problema com a hierarquia? Ou receia a PIDE?

A semana passada, no intervalo das aulas, quando eu e a Clarisse o encontrámos no bar da faculdade, confidenciou-nos que tinha feito uma descoberta curiosa: alguém o teria classificado de padre progressista. Ora, pelos vistos, ele é alérgico a esse tipo de classificações:

"– Desejo somente ser padre e nada mais. Estou longe de ser um padre exemplar mas, se tentasse com mais afinco imitar o Mestre, acabariam por me rotular, talvez, de comunista. Logo, esses "ditos" não me afetam."

Só há uma forma de saber se ele vai: é chegar até à sacristia.

Este silêncio! Esta soturnidade, na nave da igreja, convida ao recolhimento. Um verdadeiro oásis para o espírito, onde, por momentos, podemos encher o coração de Paz e fazer uma ligação com o Divino.

Ah! Está ali o velho sacristão. Vou perguntar.

– Viva, senhor Álvaro! O padre Júlio está?

– *Não, menina, ainda não chegou! Mas não deve demorar. Ele disse-me que vinha cá hoje ao fim da tarde. Espere um pouco, na salinha.*

Ele veio! Que bom! Ainda esperei um bom bocado. Quase desesperava, mas já vamos a caminho. Isso é o que interessa. Vinha afogueado. Cumprimentou-me e só disse:

"– Vamos já, Luísa. Espera um pouquinho!"

Noto que ele está um pouco cansado. E agora será pior, pois estamos a subir Santo António.*

* Atualmente tem o nome de "31 de Janeiro".

– Padre Júlio, desculpe a maçada que lhe estou a dar. Espero que vá gostar dos meus amigos e, naturalmente, da conversa que iremos ter.

– Ora!, Não tem mal, Luísa. É certo que talvez fosse melhor falarmos nos Congregados. Mas também vou muitas vezes ao Magestic, mesmo ao lado do Palladium.

– Não faz diferença, o calor é que aperta um pouco!

Ele vai muitas vezes ao Magestic. Estou mais habituada ao Paladium. Gosto dos grandes espaços, mas reconheço que o Magestic é também um café com muita história. Estes locais perfeitamente identificados com a vida da cidade do Porto, deveriam ser preservados para as gerações vindouras. Fazem parte da nossa identidade cultural. Espero que o Padre goste do café Palladium. e depois desta maçada e deste calor.

– Padre, este calor é fora de tempo. Até parece que já chegou o Verão. No primeiro andar do Palladium sentimo-nos bem! Eu costumo ir para lá estudar com outros colegas. Uma das características desse café é o seu amplo espaço. Arranja-se com facilidade um recanto sossegado, onde se pode estudar ou conversar com alguma discrição. Só a partir de uma certa hora da noite é que, dizem, o ambiente começa a degradar-se.

Não vou falar na PIDE. Se eu lhe contasse o que estão a fazer ao jornal editado por um grupo de jovens e onde o Rui é colaborador. então ele...

“– A discrição, Luísa, não sei se é possível nas catacumbas de uma Igreja, quanto mais num café! O ambiente depende de nós, da nossa mentalidade cívica, do nosso amor ao próximo!”

Chegamos a Santa Catarina, e sempre a conversar. Agora é só mais um saltinho e estamos no café. Tenho de estar alerta. Ocuparemos uma mesa onde não esteja mesmo ninguém por perto. Já sei como vai ser: o

Rui vai entrar pela filosofia e política adentro. Quando se entusiasma, ouve-se a mais de dez metros. Parece que já estou a ouvi-lo:

“– Na medida em que cada um, dentro da esfera da sua ação, contribuir para a unidade e harmonia entre as "células" que lhe estão mais próximas, também esse Corpo Global refletirá o resultado positivo e negativo desse processo." Ou então:

"– O socialismo marxista do Leste é uma experiência que está a ser testada por uma boa parte da humanidade. Esta experiência político-ideológica é uma consequência explicada pela lei de causa e efeito, ou seja, surgiu imposta revolucionariamente como reação natural a uma intolerável situação social, calamitosa, discricionária e injusta. No entanto, julgo que estará longe de constituir a última fórmula salvadora. Aliás, estou convencido de que só uma consciencialização cívica e ética, entendida e processada livremente a nível íntimo de cada indivíduo, poderá ser o suporte de uma revolução verdadeiramente transformadora. Além disso, a construção da fraternidade coletiva poderá ser também associada à cultura, à mentalidade e à educação cívica de um povo. Nunca será o reflexo de uma coação ou de uma imposição. Nada acontece por acaso. Há sempre uma razão, uma causa, um objetivo. É uma experiência que está a decorrer. Apesar de tudo, sempre iremos aprender algo, como já aprendemos com outras experiências realizadas no ontem, e continuaremos a aprender no hoje e no amanhã.

Até as ideologias anarquistas serão necessárias no "caldo de cultura", donde sairá o homem do futuro. Entretanto, as leis da evolução humana tenderão sempre a selecionar, ou a modificar, os sistemas políticos que impeçam a dignidade individual. É assim: derrubando frustrações e erguendo esperanças que iremos construindo a Fraternidade. Historicamente, esse processo tem sido doloroso, sobretudo quando se desenvolve num contexto político, que não permita a mudança ou o teste

pacífico de experiências. Onde não exista a imprescindível liberdade democrática." Ou ainda:

"– Sou pela Democracia. Estou convencido de que, mais dia menos dia, o nosso país acabará por ser democrático. Vai ser obrigado a isso ou, então, perde definitivamente o comboio. Uma democracia de verdade! Um sistema político onde os cidadãos possam escolher livremente o estilo de governo e seus líderes. Quando digo escolher livremente, quero dizer que as pessoas devem ter também acesso a uma instrução, a uma cultura, capaz de formar uma opinião verdadeiramente livre."

Estou a ver o Octávio a entrar em debate, dizendo mais ou menos a mesma coisa, mas de forma diferente. O pai trouxe-lhe de Inglaterra algumas revistas sobre política, o que o habilita a falar sobre a já longa experiência democrática inglesa. Acho-lhe graça quando faz extrapolações para hipotéticos estilos de Democracias, que o homem poderá vir a experimentar:

"– No futuro, os líderes políticos devem ser escolhidos pela sua competência e honestidade. Deveria instituir-se, oficialmente, um curso de formação de líderes políticos, cujo acesso exigisse, entre outras condições, um irrepreensível currículo, a nível da honestidade e competência, e a prova inequívoca de obras já realizadas em prol da comunidade. Eu, para ser engenheiro civil, uma profissão que lida essencialmente com cálculos de resistência de materiais, tenho de tirar um curso de vários anos. E um político que vai liderar pessoas, cujo comportamento, a meu ver, é infinitamente mais complexo, não necessita de conhecer minimamente a natureza do "solo" onde pretende atuar?"

– Como vai conciliar essa exigência com o livre sufrágio universal, base do sistema democrático?

"– Minha cara amiga! O que precisamos, para já, é que a Democracia seja instaurada. Precisamos terminar com a Guerra Colonial e

instituir uma constituição democrática. Depois temos de seguir o caminho dos outros países democráticos: cometer muitos erros para irmos aprendendo, até chegarmos aos calcanhares dos que vão à nossa frente. Quanto mais tarde isso acontecer, pior.”

Cá estamos no café!

– Chegamos, Padre Júlio! Entre, entre. Aproveite! Cuidado com a porta giratória.

“– Sabes onde estão os teus amigos?”

– Sei! Estão no primeiro andar. Subimos pela escada à esquerda, logo a seguir ao balcão do café.

Como de costume o café está animado! Uf! Estou a ficar cansada! Finalmente, chegamos ao cimo das escadas! Lá está ele, o Octávio ali, ao lado do Rui!

– São aqueles Padre! Já deram por nós!

O vaivém constante dos que entram e saem mantinha em rotação quase permanente as duas portas giratórias da entrada principal do café Palladium. Rui Sá entrou por uma dessas portas aproveitando ágil uma aberta, providencialmente sincronizada com o seu passo. Atravessou, decidido, a grande nave central do rés-do-chão e subiu, na mesma passada, as puídas escadas de acesso ao primeiro andar onde se localizava a grande sala de jogos de bilhar. Mal aí desembocou, os seus olhos

procuraram de imediato o local pré-combinado do encontro. Foi o primeiro a chegar. Com algum desapontamento, procurou uma mesa vazia, junto ao grosso varandim de madeira, que limitava a grande abertura retangular, onde se devassava amplamente o piso inferior. Daí, o olhar dominava toda a enorme nave do café. Defronte, um pequeno grupo de jovens, debruçados no outro lado do varandim, fazia a cobertura completa dos centros de interesse erótico, que iam referenciando lá em baixo. Rui Sá manteve-se distraído com os seus pensamentos durante alguns minutos. Uma viril palmada no ombro fez voltar-se. Octávio, exibindo um sorriso em forma de cumprimento, perguntou:

– Só estamos nós? E pensava eu que era o último!

Puxou de uma cadeira e, enquanto se sentava, o Rui retorquiu:

– Ena! Por onde entraste? Estava aqui a olhar para baixo e não te vi chegar.

– É natural. Entrei pela porta do lado, pela Rua de Passos Manuel. Com certeza estavas a olhar para a entrada principal, que dá para Sta. Catarina, e não me viste.

– Bom! Agora, era preciso que chegassem os outros. Retorquiu o Rui, voltando a olhar lá para baixo, dando agora também atenção à porta de acesso a Passos Manuel.

Durante quase um minuto, mantiveram-se em expectante vigilância, até que foram inquiridos, por um empregado do café, acerca do que desejavam tomar. Rui sugeriu-lhe que voltasse quando chegassem mais duas pessoas. Depois do empregado se retirar, o Octávio propôs:

– Olha! Já agora. E se fossemos falando sobre o objetivo deste encontro? Confesso que tenho dúvidas, se devo ou não devo, falar de certos temas, por exemplo...

– Não sei se vale a pena, Octávio. O Reverendo Júlio e a Luísa

acabaram de entrar pela porta principal e dentro de momentos estarão aqui.

Lá em baixo, fervilhava o ambiente característico das grandes confluências humanas, marca inconfundível da vida imersa da urbe antiga que se chama Cidade do Porto. As formas circulares das mesas de vidro espreitavam por entre a pequena multidão sentada, revelando com dificuldade a sua disposição retilínea. Ali, duas morenas-loiras, de perna alçada, alardeando suas minis e uma descontração teatral de pseudo-esquecimento, retorquiam, com sorriso fácil, às murmuradas interpelações de dois jovens, que com elas partilhavam uma das mesas centrais.

Em redor, gente que "cuca" o que está e o que vai. Gente que lê ou estuda. Que escrevinha, ou emborca, em goles rápidos e coreográficamente iguais, a bebida que mandou vir. Gente que conversa e ri. Cigarros esquecidos. Olhos vagos a trespassar espirais caprichosas. Paisagem castanha, violada de quando em vez pela mancha alva de um empregado, deambulando num imaginário labirinto, fazendo planar, com destreza, por cima das cabeças, bandejas saturadas de bebidas. Amálgama de vozes humanas. Choques e entrechoques, metálicos e cristalinos, de talheres e copos. Simbiose multifacetada de ruídos e reflexos, onde, por vezes, se distingue o som metálico de moedas tilintando. Sussurro monocórdico, só com a interferência sonora do limpo bater das bolas de bilhar, rolando ao longe, nas grandes mesas de pano verde.

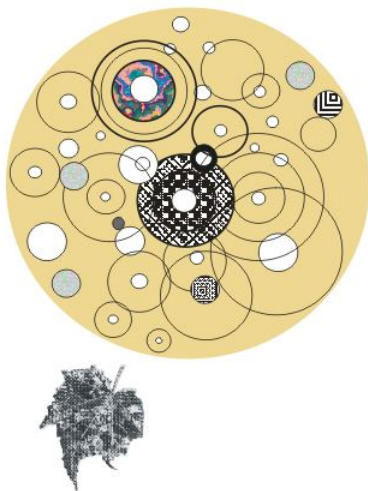
Na Serra do Pilar, junto ao mosteiro, dois namorados enlaçados olhavam na direção da barra do Douro, como que hipnotizados pela beleza do crepúsculo. Mais adiante, outro casal empurrava um carrinho de bebé, em passo lento e descontraído. O carrilhão do mosteiro bateu as sete badaladas do fim de tarde, enquanto a sua cúpula era lambida pelas últimas carícias de um ocaso primaveril. Lá em baixo, a Ponte D. Luís cumpria a sua tarefa de cordão umbilical entre duas margens.

O céu azul ia já escurecendo para os lados de nascente, quando um meteorito deu o primeiro sinal de que, em breve, a Via Láctea iria entrar em cena.

Como definir
esta desfocagem
permanente?

No afastamento
raia a manhã no prado verde.
Na aproximação
gela-se na aridez do deserto.

Como acabará
este esboço interminável,
sempre a safar,
sempre a riscar,
sempre procurando
no espaço infinito
o Universo que trago
cá dentro?



Universo – convencimento,
Universo – miragem
daquilo que julgo,
mas que não é.
Universo – realidade,
Universo – contraste
daquilo que é,
mas que não julgo.

Universo – engano
onde o sonho
passou brincando.

ONDE ESTÁ O LEITOR? NO CENTRO DO UNIVERSO!

Leitor: – No primeiro capítulo, estive para te interromper acerca dum conceito aflorado por ti. Na altura não me atrevi a "cortar o fio à meada." Refiro-me à expressão: "*Centro Universal de Consciência*".

Gostava que me explicasses o que significa para ti esse conceito e se te inspirastes nalguma corrente de pensamento filosófico.

Autor: – Realmente utilizei a expressão "*Centro Universal de Consciência*". É legítima a tua curiosidade e vou tentar satisfazê-la.

Começo pela questão da corrente filosófica – nunca foi minha intenção transformar este descontraído "bate papo" numa abordagem, mais ou menos erudita, mais ou menos académica, de temas ou conceitos filosóficos. Não está em causa, obviamente, o profundo respeito e admiração que tenho pela Filosofia e pela plêiade de insignes pensadores que desde Aristóteles ou Platão, passando por São Tomás de Aquino, Kant, Russell, Teilhard de Chardin ou Agostinho da Silva, registaram, de forma objetiva e clara, as deduções do seu pensamento sobre as imensas e transcendentais questões do ser e do existir.

Durante esta nossa conversa é natural que surjam expressões que, eventualmente, poderão lembrar conceitos filosóficos consagrados em manuais ou obras do mesmo cariz.

Convidei-te para uma conversa informal. E conversar é também, em grande medida, um ato cultural por excelência, refletindo, mesmo que

inconscientemente, o produto da assimilação dos métodos de raciocínio e o pensamento que os Mestres nos legaram. Numa palavra: conversar, no estilo que adotamos, é também, de certa maneira, filosofar. Tudo quanto dissermos estará, à partida, influenciado pela cultura da sociedade onde estamos inseridos e pela marca indelével do pensamento desses filósofos que nos precederam. Se porventura sair daqui algo que se assemelhe à clássica, ou mesmo moderna, filosofia não será intencional. Se algo semelhante já emergiu, ou vá emergir nestas páginas, será sempre uma filosofia do tipo, digamos, "naífe".

Leitor: – Julgo que entendi. Já agora um aplauso para a citação do nome de Agostinho da Silva. Mas também aplaudiria se referisses o nome de António Aleixo.

Autor: – António Aleixo? Tens toda a razão! Ainda bem que lembraste esse ímpar poeta e filósofo popular, autor de quadras como esta:

*"Eu não tenho vistas largas
Nem grande sabedoria,
mas dão-me as horas amargas
lições de filosofia"*

Continuaremos a filosofar, sem pretensiosismos, tomando como modelo inspirador o nosso grande António Aleixo. Prosseguiremos as nossas abordagens, conciliando o atrevimento de penetrar num terreno ancestralmente reservado a predestinados, com um contemplativo assombro e profunda humildade.

Iremos, pois, com os pés assentes no "*saber de experiência feito*", conversar em tomo do conceito subjacente ao termo "Centro Universal de Consciência", que empreguei no primeiro capítulo.

Como primeiro passo, proponho um pequeno exercício de introspeção: Vamos supor que preferes fazer este exercício quando caminhares por uma rua da povoação onde vives ou trabalhas. Não interessa qual o teu destino. Só importa que, em determinado momento, desligues os automatismos naturais, que intervêm inconscientemente durante uma marcha, e tomes consciência de todo o movimento dos teus membros inferiores e superiores e da tua respiração. Depois, observa atentamente tudo o que te rodeia. Constatamos, por exemplo, que os estímulos visuais, emanados da realidade exterior, entram por uma espécie de ampla "janela", de contornos difusos. Que essas sensações sejam recebidas, entendidas e registadas, algures, no interior de ti mesmo. Com um pouco mais de atenção, verificaremos uma ténue e diluída mancha rosada na base inferior dessa "janela", que depressa são identificadas como sendo a silhueta, desfocada, do teu nariz. Procura identificar quem recebe, quem entende e quem regista esses estímulos. Notamos que és tu mesmo, o teu Eu, que está lá no "centro" para onde convergem todas essas mensagens, sinais e sensações. Também tomarás consciência de que esse Eu não poderá ocupar o "centro" de outro Eu, e que o "vice-versa" também é verdade. Numa palavra, descobrirás que és uma "Individualidade". D. António Ferreira Gomes* na sua mensagem de Natal de 1956, referiu a propósito do "Eu":

"O Mérito da filosofia de hoje é decerto ter voltado ao carácter único de cada um: que nós somos o nosso Eu e que este se nos torna consciente por si mesmo, não pelo Absoluto ou pelo Inconsciente, pelo Coletivo, pela massa ou pela raça, ou qualquer expressão de panteísmo.

* Bispo do Porto de 1952 a 1982, bem conhecido pela sua verticalidade, coerência e independência em relação ao poder governativo de então, facto que lhe valeu o exílio. Faleceu no ano de 1989.

O Eu é um ser e o seu próprio modo de ser, a sua consciência psicológica e exigência de consciência moral, não um momento, uma aparência ou modo de ser de qualquer ideia em evolução, duma raça ou dum partido ou do Estado, nem sequer um modo de ser do próprio Deus. Este é o sentido do valor da pessoa - ser por si e em si."

Sentirás também que o teu corpo funciona como intermediário entre o mundo exterior e o teu *Eu*.

Grosseiramente, poderíamos afirmar que o teu corpo é uma máquina biológica, onde o *Eu* despertou ao longo dos anos para a realidade do mundo exterior. Além disso, através dos sensores biológicos do corpo, permite-te interagir com esse mundo. Não sei se até aqui fui suficientemente claro. Agradeço que me interrompas se, por ventura, desejares rever ou até contestar algum raciocínio até agora produzido.

Leitor: – Ao ler-te, recordei alguns textos sobre temática yoga que li em tempos. Existe alguma semelhança. Mas, valha a verdade, creio que fizeste uma abordagem diferente. Uma abordagem "*terra a terra*".

Acho, porém, que não estará ainda bem definida e explicada a tal expressão: "Centro Universal de Consciência."

Autor: – Ótimo! Se uma abordagem "*terra a terra*" ajudar, então, essa será a nossa linguagem de trabalho. Ainda mal comecei a desmontar a tal expressão denominada "Centro Universal de Consciência."

Vamos avançar mais um pouco – recorro novamente, "*terra a terra*", a um exercício. Quando puderes, isola-te no silêncio do teu quarto e estende-te descontraidamente no leito ou num sofá. Respira pausadamente, sem esforço, cerrando lentamente os olhos, de forma a sentires uma sensação de paz a tomar conta de ti. Depois,

progressivamente, deves assumir uma atitude de plena lucidez, abrangendo conscientemente toda a realidade que te cerca, ou melhor, que te afeta objetiva ou subjetivamente. Subtilmente, ver-te-ás no centro do teu Universo Interior, consubstanciado no enorme conjunto de recordações, experiências e sensações, que acumulaste, desde o primeiro segundo da tua conceção genética até à última fração de tempo que acabastes de viver.

Toda a tua vida, com os seus problemas, virtudes e defeitos e a recordação dos teus familiares, amigos, ou mesmo adversários, forma um imenso firmamento de constelações, que gira em torno do teu *Eu*, o "Centro" dessa imensa "esfera celeste". Já Kant, na sua obra "Críticas da Razão ", afirmava :

"...Não é o objeto que está no centro e o observador à volta, mas o observador que está no centro e os objetos à volta..."

Podes escolher a "constelação" que desejares visitar. Aquele episódio da tua vida, aquela situação que te marcou de algum modo, ou visualizar cenários possíveis de situações que prevejam venham a ocorrer num futuro próximo ou longínquo. Basta que o pincel da tua Imaginação volte a colorir e a dar vida às tuas recordações, ou a dar forma aos teus anseios.

Ali, reconhecerás a queda abaixo da figueira, quando, aos nove anos, roubavas figos na quintal do vizinho; a tua primeira experiência sexual quando tinhas 11 anos; o toque que deste num automóvel, quando, há cerca de dois meses, ias a sair com o teu carro, do parque de estacionamento.

Acolá, o problema profissional que não há forma de tomar o rumo que desejas; a saúde dum familiar que está em perigo; a resposta que terás de dar, em breve, a um pedido. Mais além, as tuas preocupações de

carácter mais transcendente, como o religioso, o filosófico ou o ideológico; as interrogações sobre o "*de onde vim?*" "*Quem sou?*" "*Para onde vou?*" ; a antevisão do último alento de vida terrena.

Leitor: – Estava a gostar de te ouvir, ou melhor, de te ler, mas não resisto a colocar-te uma questão: se bem entendi, esse Universo Interior, que todos nós possuímos e em cujo centro se encontra o nosso *Eu*, é diferente e único de pessoa para pessoa. Não é assim?

Autor: – Isso mesmo!

Leitor: – Então, como é enquadrado nesse universo Interior o conhecimento e as sensações reais que temos do universo físico exterior? Que eu saiba, esse universo exterior é igual para todos.

Autor: – Em primeiro lugar, entendo que o Universo Exterior não é percebido e entendido da mesma forma por todos. Tu, por exemplo, tens a tua percepção pessoal da realidade do microcosmos e do macrocosmos. Essa realidade está refletida na abóbada do teu Universo Interior, exatamente com a medida e qualidade do grau de sensibilidade dos teus sentidos e da tua capacidade de a entenderes, ou de a imaginares. Por sua vez, essa capacidade depende, diretamente, do teu grau de instrução e de cultura.

Se, por hipótese, a tua conceção do Universo se tivesse cristalizado na ideia prevalecente, séculos atrás, de que a Terra era plana ou de que o Sol girava em seu redor, então, o teu Universo Interior* refletiria, cabalmente, qualquer uma dessas tuas conceções do Universo Exterior.

Na fase evolutiva do meu *Agora* não existe na sociedade um nível cultural sem assimetrias e desigualdades. O grau de cultura das pessoas

* As denominações “Universo Interior” e “Universo Exterior” são desde 2020 conhecidas como “Cosmos Interior” e “Cosmos Exterior”.

depende não só da sua qualidade de vida (e esta, infelizmente, não é igual, para todos) mas sobretudo da sede de saber que depende de muitos outros fatores de ordem vivencial e individual. Interessa referir que os Universos Interiores refletem, também, essas diferenças e desfocagens.

À medida que um cidadão, animado de uma positiva curiosidade de saber, for atualizando o seu conhecimento acerca do Cosmos, também o seu Universo Interior irá assumir essas novas dimensões, características e qualidades. Porém, mesmo aqueles que se situam já na vanguarda do conhecimento e da cultura, não possuem uma conceção acabada de toda a realidade que o cerca. Possuem somente um "bilhete" para assistir, num lugar central, ao filme das constantes mutações do conhecimento humano acerca do Cosmos.

A conceção científica do Universo está de facto a alterar-se profundamente a todo o momento. Qualquer cidadão de mediana cultura, e possuidor de alguma curiosidade, pode ter acesso fácil a uma informação, superficial mas relativamente atualizada, sobre o evoluir das fronteiras do conhecimento científico.

Esse conhecimento é veiculado e incrementado, também, pelos 'media', facto que constitui exemplo duma utilização positiva dos novos meios de informação. Um conhecimento mais aprofundado destas questões poderá ser obtido, com relativa facilidade, por bons artigos publicados, periódica ou ocasionalmente, na imprensa — atrevo-me a citar como bom exemplo, os artigos do Dr. José Fernando Monteiro publicados quinzenalmente, aos sábados, no Jornal de Notícias, para além de boas obras de Autores nacionais (infelizmente ainda raros) e de numerosas traduções estrangeiras.

Assim, começa a ser corrente encontrar pessoas que já têm uma ideia, por exemplo, das teorias do "Big Bang" e da "Expansão do Universo".

Mesmo que essas teorias não sejam muito propícias a uma assimilação fácil e clara, o Universo Interior dessas pessoas começa a refletir esse novo conhecimento, essa nova visualização do Cosmos.

Leitor: – Sintetizando, poderemos afirmar, julgo eu, que cada ser humano possui um Universo Interior tão específico, tão particular como a sua "impressão digital". Existem imensas características ou variáveis que definem, quer o carácter individual, quer a conceção que cada um tem da realidade que o cerca, ou da realidade que imagina existir para além do seu mundo perceptível.

Se ficarmos por aí, pode-se vir a admitir que, afinal, os seres humanos estão acorrentados à inamovível contingência de estarem sempre sujeitos a uma escala de valores diferenciada, que reflete o seu grau de instrução e cultura, a sua categoria social, a sua situação económica, etc. Ora, isso não se ajusta ao princípio de que todos somos irmãos e filhos do mesmo Deus.

Como vamos então conciliar estas duas realidades, aparentemente antagónicas?

Autor: – Essa é uma boa pergunta. Acabaste de dar um exemplo flagrante das virtualidades do diálogo. Em primeiro lugar, podemos abordar essa questão pela vertente do conceito de justiça. No momento em que cada ser humano vem ao mundo terá culpa de nascer num lar pobre, onde não terá possibilidades de adquirir uma instrução mínima? Terá culpa de herdar geneticamente taras e doenças dos seus progenitores? Terá culpa de ser baixo ou alto, ou propenso ao álcool ou ao crime? Como se compreende, essas e muitas outras contingências vão marcar a anatomia qualitativa e espacial do Universo Interior de cada um.

Leitor: – Eu diria mais: no exato momento do ato da procriação, ou melhor, um bilionésimo de segundo antes da perfuração do óvulo feminino pelo espermatozóide vencedor da grande corrida, o ainda "projeto" de ser humano corresponde potencialmente a um ser perfeito.* Um ser ainda não marcado pela herança genética dos seus progenitores, que, por arrastamento, inclui a de todos os seus ancestrais até chegar ao protozoário, primeiro protagonista de vida terrena. Depois de se consumir a fecundação, começa a sua viagem rumo a uma realidade marcada pelos traumas de uma evolução coletiva difícil e pelo ferrete hereditário, condições económicas e educacionais do seu lar e características sociais da própria sociedade onde vai emergir.

Autor: – Um terrível dilema esse. Mas, cada ser humano que nasce, é também uma promessa de luz e de esperança. Aos poucos, por maiores e intransponíveis que pareçam os males que marcam a sociedade humana, essa "Luz" irá desbravar mais caminho, rumo à transformação da Terra numa verdadeira estrela do espírito.

Leitor: – Voltando ao tema do Universo Interior e a propósito da relativamente recente teoria do "*Big-Bang*", gostaria de te colocar uma questão, relacionada com uma das muitas dúvidas que possuo. Além disso, esta questão tem algo a ver com o tal "Centro", que estamos a escapelizar – será que, neste momento evolutivo, o Universo terá um centro? Será que esse hipotético centro é o lugar, o micro ponto, onde inicialmente aconteceu o referido "*Big Bang*"?

Autor: – Registo a mesma dificuldade. Mas não fiques dececionado; parece-me que ainda ninguém tem a resposta certa. Naturalmente, um astrónomo talvez te pudesse responder muito melhor a

* Agora não será bem assim. Infelizmente, sabemos que os próprios espermatozóides, não estão totalmente fora da genética, boa ou má, dos seres humanos.

essa questão. Tendemos a conceber o Universo (o microcosmos e o macrocosmos) como um exemplo de infinito. Logo é pressuposto que não terá fim e não é possível determinar o centro de algo que não tem fim. Pela mesma razão, qualquer ponto geográfico do Universo se poderia considerar como sendo um centro!

(Cautela – uma infinidade de "centros" é radicalmente diferente do geocentrismo de Ptolomeu. Nada de confusões.)

Leitor: – Parece ter existido, de facto, um momento, um micro espaço, em que tudo começou, a partir do nada absoluto ou quase absoluto. Uma explosão, um "Big Bang", cuja expansão ainda continua.

Autor: – Julgo que não será assim tão simples. Lembra-te que também não é nada fácil definir um centro numa realidade caracterizada por urna ausência absoluta de espaço, a não ser que, no momento zero do "Big Bang", só existisse centro. Um centro de nada, contendo tudo!

Por muito tempo ainda, continuaremos às voltas com estas questões singulares do universo, onde habita o grão de poeira que é a nossa galáxia, e onde, por sua vez, orbita a partícula infinitesimal, que denominamos de sistema solar.

Em contrapartida, o centro do nosso já referido Universo Interior, mesmo reconhecendo que não é mensurável, ou suscetível de se traduzir numa fórmula matemática, acaba por ser mais entendível, mais acessível à nossa compreensão intuitiva. Talvez um dia a matemática também integre o referencial "Eu".

Através do exercício de relaxamento, anteriormente proposto, poderás tomar consciência, ou identificar a percepção desse "Centro Universal de Consciência". Ao referenciares a projeção de todas as sensações e conhecimentos que marcaram a tua existência até ao

momento instantâneo que define o chamado *Presente*, o teu "*Eu*" é o espetador central de um filme, de uma superprodução, cujo título de cartaz é o teu nome de batismo. Verificamos que és o espetador por excelência! O único! Mesmo no centro de um imenso cinerama.

Nesse firmamento, nessa esfera celeste interior, está também a tua conceção, o teu conhecimento de todo o Universo Exterior. Daí, eu ter utilizado a expressão "Centro Universal de Consciência".

Todos os seres humanos poderão, com mais ou menos dificuldade, referenciar ou descobrir o seu Centro Universal de Consciência. Diria mesmo: todo o ser vivo possui, em potência, esse centro, que será mais ou menos consciencializado na medida do seu grau de evolução.

Julgo que já te forneci muito material para contestares, completares, ou mesmo recusares linearmente.

Leitor: – Entendi que não devia interromper essas tuas entusiásticas deduções. Ocorre-me, porém, fazer um comentário – não achas que a imagem que traçaste poderá desresponsabilizar o *Eu* de cada um, em relação à sua conduta para com os outros, a sociedade em geral?

Autor: – Antes pelo contrário - a visão do "filme cinerama" da tua própria vida poderá ser profundamente pedagógica. Obrigar-te-á a fazer, de forma altamente introspetiva, o auto-julgamento, a tua autocrítica plena! Ficarás a saber se gostas do teu desempenho como ator principal. Se não estás enganado no guião escolhido. Através dessa visão poderás orientar-te no sentido de melhorar significativamente as sequências seguintes desse filme.

Leitor: – Essa autocrítica poderá contemplar também o nosso estilo de relacionamento e de intervenção no chamado Universo Exterior?

Autor: – Acabaste de colocar a questão crucial da Ecologia.

De facto, existe uma interação permanente entre o nosso "Universo Interior" e o "Universo Exterior". Essa interação nem sempre é

equilibrada, nem sempre é pacífica. Se o nosso "Universo Interior" se caracterizar pela convicção ou visão de que o Cosmos é um terreno onde temos de exercer o nosso domínio, ou um animal que temos de domar, julgo que nessa eventualidade, estaremos a afastar-nos da sintonia ideal. Da perfeita harmonia entre as duas realidades.* Hoje, conhecemos, infelizmente, o resultado desse trágico entendimento do Cosmos: ar poluído, rios sem vida, florestas queimadas, a desertificação, o efeito de estufa, o mercúrio galopante no mar, o buraco no ozono, etc., etc. No entanto, essa trágica realidade é o espelho do que se passa no "Universo Interior" de muitos seres humanos, que, usufruindo de poder, não o utilizam para o bem comum. Para esses, o *Outro* não existe. Para esses, só eles existem e os seus interesses imediatos. Tudo o resto é coutada para conspurcar e destruir.

Leitor: – Este estilo de conversa informal revela-se de facto interessante. E lá vêm mais umas tantas cerejas, encadeadas, a sair do saco.

Ainda bem que referiste o *Outro*. Ia mesmo solicitar que abordássemos a realidade crucial do *Outro*, do *Nós*, do *Eles*.

Desculpa, mas continuo a pensar que o conceito de "Centro Universal de Consciência" poderá levar a admitir que só existe um *Eu* (o próprio), sendo tudo o resto, (incluindo os outros *Eus*), reduzido a simples sensações e nada mais.

Autor: – Agora tenho a certeza de que o nosso diálogo vai ser mesmo interessante. Essa solidão, no centro do *Universo Interior* de cada um, entendo que é só aparente. Para mim, a realidade do *Outro* é tão importante como a realidade do *Eu*. É na simplicidade que devemos tentar

* Ler o meu livro editado em 2025 "Dualidade"

encontrar explicações para muitas questões aparentemente complicadas. Afinal o que é o *Outro*? Eu faço a pergunta porque também sou o *Outro*. Eu, para os meus outros, sou o *Outro*. Em relação, por exemplo, a ti, Leitor, eu sou um *Outro*. O vice-versa, naturalmente, também é verdade. Temos de concordar que existe uma absoluta paridade entre o *Eu* e o *Outro*, ou o seu plural *Outros*.

Leitor: – Desculpa interromper-te. Quando visiono o meu *Universo Interior*, o *Outro* surge nesse firmamento como uma espécie de estrela, que gira nesse firmamento em tomo no meu "centro". Não posso por isso pensar que na realidade só eu existo e o resto são sensações, aparências, que chegam de algures?

Autor: – Vamos ver se consigo expor o meu ponto de vista: É excelente essa visão simbólica do outro, representado no firmamento do nosso *Universo Interior*, como sendo uma estrela. Porém, não nos podemos esquecer que o nosso *Eu* é também uma estrela presente no firmamento dos *Outros*. Assim, quando afirmamos que o nosso *Eu* está no centro do nosso *Universo Interior*, teremos, sempre, de acrescentar:

"E no firmamento do Universo Interior dos Outros".

Leitor: – Mas, como se poderá aplicar esse princípio, no caso, por exemplo, de um naufrago que vai dar à costa de uma ilha deserta e vive lá sozinho até ao fim da sua vida?

Autor: – Repara: o *Outro* está sempre presente no firmamento do *Universo Interior* desse Robinson Crusoe. Se não está presente no relacionamento direto, estará presente na recordação. Além disso, o lugar do *Outro* também poderá ser ocupado diretamente por um animal, planta, ou algo que tenha originado nele algum grau de empatia.

Leitor: – Julgo que, até aqui, conseguimos aguentar razoavelmente os embates. Há pouco, porém, surgiu, de chofre, um estranho ponto de

interrogação na minha mente. Tão estranho e desajustado que hesito em atirá-lo para a mesa.

Autor: – Apresenta a questão. É para isso que chegamos aqui, depois de ultrapassarmos o tempo e o espaço. Venha lá esse ponto de interrogação.

Leitor: – Vais-me desculpar pelo derrotismo implícito.

Que utilidade prática terão estas análises, estas deduções, este, como dizes, "filosofar naïfe", que temos vindo a digerir? Alguém, algum dia se irá beneficiar deste nosso devaneio? Ou estaremos só a gastar tempo?

Autor: – Conseguieste surpreender-me, mais uma vez. Compreendo a tua intenção e louvo-a mesmo. É necessário nunca perder de vista uma aplicação, minimamente realizável na vida real, das ideias produzidas!

Esta questão aplica-se também aos milhões de livros que já se escreveram, desde que se inventou a escrita, e aos que se irão escrever. Muitos desses livros apontaram soluções, sugeriram éticas, deram conselhos, sempre com a melhor das intenções, sempre esperando contribuir para a felicidade humana. No entanto, não se poderá dizer que, mil novecentos e noventa e seis anos depois de Cristo, tenhamos conseguido realizar mesmo um esboço do almejado Paraíso Terreno.

Quererá isto dizer que nada valeu a pena? Qual seria o panorama deste mundo, sem essas tentativas, essas ansiedades, mesmo que utópicas?

É vulgar dizer-se: "para colher é necessário semear". Se a semente é importante, o campo onde ela cai é fundamental. Não admira: é desse campo que vai brotar a semente e o resultado da próxima colheita. O importante é existir uma vontade, uma pressão anímica interior que tem de sair, que tem de se exprimir sob a forma de um livro, de uma tela, de uma escultura, de uma mensagem ou gesto criativo. Se reprimirmos a

força que faz germinar a semente, então sim, a colheita ficará comprometida, adiada.

Mil novecentos e noventa e seis anos depois de Cristo* não se conseguiu realizar mesmo um esboço do Paraíso Terreno. Mas não achas conseguiu realizar mesmo um esboço do Paraíso Terreno e que esse facto confirma a transcendência da semente, que nessa remota época foi lançada à terra? Repara: hoje, o seu objetivo fundamental, ou seja, a realização da fraternidade na terra, o Corpo de Deus, não é ainda perceptível. Ou seja: o “campo” ainda não está preparado para essa semente germinar em plenitude. Será possível que, dois mil anos atrás, o “campo” estivesse preparado para germinar essa semente? Mesmo quem se posicione numa atitude religiosamente neutral, terá de concordar que a mensagem que culminou no Gólgota não se ajusta minimamente à lógica de qualquer cálculo de probabilidades.

Leitor: – Tocaste num assunto muito importante. A mensagem: *"Ama o teu próximo como a ti mesmo"* contém em si uma profunda filosofia de vida, mas ainda hoje não é entendida. Aparentemente não aponta nada de impossível, nada de transcendente. Nada que não se entenda facilmente. Não diz que devemos dar a volta à Terra ou ir à Lua. Só diz que devemos amar os nossos familiares, os nossos vizinhos, os nossos amigos, os nossos colegas de trabalho, todas as pessoas com quem nos cruzamos ou relacionamos no nosso dia a dia. Enfim, o nosso próximo, o "Outro".

Autor: – De acordo. De facto, como foi possível ter surgido, dois mil anos atrás *Alguém* com essa mensagem clara e simples, de tão profundo

* Para a atual edição seriam cerca de dois mil e vinte e três anos.

significado e, afinal, para nós ainda tão difícil de realizar?

Se todas as "*pedras*" estiverem bem unidas umas às outras, toda a parede estará sólida. Tão simples e ainda tão difícil.

Leitor: – Já agora, não me poderás dizer se, para além da tua parede, não poderíamos adotar também a análoga força de atração dos átomos entre si?

Autor: – Admito que as forças que atuam a nível do infinitamente pequeno têm uma decisiva importância na consistência e forma de todo o Universo. A força de atração entre os átomos será excelente para descrever, por analogia, a importância da coesão, o grau de fraternidade, entre as pessoas. Entre o Eu e os Outros. Cometem-se frequentemente graves atentados à pessoa humana, quer em atos violentos, quer através do embuste e da mentira, ditados muitas vezes pela ânsia de poder e de domínio. Ao cometerem-se essas arbitrariedades, estamos a provocar, a nível anímico, uma verdadeira cisão atômica, que poderá colocar em causa a solidez de todo o conjunto, adiando mais uma etapa a caminho da realização do Corpo.

Repara: a unidade e interdependência entre o Eu e o Outro é tão radical e inseparável, que o próprio Corpo-Humanidade não existiria sem a junção de um *Eu* com um *Outro*: a união sexual de um homem com uma mulher. Possuímos, (incluindo todos os outros seres vivos) características anatómicas vocacionadas para o relacionamento do *Eu* com os *Outros*. Para quê os nossos órgãos da fala? E os da audição? Os olhos, as mãos, os órgãos reprodutores?

Leitor: – Antes de encerrarmos este tema, gostaria de conhecer o que pensas sobre o enquadramento de tudo quanto foi dito até aqui. A tua visão de conjunto abarcando todos os *Eus*, todos os *Outros*, todos os *Nós*, todos os *Eles*.

Autor: – De facto, a visão de conjunto, do *Eu*, do *Outro*, do *Nós* e do *Eles*, é muito importante. Trata-se de um exercício de síntese, quase impossível, mas deve ser tentado. Sabemos que ficaremos sempre aquém da verdade. O simples esforço da tentativa será sempre útil. Abordamos a inter-relação entre o *Eu* e o *Outro* a partir da visualização íntima do *Universo Interior* de cada um. Se fôssemos capazes de visualizar mentalmente o conjunto de todos os seres vivos, transportando os seus *Universos Interiores* e os seus "centros", veríamos um espetáculo surpreendente. Essa visualização teria de ser independente da realidade espacial exterior. A proximidade ou afastamento entre a imensidade existente de *Universos Interiores* seria medida, não em distâncias, mas em intensidade de sentimentos de atração ou de repulsa. Quanto mais afinidade ou Amor, mais próximos. Quanto mais estranhos ou desamor, mais afastados.

Teríamos também de visualizar mentalmente os interesses ou características comuns a um determinado conjunto de *Universos Interiores* – a família, a roda de amigos, o grupo de futebol, a associação de bairro, seriam exemplos de pequenos conjuntos inter-relacionados e, por sua vez, inseridos noutros muito mais amplos como: a religião, o partido, a nacionalidade etc. Finalmente, todos estes grandes conjuntos evoluíram em tomo de um ponto central, que seria uma espécie de lugar geométrico onde se cruzam todas as características comuns aos *Universos Interiores* da Humanidade e de todos os reinos da Natureza. Um ponto só percebido e referendado graças a um profundo esforço de consciencialização.

Leitor: – Afinal, acabaste de descrever algo parecido com uma visão do nosso *Universo Exterior*, ou melhor uma visão da nossa galáxia. Tanto quanto eu sei, na nossa galáxia, existem milhões de estrelas, agrupadas em sistemas solares, que, por sua vez, formam conjuntos a que chamamos constelações, que, por sua vez, evoluem em tomo do seu centro.

Autor: – Como já referi, penso que o conjunto de todos os *Universos Interiores* não é para ser visualizado em termos espaciais, mas em termos, digamos, sentimentais. O resultado será idêntico, mas a motivação será diferente.

Avançando para a conclusão deste tema, direi que também existe alguma analogia entre esta visão de conjunto e o efeito ótico que, partindo de uma situação de desfocagem de um ponto luminoso, evolui para a focagem. Por vezes, no cinema, assistimos ao aproveitamento desses efeitos. Aparecem, primeiramente, diversas fontes de luz difusa, independentes mas desfocadas, em volta das quais se percebe um halo luminoso. Curioso é o efeito de focagem lenta - à medida que o halo se reduz e o difuso se aproxima do nítido, também todas essas fontes de luz se aproximam, até à sua completa justaposição. No final, o efeito ótico resume-se a um só ponto luminoso, brilhando com extrema nitidez, no centro do ecrã!

Leitor: – E, hoje, é ainda a desfocagem que caracteriza a nossa humanidade. Pouco a pouco, cada uma dessas centelhas, irá tornar-se mais nítida, mais perfeita. Então, a força de atração do Amor Universal provocará a justaposição no Centro.

A alguém
que sonha
o meu sonho
e o teu
e joga ao pião
com a Eternidade.

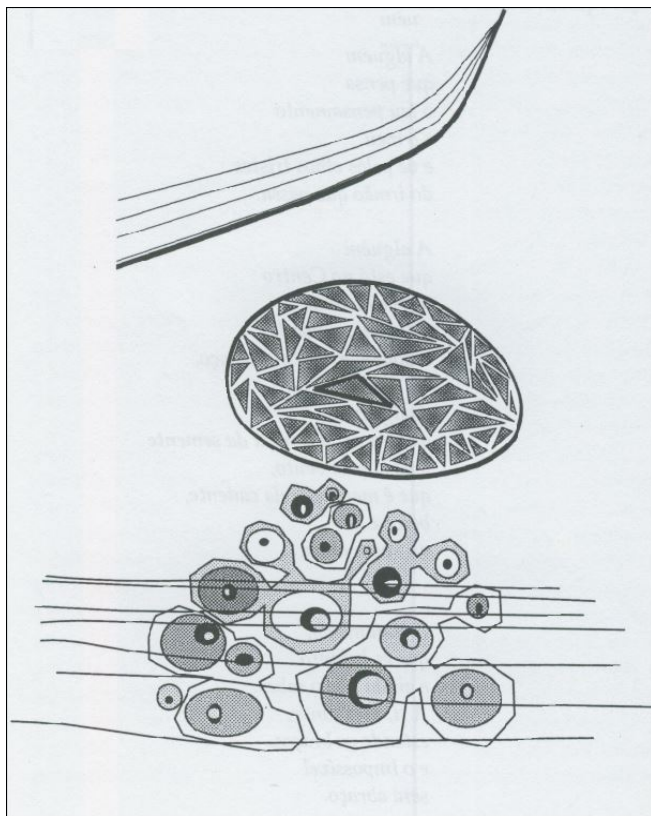
A alguém
que pensa
o teu pensamento
e o meu
e vê pelos olhos tristes
do irmão que passa.

A alguém
que está no Centro
de ti e de mim
e das humanidades
daquém e dalém Espaço.

A alguém
que é a razão oculta da semente
levada pelo vento,
que é mar e estrela cadente,
berço e lar
da nossa alma.

A ti, também,
que és Infinito
e ainda não o sabes.
A ti, meu amor,
estendo os braços,
e o Impossível
será abraço.

*Como é bela a natureza quando namora.
Como é poderosa e fantástica quando se irrita.
Destrói-se a si mesma a toda a hora,
e a toda a hora se renova e purifica.*



VIAGEM TELÚRICA

Autor: – São Pedro do Sul é na Beira Alta e a pouco mais de cem quilómetros do Porto. Obviamente, estou a formular um convite para, mais uma vez, tornares assento na nave espaço-temporal da tua imaginação e viajares até à aprazível povoação deste concelho, famosa pelas suas termas e onde me encontro em tratamento e repouso.

Encontras-te já no interior do pequeno quarto que aluguei nesta casa branca, semi-isolada, situada ao fundo de uma quintinha da encosta do Vale do Vouga, a menos de um quilómetro da moderna estância das Termas de São Pedro do Sul. O "Jornal de Notícias", comprado hoje de manhã e abandonado desleixadamente em cima da cama, tem a data de quinta-feira, 18 de Abril de 1996. No relógio de pulso são 15 horas e 28 minutos.

Os meus dedos percorrem o teclado do pequeno computador portátil, instalado numa mesa de campismo, entalada entre a cama e uma janela à direita, onde se vislumbra o verde da encosta. A persiana corrida coa os raios do sol criando condições apropriadas para o trabalho de processamento de texto que decorre.

Ficaste a conhecer, sumariamente, as minhas coordenadas espaciais e temporais.

Agora reparo. Está quase a chegar a hora dos meus tratamentos. Seria para mim um grande prazer contar com a tua companhia. Além disso, mereces um pouco de descontração. Só tenho pena de que não possas partilhar este ar puro e as puríssimas águas termais.

Leitor: – Não estava a contar com uma visita guiada a umas termas. Deve ser interessante. Quanto ao ar puro e às famosas águas, bom... contento-me, para já, com os efeitos positivos de uma boa auto-sugestão. Terei sempre a oportunidade de, um dia, experimentar ao vivo.

Autor: – Ótimo! É só desligar o portátil, meter no meu saco os apetrechos termais, enfiar os sapatos e cá vamos a caminho da porta de saída localizada na grande sala de estar dotada de panorâmicas janelas e destinada ao lazer e convívio dos eventuais hóspedes. O mobiliário consta de dois sofás, um maple, um aparelho de televisão, uma grande mesa de pinho e respetivos cadeirões e, para quando o frio apertar, temos ali uma ampla lareira, ao centro da parede, à direita.

Já vou a descer as escadas exteriores do andar da casa. Estamos agora a atravessar o grande pátio, que existe defronte, coberto por uma ramada, onde começam já a despontar folhas e rebentos. Promessas de boa sombra para Junho e de bom vinho lá para os fins de Setembro. Cruzamos, agora, por alguns automóveis aí estacionados pertencentes a outros hóspedes da casa.

Como de costume a esta hora, não se vê ninguém. Os outros dois hóspedes já foram para os tratamentos e a gente da casa foi trabalhar para algures. Cá vamos pelo largo caminho, mesmo em frente, também coberto de videiras, ladeado à nossa esquerda pela habitação dos donos e terminando junto de uma espécie de oficina e duas garagens. Logo a seguir, o caminho inflete para a direita e passa a ser em terra batida. Curva depois para a esquerda e sobe até mais acima. Vou agora um pouco mais devagar, devido à subida.

Não resisto em admirar, com mais atenção, a paisagem envolvente. Paro. Lá em baixo, à direita, vê-se o Vouga, bem emoldurado pela vegetação da margem. Mais ao longe, do outro lado do rio e logo a seguir à estrada que vai para Vouzela, vê-se um aglomerado de construções. Algumas destacam-se pela sua dimensão e estilo moderno. São os hotéis de construção recente, dominando a textura da urbanização turística envolvente.

À esquerda, a encosta, ascendente, salpicada de construções, quase todas destinadas à ocupação turístico-termal. Mais para cima, a paisagem terrestre termina no verde escuro dos pinheiros, roçando um azul puríssimo, onde uma nuvem alva levita em paz.

Depois deste panorâmico espraiar, reiniciemos o resto da subida. O caminho, agora ladeado por algumas oliveiras, desemboca numa espécie de calçada à antiga portuguesa, já do domínio público. Apesar de não existir nenhum portão, é patente que chegamos ao fim da propriedade. A calçada desce muito acentuadamente para a nossa direita. É por aí que vamos seguir, com um certo cuidado devido à inclinação.

Estamos já no fim da calçada. Ao meu lado direito situa-se a estação local dos correios e, logo a seguir, o posto de turismo. Em frente, a ponte que atravessa o rio Vouga e dá ligação, à esquerda, para as termas e, à direita, à estrada que vai para Vouzela.

Leitor: – E se desses uma espreitadela no posto de turismo?

Autor: – Boa ideia. É só entrar. Franqueada a porta, encontramos, agora, numa pequena sala de receção, decorada sobriamente. À direita, uma mesa baixa, onde se espalham alguns folhetos turísticos, rodeada por uma cadeira e um banco corrido, tudo em pinho e envernizado. Do lado esquerdo, existe um pequeno balcão, pintado de verde, com vitrina. Na parede, mesmo defronte da entrada, um apreciável

mapa com um amplo trabalho gráfico, artesanal, onde se representam sumariamente as zonas de interesse turístico da região.

Leitor: – Desculpa a minha incurável curiosidade. Já agora proponho uma vista de olhos mais detalhada a esse mapa.

Autor: – É para já! Logo ao primeiro relance, uma linha azul, sinuosa, atraiu a minha atenção. É o traçado do Rio Vouga. Os aglomerados populacionais da Vila de São Pedro do Sul e das Termas, assim como todas as freguesias e lugares do concelho, estão também representadas graficamente.

Na parte superior do mapa, dominando todo o conjunto, destaca-se em letras gordas um nome: "Serra da Gralheira".

Por detrás do balcão existe uma porta entreaberta, donde flui o matraquear suave de teclas duma máquina de escrever. Espreito para o interior. Adivinha-se um pequeno escritório. Ah! Enquadrei agora o perfil do funcionário de meia idade, já meu conhecido. É o responsável pelo posto de turismo. Está de facto dactilografando. Já deu pela minha presença, levanta-se da cadeira, dirige-se para o balcão, enquanto me fita com olhar interrogador. Vou começar naturalmente por cumprimentá-lo...

– Boa tarde. Julgo que já me conhece. Há anos que venho cá para as Termas. Agradecia a possibilidade de me arranjar um prospecto atualizado com os locais de interesse turístico e arqueológico da zona.

– Um prospecto? Ah! Sim Senhor! Temos este que, por sinal, foi publicado este ano.

Abre a vitrina do balcão e retira dum maço um prospecto com fotos e mapas da zona.

– É o que temos por agora.

– Quanto custa?

– Não é nada.

– Obrigado. Já agora, agradecia que me informasse acerca da antiguidade desta ponte, aqui em frente.

– Sim, é muito antiga. O primeiro arco, do lado de lá, é o que resta de uma ponte romana, construída há mais de dois mil anos. Os outros cinco arcos são mais recentes. Foram construídos no século passado, mas não sei ao certo. Têm seguramente mais de cem anos!

– Quer dizer que esse arco romano será do tempo das termas romanas, cujas ruínas se vem ao lado da velha igreja, do outro lado do rio?

– Presumo que sim. Aliás, para além dessas ruínas, existem por aí restos, empedrados, de caminhos e estradas romanas. Além disso, existe também a chamada "Pedra Escrita de Serrazes". Essa sim, é que é mesmo antiga. Dizem que tem mais de seis mil anos!

– Seis mil anos? Uma pedra com alguma escrita antiga gravada?

– Sim, uma pedra grande com uns sulcos, uns desenhos gravados, mas que ninguém sabe o que significam.

– Tenho que ver isso! Pode dizer-me onde fica essa preciosidade?

– Fica a Norte de Serrazes. Está aí assinalada num mapa do prospecto que lhe dei.

Já vamos a atravessar a velhinha ponte de pedra, que é, ainda, a ligação fulcral entre as duas margens e suporte de um trânsito apreciável de pessoas e veículos.

Cheguei ao meio da ponte. Não resisto a uma paragem para contemplar melhor a panorâmica envolvente que daqui se divisa.

A montante, destaca-se, na margem direita, o belo e novo edifício das termas, em cimento armado e de linhas modernas. Logo a seguir, percebem-se as ruínas das termas medievais e romanas. Do lado esquerdo, vêm-se algumas instalações turísticas, como o Hotel Vouga, um "Pub" e

um parque público de estacionamento, com equipamento de lazer. Tudo isto muito bem emoldurado por frondosas árvores, que envolvem de fresca sombra os arruamentos marginais, onde passeiam grupos de pessoas, enquanto outras preferem descansar nos bancos de jardim aí existentes. Logo a seguir às termas, vê-se um açude, que permite a passagem de peões de um lado para o outro do rio. Mais acima, vejo as linhas paralelas da estrutura da ponte de madeira, construída há pouco tempo, destinada à travessia de peões.* Patos nadam em pequenos grupos, desenhando curiosas trajetórias junto à margem próxima. Mais perto, fixo num afloramento rochoso que forma uma espécie de ilha, onde se apoiam alguns arcos da ponte, vejo um letreiro onde se lê: "Estes patos foram oferecidos às crianças das Termas".

A jusante, a paisagem é menos urbana, mas não é menos bela. Vê-se, ao meu lado esquerdo, a estrada que vai para Vouzela, ladeada de um correr de casas, onde se divisa algum comércio. Do lado direito, pontificam a vegetação marginal, campos, as casas e seus alpendres, das quintas espalhadas pela encosta.

Vou mirar agora o tal arco romano da ponte.

Alto lá! Cautela. Um camião vem a curvar, ronceiramente, do lado da estrada que vem de Vouzela, e em rota demasiadamente tangencial. Uf! Todo o cuidado é pouco. Basta reparar nas mazelas e marcas ainda recentes no resguardo da ponte. ** Agora sim. Vamos lá espreitar o tal arco romano. É de facto diferente dos outros, mas continua a desempenhar bem a sua missão.

* Atualmente essa ponte foi substituída por uma outra construída em ferro.

** Agora foi construído um passadiço lateral que protege as pessoas que utilizam a ponte.

Acabamos de atravessar a ponte. Logo à esquerda a velha mercearia, onde tudo se vende e com a mais antiga cabine local de telefone público. Dobrada a esquina, temos uma casa grande, em pedra, de janelas sobranceiras à estrada, que se dirige para os lados do novo centro termal, o Inatel, o parque de campismo, ou do complexo turístico do Gerós, dois quilómetros mais adiante.

Atravesso agora essa estrada é já estou desembocando no aprazível e cuidado Largo das Termas.

Este largo, pavimentado a cubos de quartzo branco, possui algumas árvores de porte médio, alguns bancos de jardim, um chafariz em forma de taça, de cujo rebordo circular esguicham jatos finos de água quente, mesmo ao lado de dois recentes orelhões dos telefones públicos. À minha frente (lado Nascente) está a fachada das termas antigas: um edifício do fim do século passado, de traça agradável, onde predomina o branco da cal, com janelas e portas emolduradas de pedra lisa. Estende-se a toda a largura do largo, possuindo um corpo central mais elevado de dois pisos. Estas termas foram inauguradas em 1894 pela Rainha D. Amélia, cuja esfinge, em estuque branco, se pode ver numa parede do grande hall de entrada. Atualmente, as antigas instalações termais estão desativadas, funcionando aqui alguns serviços de apoio às novas termas, ou seja, a pré inscrição e as consultas médicas dos aquistas.* Do lado direito temos o "Quiosque das Termas" e a sua esplanada de mesas e cadeiras brancas. Aí, algumas pessoas leem o jornal, enquanto um pequeno grupo conversa animadamente, numa mesa ao centro. Logo a seguir, um correr de edifícios antigos restaurados, onde também predomina o branco e a pedra. Aí, localizam-se uma agência bancária, dois estabelecimentos de artesãos

* Em 2023 já funcionavam novamente.

com escaparates de bilhetes postais e outros artigos à porta, um pequeno "pub" e, logo a seguir, separado por uma rampa ascendente que desagua no largo em seculares degraus de pedra rematados por um velho fontanário de vaporosa água termal, vemos aquele edifício antigo, também recuperado, que faz esquina com a estrada que vai para Vouzela. Aí, localiza-se um recém-inaugurado restaurante de qualidade, precisamente onde era a saudosa e típica loja-adega do Sr. José, paradeiro de muitos termalistas, entre os quais me incluo, que apreciavam as suas iscas, as suas sandes de fígado, as sopas, os seus vinhos e, naturalmente, os preços.

Leitor: – Agradeço a tua descrição do local onde te encontras. Sinto que estou realmente aí contigo nesse aprazível largo e nesse teu momento. Mas julgo que está a faltar qualquer coisa, ou seja – mais paisagem humana. Não haverá mais ninguém para além dessas pessoas sentadas na esplanada do quiosque?

Autor: — Tens razão. Toda a paisagem só tem sentido se existir alguém que a contemple e a usufrua. Que se integre sensorialmente nela. Existe, de facto, um fluir calmo. Um vai, e vem, quase permanente de pessoas. A maioria delas são aqistas que se dirigem para os lados das termas, ou regressam, bem aconchegadas nos seus roupões e com grandes toalhas protegendo os ombros e a cabeça do ar exterior. Esses retornam paulatinamente aos quartos das pensões ou hotéis onde estão hospedados. Por vezes vê-se também uma ou outra empregada duma pensão próxima, caminhando ligeira e bem identificada pela sua bata de trabalho de cor azul.

Aqui, mesmo à minha frente, sentada num banco de jardim que contorna uma árvore do largo, uma mulher de idade, caracteristicamente aldeã, de lenço preto, envolvendo um rosto bem enrugado e curtido por uma vida de trabalhos, olha inexpressivamente para os lados da ponte.

Talvez aguarde alguém, ou simplesmente esteja à espera da hora da consulta médica.

Sento-me no mesmo banco, ao seu lado. Procuro nos bolsos um caderno de apontamentos e uma lapiseira e começo a escrever o essencial deste texto.

Mais tarde, quando regressar ao Porto, irei trabalhar melhor estes apontamentos. Dar-lhes a forma.

Leitor: – Ainda vais trabalhar o texto mais tarde, noutro tempo, noutro local? Como consegues dar credibilidade e unidade a este nosso diálogo?

Autor: – Nessa altura só irei trabalhar a forma. O que interessa é o conteúdo e, esse, já existe neste meu “agora”. Mais tarde, quando estiver a rever e a passar a limpo estes rascunhados apontamentos, também será fácil regressar mentalmente a este momento e tudo dará certo. Já o dissemos: “– *Nada é impossível à imaginação humana!*”

Leitor: – E também uma boa dose de fé.

Autor: – Acreditar nalguma coisa não é só importante para a nosso contacto. É a condição natural para levarmos a bom porto a nossa experiência do existir. Nesse imenso oceano, precisamos sempre de uma estrela, dum sol, duma bússola.

Agora reparo. Começo a estar um pouco atrasado para iniciar os tratamentos. Mais uma vez, vem daí comigo!

Leitor: – Não precisas de pedir. Não tenho asas, mas, para onde fores, também irei.

Autor: – Depois, de ter atravessado a grande nave envidraçada do hall da entrada do edifício das termas, dirijo-me para as escadas de acesso ao piso superior, onde se localiza a sala dos “narizes”, como é aqui conhecida. Pela hora, com certeza, já terei de aguardar a minha vez.

Abro a porta de vidro que dá acesso à sala. Estou com sorte. Não há fila de espera. Alguns postos de tratamento estão ainda vagos.

Coloco o meu saco no cabide cromado do bengaleiro tubular. Muno-me da prescrição médica, da senha de tratamento e dos apetrechos necessários (tubos de irrigação e pulverização, máscara de aspiração; inalador cerâmico e o toalhete de plástico) e dirijo-me à monitora de bata branca, de meia-idade, simpática e conhecida:

– Bom dia! Cá estou mais uma vez!

– Bom dia! Bem, disposto?

– Obrigado! Não tenho tempo para a indisposição! Além disso, hoje, venho muito bem acompanhado. (diacho! Parece que cometi um erro, não achas?)

– Vem acompanhado?

Olha agora em redor

– Quem traz hoje consigo?

– Trago um amigo, ou melhor, trago muitos amigos e amigas...

Coloco a mão direita sobre o meu peito:

– Aqui!

– Ah! Compreendo! Saudades da família.

Indica agora uma cadeira num posto, ainda livre de irrigação nasal:

– Por favor dê-me a senha e sente-se naquele lugar – ali.

Sentei-me. Aguardo que ela prepare o posto de irrigação nasal. Acabou agora de encher o reservatório de água termal, devidamente temperada e salinada. Monta a cânula de irrigação no tubo de borracha e entrega-mo:

– Veja se está bem temperada.

Coloco na narina esquerda a cânula de plástico e abro a pequena torneira acoplada. Sinto a água a correr para o interior das fossas nasais e a sair pela narina direita. A temperatura está boa.

– Está ótimo! Obrigado.

Estou na terceira fase desta sessão de tratamento. Já fiz a irrigação nasal, a pulverização à boca e garganta e agora terei pela minha frente mais quinze minutos de aspiração com máscara. Corno sou "cliente antigo", ocupei voluntariamente este lugar que estava vago.

Como também já sei como se procede não espero que a monitora venha regular o débito da pulverização e nível de vapor. É só colocar a máscara no bocal do suporte cerâmico fixo ao tampo de mármore e regular convenientemente o manipululo lateral.

– Já está!

Reparo que, ao meu lado direito, está sentada uma jovem trajando um fato de treino branco. Está de olhos fechados, muito concentrada no seu tratamento e na música que lhe chega aos ouvidos através, de um par de auscultadores, cuja mola-suporte abraça os seus lindos cabelos doirados. Nada de distrações, vamos ao que interessa: ao tratamento, propriamente dito.

Leitor: – Por mim está à vontade. Não precisas de conter qualquer comentário que entendas livremente fazer. Só são válidas a sinceridade e a verdade. O tempo da censura e do preconceito já acabou.

Autor: – Nunca coloquei isso em causa. É por isso mesmo que não tenho nada mais a dizer acerca da jovem que está aqui ao meu lado. Acho somente que merecia o interesse de um pintor ou fotógrafo que registasse a sua beleza, a sua pose descontraída, a sua harmonia. O belo é para se apreciar; para se contemplar, para se amar. Nunca para se adulterar, conspurcar, amarfanhar, destabilizar.

Leitor: – Já entendi. Respeitemos o que merece respeito e cultivemos o prazer puro pelo Belo! Podes prosseguir.

Autor: – Sinto urna sensação de paz e calma profundas a tomar conta de mim. É o efeito relaxante destas águas. É chegado o momento de iniciarmos a nossa "Viagem Telúrica".

Leitor: – A nossa "Viagem Telúrica"? Queres dizer que também vou contigo?

Autor: – Não estou a entender. Ainda há pouco dizias: "– para onde fores, também irei." Além disso, um convite só pode ter uma leitura, uma interpretação. Não percamos tempo, descontrai-te o mais que pudes. Sente a paz, o profundo efeito relaxante destas águas maravilhosas. Vem daí!

Leitor: – Começo a sentir - essa paz. A estar pronto para te acompanhar.

Autor: – Ótimo! Regulo agora o manípulo que controla o fluxo da pulverização vaporosa que chega ao bocal de aspiração. Consegui o fluxo adequado. Sinto o afago dos milhares de gotículas da água sulfurosa batendo nas mucosas da garganta e do nariz. Fecho os olhos e descontraindo-me ainda mais. É agora que entra a Imaginação...

Sou agora uma gotícula de água. Impelido pela força da imaginação, vou percorrer, contra a corrente, a trajetória inversa desde a minha garganta até às profundezas da Terra.

Estou já a ver o interior da tubagem de paredes lisas por onde flui, continua e rapidamente, uma corrente límpida de água muito quente. Depois, de evoluir através de muitas retas, curvas e ângulos retos, reparo que o "túnel" cilíndrico alargou consideravelmente e que as suas paredes adquiriram uma textura diferente.

O percurso é longo e a progressão parece mais difícil, face ao aumento da pressão da água e da sua temperatura.

O cenário mudou radicalmente. Já não há paredes lisas nem continuidade cilíndrica. Agora é o caos formidável das formas fractais duma abertura natural na rocha. É a entrada da fonte termal, donde emerge, empurrada pela ira de Vulcano, esta energia telúrica, aquosa, imparável. Iniciamos verdadeiramente a viagem.

Prossigo através dos meandros da falha rochosa e escaldante. A água passa por mim em borbotões ascendentes.

A luz do Sol não chega aqui. Temos de recorrer a mais um atributo da nossa imaginação para ver nesse quente e quase absoluto negrume. Sem vacilar, vamos penetrando cada vez mais no interior da Terra. A temperatura aumenta à medida que se processa a descida. Tento divisar a textura da parede de rocha, suas cores, suas formas, incrivelmente variadas e suavizadas por milhões de anos de íntimo convívio com a corrente sulfurosa.

Encontro-me já a uma enorme profundidade. O calor agora é mesmo infernal. Grandes massas de água fervem violentamente em cavernas, transformadas em autênticas caldeiras naturais. Oh! Maravilha.

Leitor: – Que foi? Que está a acontecer?

Autor: – Por favor não me interrompas. Já não estou a imaginar. A minha mente já não gera imagens com material imaginativo próprio. Sinto-me lá nas profundezas. Recebo uma imagem exterior a mim mesmo. Chegou de repente, sem aviso, como uma emissão dum "flash" instantâneo. Vou tentar descrever. Vejo o teto côncavo de uma caverna. Aí, salientam-se numerosas formas semi-esféricas esbranquiçadas, ou nódulos, duma substância mineral, que não sei identificar. Estes são continuamente batidos pelo vapor e pelas convulsões violentas da água fervente. Não encontro as palavras para descrever a sensação deste momento. Só me ocorre esta palavra – maravilha!

Agora a "visão" começa a diluir-se lentamente. Resta-me o consolo de poder revê-la, mentalmente, sempre que o deseje. Jamais se apagará da minha memória.

Continuo a sentir uma grande sensação de Paz. Começo, porém, a pensar no regresso.

Lentamente, deixo-me empurrar pela água ascendente. A breve trecho, começo a fazer o percurso inverso. A ascensão é cada vez mais rápida. Agora é mesmo estonteante.

Curioso! Ouço ao longe uma música muito bela – parece acompanhar-me. Mas... Conheço esta música! É, sem dúvida, uma composição de J. Sebastião Bach. Não poderia desejar melhor complemento para esta viagem de regresso. A surpresa e o encantamento são enormes. Que estará a acontecer? Quem enviou esta música neste momento crucial?

Abro os olhos. Estou novamente no meu posto de tratamento. Mas deixei de ouvir a música... Não! Ainda a ouço! Mais longínqua, é certo, mais distante, mas ainda a ouço!

Olho à minha volta... Ah! Os meus olhos acabaram de pousar nos auscultadores da minha loira vizinha. Sim! Não há dúvida. É dali que flui a etérea música de Bach.

Leitor: – Então, estando mais perto, ouves a música mais distante, menos perceptível?

Autor: – É realmente curioso, mas há uma explicação: o aumento da acuidade dos nossos sentidos, quando se atinge um nível elevado de descontração, de relaxe.

Leitor: – Depois desta nossa “viagem telúrica” ocorre-me colocar a seguinte questão: a interdependência entre o Homem e a Terra é óbvia, mas ainda não possuímos uma consciencialização plena dessa realidade.

O nosso corpo é inteiramente constituído por substâncias que provém, direta ou indiretamente, da biosfera terrena, que, por sua vez, depende dos materiais e substâncias da crosta, hidrosfera e atmosfera terrestres. A maior, parte, dessas substâncias passa por uma fase prévia de transformação biológica antes de ser assimilada pelo nosso corpo. Não nos alimentamos de granito, de barro, ou de lousa e muito menos de pirites de ferro ou de diamantes. Todas as substâncias dos alimentos que chegam à nossa boca fizeram previamente parte de seres vivos, quer vegetais, quer animais. Até o vital oxigénio é processado na fotossíntese das folhas das plantas.

Autor: – Curioso! Já ouvi ou li algo muito semelhante, há muito tempo. Já sei! Vieram-me à memória palavras de D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto que numa das suas brilhantes intervenções, teceu as seguintes considerações, que se ajustam como uma luva ao que acabaste de afirmar:

*"...O homem, cada homem, é uma vontade, uma liberdade, uma personalidade a emergir duma matéria, dum determinismo, duma prisão corpórea. Poderíamos dizer que o homem é uma alma que se alimenta de terra. É esta a hierarquia, a ordem e a finalidade da Criação: o mineral torna-se vida na planta, a vida torna-se conhecimento no animal e o conhecimento torna-se consciência no homem, e todo, este, processo ascensional é feito de ação e reação, de mortificação de morte: morre o cristal para ser vida no vegetal, morre o vegetal para ser conhecimento no animal, morre o animal para alimentar o homem, a consciência." **

* Excerto do seu livro "Endireitai as Veredas do Senhor" (intervenção por ocasião do centenário do bispo D. António Barroso)

Antes que me esqueça, desejava colocar-te uma questão que me ocorreu: podemos, então, afirmar que uma alimentação basicamente composta de vegetais nos aproxima mais da Mãe Terra. As substâncias nutritivas de origem vegetal percorrem um caminho muito mais curto entre o mineral inerte e o nosso corpo, não é verdade?

Leitor: – Sim. Gostei do excerto da homilia desse bispo notável. A sua visão da íntima correlação do concreto natural com realidade espiritual do homem é, de facto, exemplar.

Aplaudo o teu raciocínio em prol duma alimentação rica em vegetais. Talvez esteja nessa circunstância a justificação dos benefícios para a saúde, associada ao consumo de vegetais, tão recomendado pelos naturalistas.

Mas, dizia eu...

Autor: – Dizias que não nos alimentamos diretamente de granito, de ferro, de diamantes, mas das suas transformações biológicas. Também quero lembrar-te que ainda estamos na sala dos "narizes", aqui nas Termas de S. Pedro do Sul.

Leitor: – Descansa. Não me esqueci.

Autor: - Aliás, informo-te que cheguei, ao fim desta fase do meu tratamento. Esperam-me trinta minutos "obrigatórios" de repouso. Vamos sentar-nos ali, numa cadeira do hall, onde, naturalmente, continuaremos o nosso diálogo.

Leitor: – Ótimo! Então, vou prosseguir:

Existe uma situação em que a relação do corpo humano com a Mãe Terra é ainda mais direta do que alimentação com vegetais, ou seja, aproxima-se de urna relação autotrófica. Refiro-me exatamente aos tratamentos com água termal. Nesses tratamentos o contacto, íntimo e longo, do nosso corpo com essas águas, que brotam virginalmente das

profundezas da Terra, permite uma assimilação direta de minerais, que provêm das proximidades do manto terrestre. Neste tratamento o nosso corpo relaciona-se com a realidade física e primitiva da Terra, muito próxima da pureza que existe no Sol.

Autor: – Sim! Permite essa relação direta, apesar de necessariamente muito suave e distribuída ao longo de um dilatado período. Trata-se de um tipo de relação muito diferente da alimentação, seja ela à base de produtos vegetais ou animais, cujos efeitos de assimilação e de transferência de energia são quase imediatos. O relacionamento termal não visa a alimentação do nosso corpo, mas um resultado positivo e duradouro, a nível da sua saúde e da sua purificação global.

Aqui, no hall de repouso, vários aquistas esperam como eu, que termine o período de pausa, prescrito pelo médico. Uns conversam, outros leem, outros simplesmente dormitam.

Ali, à minha frente, um jovem de fato de treino cinzento e boné desportivo na cabeça lê uma revista que não consigo identificar. No entanto, diviso, na página voltada para o meu lado, uma bela foto, a cores, do planeta Terra. Noto perfeitamente as manchas azuis dos oceanos, as convulsões espiraladas das nuvens e superfícies frontais e as manchas castanhas e pardas dos continentes. Trata-se de uma foto de boa resolução, tirada naturalmente dum satélite artificial, tripulado ou não.

No meu tempo é vulgar verem-se fotos ou mesmo filmes da Terra em corpo inteiro. Quando olhamos para uma dessas fotos a maioria das vezes não nos apercebemos ou não nos lembrámos de que naquela "bola",

predominantemente azul, algo de incrivelmente complexo está a acontecer a todo o momento. De facto, àquela distância, são radicalmente invisíveis os biliões de seres que constituem a humanidade, assim como toda a espécie de seres vivos que existem à superfície dos continentes, ou na profundidade dos oceanos. Invisíveis serão igualmente os dramas e as convulsões sociais ou políticas, que estão a ocorrer a todo o momento na pele finíssima daquela espécie de ser esférico. O mesmo já não se poderá dizer de certas manchas, estranhas, que alastraram em zonas, onde a cor verde era a predominante.

Leitor: – Desculpa interromper-te, mas ocorreu-me agora uma ideia correlacionada, que gostava de expor – o avanço das ciências astronómicas permitiu perspetivar uma teoria, com uma apreciável probabilidade de certeza, acerca da formação do nosso planeta, há, biliões de anos, atrás. É quase certo que a Terra se formou a partir do arrefecimento lento de massas ígneas, que foram, solidificando e orbitando em redor do Sol. Poderíamos espriar em longas considerações sobre o que se passou anteriormente, ou seja, a previsível fase dum preliminar estado gasoso do material terrestre. Porém, para o que pretendo demonstrar, basta-nos a convicção de que o nosso planeta natal, um dia, foi constituído por essas massas ígneas, ou seja, por materiais em estado de fusão. Naturalmente, já viste metal em fusão, ou algum filme-documentário de uma erupção vulcânica, mostrando um rio de lava a escorrer pela vertente de uma montanha. Quando observas uma dessas situações, não te ocorre que foi a partir de uma situação idêntica que nasceu toda a realidade que tu conheces? Ou seja, não pensas que a civilização humana e a vida natural em que ela se processa advém do "barro bíblico" fonte simbólica da Vida?

Não compreendo muito bem por que razão os cientistas, referindo-se a certos planetas, quer do nosso sistema solar, quer de outros sistemas

continuam a afirmar que nos planetas "X" ou "Y", provavelmente, não há vida. Para mim, o correto seria afirmar que, no nosso tempo, esses planetas provavelmente, ainda não possuem "vida manifestada". Quanto à "vida latente", essa, existe, mesmo nos gases da fornalha solar.

Autor: – Interessante até onde nos podem levar as consequências da nossa viagem telúrica de há pouco. Interessante a lógica e a ligação íntima de tudo isto.

Proponho que regressemos à pele deste planeta que é a nossa casa. Regressemos à *Mãe* que um dia germinou o protozoário, que continha os genes de todos os seres que povoam e constituem a sua pele viva. Regressemos ao ser a quem alguém denominou um dia de "*Maia*", que luta desesperadamente para que as células, destinadas a ser a consciência dum Todo, descubram a sua missão e o seu destino transcendente. Regressemos, ao hall de repouso da sala dos "narizes".

Leitor: – Já estamos na Terra. Proponho agora uma pequena viagem ao microcosmos que é o corpo humano. Uma realidade que é, em última análise, o propósito que anima toda essa gente a procurar o lenitivo depurador dessas puríssimas águas.

Como já dissemos, o nosso corpo é constituído por materiais que, direta ou indiretamente, provêm do nosso planeta. Se fosse possível filmar, o complexo processo que integra a alimentação, assimilação, rejeição, e a sua transformação em células, assim como, o ciclo de vida e morte destas, e se depois projetássemos, em escassos minutos, a filmagem efetuada hora a hora, dia a dia, ao longo de toda a vida desse corpo, veríamos um espetáculo extremamente curioso e fantástico.

Autor: – Suponho que veríamos algo de parecido com certos efeitos especiais, que por vezes o cinema ou a televisão apresentam, como a projeção acelerada do trânsito do centro de uma cidade moderna, onde as ruas, à noite, parecem rios, caudalosos de luz e, de dia, águas revoltas a escorrerem vertiginosamente por entre os edifícios.

Leitor: – Isso mesmo! Suponhamos que um realizador cinematográfico aplicava essa técnica de filmagem para o objetivo que referi. Que veríamos?

Atribuindo a esse corpo uma certa transparência, para visualizarmos o que se passa também no seu interior, e retirando tudo o que seja cenário envolvente, exceto a curvatura do planeta Terra, creio que assistiríamos a algo como isto:

Começaríamos por ver uma espécie de forma ovoide, turbulenta, recebendo uma intensa corrente de materiais partindo de diversos pontos da curvatura da terra. Após muitas mudanças de trajetória, aspeto e cor, vê-la-íamos convergir para um ponto situado na parte superior do dito "ovo".

Autor: – Entendi perfeitamente. Essa corrente é a visualização acelerada das substâncias alimentares, partindo da sua primeira origem, a – Terra – e terminando na entrada bucal desse corpo. Só não entendo a razão do corpo ser representado por uma forma ovoide.

Leitor: – Se imaginares o movimento vertiginoso dos braços e das pernas de um corpo humano, verás algo parecido com um ovo.

Autor: – Não percas mais tempo, já entendi.

Leitor: – Enquanto essa corrente flui, continuamente e em velocidade, da superfície terrestre para a entrada bucal, outra corrente idêntica se estabelece, do interior do "ovo" para o exterior, através da saída retal. Assim, fecha-se um ciclo de transferência contínua de

materiais entre a Terra e o corpo e vice-versa. Será um espetáculo curioso, fantasmagórico, irreal, mas representa, aceleradamente, o que se passa.

À medida que o tempo decorre, veremos o pequeno "ovo" crescer até se estabilizar no tamanho adulto. Depois, poderemos começar a notar algum decréscimo da intensidade dessa corrente. A aparência ovoide passará a ser mais imprecisa, podendo até alternar com a visão momentânea da forma humana real.

Autor: – Desculpa! Vamos lá a ver se estou a entender: toda essa sequência do filme diz respeito ao crescimento do corpo até à fase adulta. Depois, quando a velhice se aproxima, o movimento é cada vez menor e até poderão ocorrer longos períodos de doença, ou seja, de imobilidade. Daí que o ovo aparente se deforme e, por momentos, possamos ver o corpo real. Certo?

Leitor: – Certíssimo!

Até que, em determinada fase, não há mais "ovo", mas só corpo, bem estendido e imóvel, e situado, agora, ligeiramente abaixo da curvatura da Terra.

Autor: – E se o filme continuar, veremos esse corpo a diluir-se continuamente na cor castanha da terra até, desaparecer totalmente.

Leitor: – Aí fecha-se o ciclo!

Autor: – Não! Fecha-se um ciclo! Porque, logo outro se inicia ao lado.

Leitor: – Melhor ainda: – Muitos outros, se iniciam e terminam, em toda a circunferência da Terra.

Autor: – Naquele globo azul, cuja foto, ainda, estou a ver na revista que o jovem lê. Passa-se qualquer coisa.

Autor: – Deixei, há cerca de quinze minutos, o meu carro estacionado na estrada que vai para o lugar do Freixo, a norte de Serrazes. Acabei de percorrer, sozinho e a pé, um relativamente longo e luxuriante caminho florestal, com meandros quase labirínticos, ladeado de arbustos de médio porte, cujos ramos, por vezes, tive de afastar para o lado, para poder avançar. Foi interessante essa caminhada, onde nem faltou uma agradável pré-sugestão de aventura e mistério.

Antes de vir, o tempo ameaçava chuva. Providencialmente, cerca das dezasseis horas melhorou. Foi então que resolvi satisfazer a minha secreta e incontida curiosidade, até porque este era o meu último dia de permanência nas Termas de São Pedro do Sul.

E a famosa pedra está ali, finalmente, defronte de mim!

Coberta por um alpendre de proteção, lá está ela, com os seus dois metros e tal de altura, brotando do solo numa forma arredondada, e possuindo uma face quase plana e vertical. Um verdadeiro rosto que parece querer comunicar comigo.

Leitor: – Não sei se é abuso da minha parte, mas, já agora, podias descrever sumariamente essas gravuras?

Autor: – Tenho pena de não possuir conhecimentos arqueológicos. Gostaria muito de, para além da descrição que me pedes, poder transmitir algum tipo de interpretação ou de informação complementar acerca daqueles sinais. Limitar-me-ei, contudo, a utilizar as ferramentas que a Natureza me deu, ou seja: os olhos, a mente, a intuição e, talvez, uma pitadinha de imaginação:

Sobressaem, ao meu lado direito, três conjuntos de círculos, com diâmetro máximo de cerca de trinta centímetros. Cada conjunto possui três círculos interiores concêntricos. Do conjunto mais à direita saem três formas parecidas com gotas levemente circulares, caindo ou destacando-

se desse conjunto. Do espaço existente entre os outros conjuntos de círculos, pende algo semelhante a uma escada de corda. Todo o espaço à esquerda e na parte superior da referida face é preenchido por linhas que se cruzam, fazendo lembrar uma rede irregular. Parte dessa rede desce, no lado esquerdo, quase até ao sopé da rocha.

Leitor: – Sugeriste semelhanças como "gotas", "escada de corda", "rede", mas, provavelmente, quem um dia gravou esses sinais, poderia ter a intenção de representar algo muito diferente.

Autor: – Não sei se alguém já decifrou o significado concreto destas gravuras, ou mesmo se, algum dia, o poderemos fazer com precisão. Não me vou, porém, preocupar com isso.

Continuo a olhar. Sinto uma sensação estranha, quase subliminar, de que não é primeira vez que vejo esta pedra, estas gravuras. Mas quando? em que circunstâncias?

Impelido por uma motivação instintiva, aproximo-me daquela "face" escrita. Os meus braços abrem-se num amplexo, tentando abarcar toda a pedra. As minhas mãos e meus dedos tateiam, lenta e suavemente aqueles sulcos.

É tão familiar, como se a mensagem escrita existisse dentro de mim desde que nasci.

Sinto agora uma espécie de vertigem, uma sonolência...

Que está a acontecer? Tudo rodopia à minha volta.

Resta-me sentar aqui no chão, encostado à pedra escrita.

Não ouço os pássaros, está a escurecer.

Estou tão longe de tudo. Longe, longe.

(INTERREGNO)

Leitor: – Que te aconteceu? Onde estás?!

Onde estás? Responde! Acorda!

Autor: – O quê? Ah!

– Que estou a fazer aqui, meio tombado, junto à pedra?

Uf! Parece que adormeci!

Leitor: – Adormeceste? Curioso...

Autor: – Imagina. Adormeci mesmo! Agora lembro-me. Tive também um sonho!

Leitor: – Um sonho?

Autor: – Sim, um sonho, e muito estranho!

Leitor: – Conta lá o que te aconteceu.

Autor: – Se te contar, de certeza que não acreditas. Foi tão fantástico, tão maravilhoso! Tão real!

Leitor: – Estou "em pulgas"... Desembucha!

Autor: – Imagina que já sei quem fez estas gravuras. Quem, com persistência e teimosia, pegou num estilete de sílex e começou pacientemente a gravar estes sinais na rocha. É como te digo. Quer acredites ou não, acabei de conhecer pessoalmente o autor destas gravuras e a motivação da sua mensagem.

Leitor: – É curioso, eu... Continua a narrar o teu sonho.

Autor: – Não foi um sonho. Estive mesmo aqui, naquela época, seis mil anos atrás.

Leitor: – E viste o artista que desenhou na pedra essas gravuras? Viste-lhe o rosto? Inquiriste-o acerca do significado destes sinais? Da sua mensagem?

Autor: – Não! Não lhe vi o rosto. Só vi as suas mãos rudes, rasgando a pedra com um duro estilete. Havia força e determinação naqueles gestos precisos, ritmados. A determinação necessária para arremessar uma mensagem, um grito, até aos confins dos tempos.

Leitor: – Só lhe viste as mãos e conheceste-o?

Autor: – Sim! Conheci-o. Eram as minhas próprias mãos! Era eu quem estava ali, animado de uma enorme força interior, transmitindo a mensagem que há muito estava dentro de mim. Essa mensagem tinha de ser enviada. Tinha de partir para o seu destino. Essa mensagem era a razão principal da minha vida e de todo o clã a que eu pertencia. A nossa luta pela sobrevivência, num meio difícil e por vezes hostil, tinha como razão de ser aquela mensagem. Ao rasgar na pedra estes sinais, acendi um farol perpétuo nas margens do tempo. Um farol que ficou a assinalar a nossa passagem, o nosso rastro existencial.

Leitor: – Foste tu quem gravou aqueles sinais há seis mil anos? E estás agora a receber a tua própria mensagem?

Autor: – É verdade. Eu bem dizia que não ias acreditar!

Leitor: – Estás enganado! Acredito.

Autor: – Acreditas?

Leitor: – Enquanto narravas o teu sonho emergiu à minha memória a recordação dum sonho que também tive em tempos. Na altura não soube minimamente decifrar o seu significado. Agora, porém, fez-se uma luz plena!

Autor: – Curioso. Também sonhaste?

Leitor: – Não foi bem um sonho. Seria mais correto dizer que também estive aqui neste sítio, há seis mil anos.

Autor: – Não acicates mais a minha ansiosa curiosidade. Conta, conta como foi...

Leitor: – As minhas rudes mãos, impelidas por uma incontida força anímica, escavaram na pedra, com segurança e firmeza, um sulco curvo, em forma de gota.

Agora sei! Era uma lágrima de esperança!

Naquele dia,
falei,
falámos,
dos sonhos,
das esperanças,
das penas sofridas,
dos mundos a construir,
das barreiras a transpor
e da Paz esquecida.

Falei,
falámos,
e descobrimos que chegamos
por trilhos diferentes,
desiguais vivências,
por outras alegrias
e tristezas
temperados.

E descobrimos também:
a fadiga,
a ânsia de contar
como lhe resistimos;
e o prazer,
da troca irmã
do ser
que o tempo esculpiu em nós.

Aconteceu!

Gastam-se milhões
em telescópios,
antenas, radares, foguetões,
à procura de um solitário bip-bip,

inteligente,
na ânsia de um contacto,
de uma prova real,
concludente,
doutros sentires,
no espaço sideral.

Naquele dia,
dois mundos entraram em vibração,
em sintonia,
dois universos se conjugaram,
se comunicaram,
sem eletrónica,
sem tecnologia.

Aconteceu Mar
nos olhos luz
naquele dia!

A Noite

As estrelas eram seus olhos.
A Lua prateada o sorriso.
A brisa suave, sussurrando nas folhas,
finos dedos, ensaiando carícias.
Tentação, disfarçada de noite.
Disponibilidade espontânea e pura,
abraçando o seu manto,
a alma ávida de encontro.
Enquanto as estrelas revolviam
as entranhas incandescentes
num aceno cintilante,
perdi-me nos seus braços,
o insondável espaço,
e balucei, num beijo interminável,
nos seus argênteos lábios.
O tempo parou.
Foi uma Eternidade;
completa, correspondida, total,
num instante Universal!

Momento

Lázaro o chamaram,
Lázaro foi,
naquela aventura,
no Azul,
na Paz,
no mistério.

Lázaro na noite,
Lázaro na sombra,
Lázaro à espera
do momento Eternidade,
do momento Luz,
do silêncio palavra,
que trespassa as fronteiras
desta realidade.

E no momento,
no momento preciso,
a floresta aquietou,
os grilos calaram,
o pirilampo piscou,
e Lázaro, suspenso
na sombra da noite,
o medo esqueceu.

E no momento,
no momento preciso,
as estrelas vieram,
lá do alto,
com muito Amor,
falar do Universo,
do pirilampo
e da flor.



Desenho de Anabela Maria

DO ALTO DA COLINA

Dezoito horas e trinta. Iniciam-se os gestos do ritual, que, regularmente, acontece, aos domingos à tarde - um "kispo" que se veste; binóculos a tiracolo; lanterna no bolso; senhas para o autocarro; um bloco

de apontamentos, uma esferográfica, um beijo, um até logo e a caminho, para mais uma peregrinação ao "sítio".

Ao aproximar-se da paragem, defronte da Igreja Matriz de São Mamede de Infesta, a nostalgia do *Azul* dilui-se com a euforia da aventura. O "encontro" começa já a esboçar-se.

O autocarro, quando chega, vem cheio. Quando parte, mais cheio vai.

A princípio sente-se contrafeito no aperto. Receia também dar nas vistas. A diferença dos propósitos é tão abissal. E depois, a caixa dos binóculos a tiracolo. Não, possui nem um gesto ou olhar de estranheza. Uns seguem descontraídos, no seu tagarelar destravado. Outros, imersos nos seus problemas, vão calados e distantes. Outros ainda dormitam. Todos balanceiam, amarrados, ao ritmo descompassado do andamento e dos solavancos provocados pelas mazelas da estrada. As faces quase se tocam, tal o aperto. São rostos humanos, expressivos, de mulheres, de homens, de crianças, de jovens, ou de velhos. O autocarro 61 transporta para Valongo uma amostragem real da humanidade.

O seu inconsciente capta um mundo de impressões subjetivas, numa espécie de "flash" psíquico. Sente a alegria ou a amargura que emana daqueles rostos. Capta a maneira essencial de ser de cada um. E os olhos? Ah!... Os olhos! Revelam um universo insondável, nus, sinteticamente, definidor da pessoa.

Apercebe-se da grande unidade que cimenta a diversidade de sentimentos, preocupações e experiências de vida que o rodeiam. A viagem de autocarro é sempre uma nova lição. Um renovado rito de preparação para o "encontro".

O autocarro vai avançando, ficando cada vez mais perto do seu destino, cada vez mais vazio e silencioso. Imagina-se pairando por cima, vendo-o avançar através do tracejado de néon, que ladeia a estrada.

A “Formiga” ficou já para trás e o autocarro começa a subir o Monte de Valongo. Levanta-se e toca a campainha para sair na próxima paragem. O autocarro para. Ele aguarda que a porta se abra e sai mergulhando no silêncio da estrada deserta. A escassa iluminação pública permite-lhe ver melhor o firmamento: a cúpula do templo que, mais uma vez, irá ser o seu local de recolhimento.

Inicia a marcha pela berma da estrada. Acelera o passo, pois tem ainda de percorrer duas centenas de metros, no sentido inverso do trajeto do autocarro. Sabe que deve reduzir ao mínimo as probabilidades de algum encontro indesejável. De longe a longe, um carro passa rente e segue até deixar de se ouvir o seu sussurro motorizado. Imagina a surpresa dos condutores quando se apercebem da sua presença.

“– Que andaré aquele tipo a fazer neste deserto a esta hora?”

Sem abrandar a marcha cadenciada, chega finalmente ao local onde irá sair da estrada. À sua esquerda, a parede agreste do talude desapareceu e o terreno da encosta da colina desce suavemente até à berma da estrada. Aí, no meio da penumbra, é ligeiramente perceptível o início do pedregoso carreiro que o levará até ao cimo. Nem precisa de acender a lanterna. Conhece todos os altos e baixos desse trilho e, calmamente, mergulha na segurança da escuridão que o envolve. Além disso, tem ainda de percorrer cerca de trezentos metros, sempre em ascensão, antes de chegar ao cume. Por vezes, o mato atravessa-se e dificulta a progressão, mas tudo isso é resolvido com alguns pequenos arranhões. Quando chegar ao seu destino, será plenamente recompensado.

Acabou de sair da zona de mato. A partir de agora, a subida é mais íngreme, mas em terreno aberto com mato rasteiro, urzes, leitugas e erva serpão a bordejar o caminho. Finalmente chegou ao cimo, bem definido pelo marco geodésico implantado no alto.

Uma sensação de imensa paz e plenitude fé-lo abrir os braços, num gesto de saudação ao magnífico esplendor que dali se vê em todas as direções. No Céu, o firmamento, límpido e coalhado de estrelas, era visível em toda a sua extensão. A terra dir-se-ia um espelho desse mesmo firmamento, tal a profusão de luzes urbanas que se estendiam como um tapete, desde o sopé da colina, em todas as direções.

A sul, os milhares de luzes da cidade do Porto, estendendo-se até às altaneiras margens do Douro, recortadas a negro, mais ao longe. A Poente, um tapete de brilhantes, até roçar o horizonte do mar. Nesse tapete notou um aglomerado mais denso de luzes, para os lados de Matosinhos. Para confirmar a sua suspeita, tirou os binóculos da caixa e focou-os naquela direção. Não!... Não havia dúvida! Aquelas eram as luzes da Avenida do Conde, onde entrara no autocarro, cerca de uma hora antes.

A norte, viam-se distantes, as nuvens de luzes de Ermesinde e, a nascente, muito mais perto, lá no fundo, as de Valongo.

Circundou lentamente o marco geodésico, quase sempre de cabeça erguida, olhando contemplativamente o firmamento. Lá estava a Via láctea, com o seu polvilhado de luz. Lá estava a Ursa Menor com a Estrela Polar, a Ursa Maior, e, mais a poente, o brilhante planeta Vénus. É altura de se acomodar.

Há três sítios diferentes com algumas condições para se sentar em recolhimento e registar os pensamentos que eventualmente surjam. Um deles é no cimo do próprio marco geodésico, encostado ao seu cone superior de cimento, de forma a ficar protegido da aragem fria. É para lá que se dirige.

Nessa altura, repara em algo estranho, uma pequena sombra encostada ao sopé do marco. Pela primeira vez utiliza a lanterna para ver melhor. Entalada entre duas pedras, está uma pequena cruz, formada por dois galhos de árvore amarrados com um cordel. Em cima das pedras há

fuligem e vestígios de cera derretida. Alguém estivera ali, anteriormente, procedendo a qualquer ritual. Alguém conhecia também aquele sítio e o seu sortilégio.

Imaginara que um dia talvez encontrasse, lá em cima, alguém animado de propósitos idênticos aos seus. Seria um encontro importante: um verdadeiro *"encontro imediato do primeiro grau"*.

Olhou mais uma vez o firmamento e, quase sem querer, a oração ao "Pai" fez vibrar suavemente os seus lábios. Sem qualquer hesitação, colocou na plataforma os binóculos, a caixa e a lanterna. Depois, firmou-se com as mãos, fez balanço, e com algum esforço conseguiu erguer-se até lá acima.

Perfeitamente acomodado e encostado ao tronco de cone do marco geodésico, que o protegia do vento leste, mergulhou em liberdade naquele azul escuro, semeado de estrelas e de bloco de apontamentos e esferográfica na mão, ficou aguardando...

Ondas

O som chega em ondas.
Em ondas chega a luz
também.

Há ondas no Mar,
nos rios e nos lagos,
e há quem diga,
que a Vida chega em ondas
do Além.

Fortes,
absolutas,
imprevisíveis,
são as ondas do Amor.

Saí da civilização como quem estica o pescoço para fora da janela da carruagem e tenta divisar a extensão do comboio.

Saí, por umas horas, do corpo social de que faço parte integrante. Ao longe, a anatomia do seu vulto estendido até se perder de vista. Parece calmo e adormecido. Mas isso não é real. É só ilusão:

A distribuição, quase caótica, das luzes da iluminação pública faz adivinhar o serpenteado irregular das ruas dos aglomerados populacionais. Por debaixo desse tapete luminoso e apesar do quase absoluto silêncio, existe uma corrente complexa de vida, por vezes eufórica e palpitante, por vezes bloqueada e dramaticamente difícil. Ali, há sofrimento e alegria, há luta e desleixo, há ódio, mas também palpita o amor.

Camas, muitas camas, irão ser agitadas, no início. da madrugada, com ais de prazer. Noutras, porém, reinará a dor e a agonia. Mais além, atrás de matos, junto de bermas de estradas, sombras furtivas vendem o corpo para sobreviver. Vejo ruas sujas de seringas e de toda a espécie de lixo. Vejo ilhas de barracas, com oito pessoas dormindo no mesmo quarto e onde a esperança tem a cor da noite. Mais além, jovens, totalmente perdidos para a sociedade, deambulando, como mortos vivos, pelos cantos de escusas ruas, apanhados na teia, manipulada por monstros bem alimentados e confortavelmente refastelados em anónimos sofás, e acima de qualquer suspeita.

Vejo altares silenciosos ornados de flores e iluminados pela cera de velas e promessas íntimas. Mais além, berços embalados por sorrisos de mães venturosas. Ali, jovens roendo as unhas de stress, colados aos ecrãs de televisores. Acolá, outros em grupo, estudam, sentados à mesa dos cafés preparando-se para mais um teste que vão ter no dia seguinte. Vejo condutores, conduzindo os seus carros, com pressa de chegar a casa. Vejo o movimento das urgências dos hospitais, o pisca pisca, azul das luzes de emergência das ambulâncias. Ouço o retinir constante dos telefones das salas de observações.

– Cinco, dois, sete, um, cinco, um...

Pii, Pii, Pii, Pii.

– Cinco, dois, sete, um, cinco, um...

- São João!

– Por favor, desejava saber se deu entrada nesse hospital um senhor...

– Um momento. Vou ligar a chamada à secretaria da urgência.

Vejo cafés, quase vazios a esta hora. Empregados, encostados ao balcão, com o pano de limpar as mesas pendendo do braço, olham distraídos a televisão, enquanto aguardam a chegada dos costureiros

clientes. Um diretor de empresa, reunido no escritório com o seu staff, acerta a última estratégia de "marketing" para relançar a empresa. Desempregados chegam a casa cabisbaixos, depois de mais uma ronda pelas hipóteses anunciadas nos jornais. Numa sala de espera de um consultório, várias pessoas aguardam, há horas, o momento de serem atendidas.

Vejo o grande Corpo da Humanidade, formado de bilhões de células. Um corpo ainda em gestação e inconsciente de si mesmo, e apercebo-me dos efeitos do seu "metabolismo", ainda anárquico e grosseiro.

Rios de vinho encaminham-se para incontáveis bocas. Toneladas de comida são digeridas, paredes meias com estômagos mal alimentados. Milhares de metros cúbicos de água são consumidos em cada segundo. Milhares de toneladas de trigo, de carne, de vegetais, de frutos, de açúcar, de folhas de tabaco, são gastos em cada segundo. Milhares de troncos de árvores, de toneladas de pirites de minérios diversos, milhares de metros cúbicos de ar, são conspurcados a todo o momento no planeta Terra. Milhares de animais são exterminados em cada segundo. Centenas ou mesmo milhares de pessoas morrem agora mesmo, vítimas da violência, da fome, ou do desleixo cúmplice de todos. Milhões de toneladas a transformaram-se em lixo neste preciso instante.

Toneladas de papel de jornal estão a entrar nas grandes rotativas, com as últimas notícias do mundo. Um mundo, apesar de tudo, a despertar para a Esperança e para a sua auto-identificação com o Todo.

"Grande Porto"

Sinto um nó.
Um nó que aperta.
Um nó que esgana.

Sinto o calafrio dos cabeçalhos
da impressa focagem
desta cinzenta realidade.
Os punhos fechados,
a raiva, do dia a dia desencanto,
as mãos encalhadas
nestes olhos marejados.

Sinto esta estranheza
este perpétuo cismar,
buscando o entendimento,
o motivo que sustente,
a explicação que aguente
tão pouco amar:

É a solidão-deserto
desta passiva sociedade,
onde ninguém protesta
ninguém reclama,
o verde das folhas,
o cristalino das águas,
a transparência do ar.
a ruína tóxica
dos rios e das fontes,
o desportivo extermínio

dos animais,
no mar, nos prados,
nas planícies e nos montes.

É o sorriso imponência,
a descontracção
dum insensível senhor,
de perna alçada,
atirando o cigarro,
a cinza indiferença
aos gemidos
que chegam do corredor.

São os buracos negros,
sorventes,
cercados de pestanas,
do mixordeiro,
do especulador,
onde redemoinha o dinheiro
e se materializa o engano,
o embrulho,
o estertor.
Porque ainda é tempo de engordar,
de roer, de falsificar, de conspurcar,
de mal querer.
Tempo de vender o lixo,
a mentira, a aparência.
Porque ainda é tempo de vender
a consciência.

São as forjadas falências,
forjando desemprego.

São os capitais exportados,
importando miséria.
É o tráfico, a prostituição,
é o tédio, a inação.

Sinto um nó.
Um nó que aperta.
Um nó que esgana.

Mas também sinto
a solidariedade dos perseguidos,
dos explorados, os gritos de angústia,
dos milhões e milhões de maltratados,
gritos, que no silêncio dos séculos
atravessaram o espaço,
trespassaram o Universo de lés a lés,
e despertaram ecos de luz
que virão iluminar-nos!

A melhor atitude de gratidão para com o Pai é evoluirmos em harmonia com a sua Obra - a Natureza - e um dia caminharmos, pelo nosso pé, ao seu encontro.

Se te é difícil acreditar em Deus, começa por acreditar em ti!

Sim! A Fé significa o primeiro passo para a Salvação. Mas, se não dermos os passos seguintes, ficaremos sempre a menos de metade do Caminho.

As obras são o teste da Fé na vida quotidiana. Sem construção Fraterna, a fé e as utopias murcharão depressa e não haverá a fecundação das sementes da Esperança.

O teste da Paz e da Serenidade, dentro de cada um, é a Paz e Serenidade que sentimos em relação aos outros.

A serenidade autêntica assenta no diálogo, no intercâmbio de ideias e de experiências, no saudável relacionamento e convívio, na efetiva e desinteressada entreatura.

A Paz verdadeira é oposta à esterilidade. Dela brotará sempre o fruto da obra.

Que a nossa disponibilidade e cooperação nunca sejam isco ou armadilha para o domínio, individual ou sectário, do "Outro", sob qualquer forma objetiva ou subjetiva.

Assim é a Natureza: berço e casa do homem e o próprio homem. É certo afirmar que destruir a Natureza é destruir o homem e não corresponder ao Amor Divino do seu Criador.

Se correspondermos a esse Amor só com cânticos, rituais, palavras e mais palavras, e não cultivarmos uma atitude permanente de respeito e harmonia em relação à Obra, então, comportamo-nos como o sedutor que murmura belas palavras ao ouvido de uma mulher, só para obter os seus favores para uma noite.

Num mundo de antagonismo, impõe-se a aprendizagem e prática do diálogo, para se dar a mutação necessária do antagonismo em diversidade complementar.

O homem evolui perdendo e ganhando! Perdeu instinto e ganhou consciência, mas acabou por ficar desprotegido e mais vulnerável que no princípio dos tempos, em que corria pelas ravinas coberto de pelos.

Se usar somente os atributos da "consciência", do raciocínio cerebral, enquadrando as incógnitas através dos conhecimentos científicos, terá dificuldade em evitar e reconhecer os labirintos sem saída que a cada passo surgem no caminho.

Se usar só o instinto animal corre o risco de retornar ao estado selvagem.

Não tem, pois, alternativa. Hoje, para sobreviver, terá de saber conjugar o instinto intuitivo com o raciocínio consciente.

Os homens têm de afinar o seu recetor natural, a Intuição, para captar cada vez mais nitidamente o sinal que indica o rumo correto em direção ao futuro.

Não sabemos de onde vem a Intuição. Que Rosa dos Ventos determina a sua direção e sentido. Pela certa, vem de algures, de *Alguém*. Pelo menos é essa a sensação que fica.

Como é sempre avisada e sábia e nos aconselha o melhor caminho, teremos igualmente de admitir que esse *Alguém* possui uma infinita sabedoria e nos ama.

O "farol" do Espírito está sempre a emitir. Os "recetores" é que, muitas vezes, ficam desativados pela falta de uso, ou, pior ainda, pela sua incorreta utilização.

Agora compreendo
como é difícil a Fraternidade.
Agitamos a palavra,
atirámo-la ao espaço
numa girândola de mil cores.

Depois,
quando tudo está atônito,
a olhar.. a olhar...
Cada um
embrulha a "Fraternidade" para si!

As associações de pessoas em tomo de interesses coletivos, tais como o recreio, a cultura ou o desporto, são muito importantes como núcleos de ensaio para a gestação do Grande Corpo, que temos em conjunto de realizar. Aí, nesses pequenos núcleos, aprendemos, voluntariamente, os rudimentos da convivência e relacionamento coletivos. Aprendemos a conjugar a tolerância com a ética, a amizade com a autodisciplina e a vivência direta da gestão democrática. Aí,

teremos de aprender a soletrar a palavra intercâmbio e a abrir as portas à convivência harmoniosa com outros grupos. A cooperação e a associação são as alavancas fundamentais na construção da civilização do futuro.

A porta está aberta, mas cuidado! Se entrar, pode vir a ser apanhado na rede do sonho.

Cá para nós, que ninguém nos ouve... acontecem lá dentro, factos muito estranhos e singulares. Transformam coisas, conspiram depois do jantar, e tudo às claras, sem biombos.

A magia gestual de muitas mãos, simples mas determinadas, vão transformando o sonho em realidade. Além disso, imagine!, parece que incentivam as pessoas a ler, a gostar da música, da poesia, do teatro, da pintura e outras artes mais.

Não diga nada, mas parece que também transformam o impossível numa palavra sem sentido. E mais! Graças a essa magia revolucionária e subversiva, ali, "a cultura já tem telhado".

Sabe? Lá dentro, entre dois dedos de conversa, planeia-se e conspira-se para a instauração da República das Flores:

A flor do associativismo. A flor da criatividade artística. A flor da Amizade e da Fraternidade, e outras que tais.

Graças ao que aqui acontece, precisamente nas barbas da rotina oca de uma sociedade distraída e anestesiada, a esperança abre caminho para um futuro diferente e mais humano.

Tenha cuidado, amigo! Ouça o que eu lhe digo: Quem entrar no "Flor" jamais sairá o mesmo!

A Fábrica e o Cosmos

Os seres metálicos
zumbiam incessantemente,
vomitando,
numa sequência matemática,
"rilhotos" fumegantes,
algebricamente iguais,
constantemente,
constantemente.

O ar,
ainda há pouco
da clorofila saído,
às garras do fumo ia perecendo,
inocentemente,
inocentemente.

Vibrações
agitam a compasso
o paralelepípedo de vidro.
Dentro,
três bípedes,
de estrutura ósseo-calcária,
recoberta de milhões de células,
esperam
a hora do regresso,
do regresso ao calcário mineral.

No espaço infinito,
o planeta azul
gira, gira, sem pensar
que o seu pó
já pensa, já pensa,
mas ainda não sabe amar.

Tempo de Natal

Mesmo antes de surgir no calendário a folha encimada com a lavra Dezembro, já antes uns dias de tal facto suceder, adivinha-se a aproximação de uma quadra, que a tradição, amassada e esculpida em perpétua luz por muitas gerações, ainda ilumina o tempo de hoje, com todo o esplendor espiritual do Solstício de Inverno.

Todos sabem o nome dessa quadra. Se por fatalidade alguém o desconhecesse, bastaria apurar o ouvido para logo escutar o bater dos corações, banhados pelo antegoço da noite feliz: – "O Natal está à porta!" Bastaria o dom da sensibilidade para descobrir, no ar e nas coisas, a expectativa envolvendo tudo e refletida nos olhos de quem passa. Nesses olhos é patente o calor nostálgico das recordações do Natal passado, que é o selo da ansiedade com se espera o que há-de vir:

À memória surgem imagens nítidas do bacalhau cozido, que não sobrou, das rabanadas sem ovo, de morrer por mais, e do presépio junto da árvore enfeitada, donde caíram duas bolas de cristal prateado, mal seguras, que foram polvilhar de reflexos e cintilações o caminho dos pastores.

Recordar as noites de Natal é agarrar seguramente o fio que une toda a nossa existência. É ativar o nosso código secreto, que mostra refletida num espelho de verdade, a nossa vida:

"Como foi triste esse Natal! Todos nós olhávamos para aquela cadeira vazia, tristes, calados. Só os soluços da nossa mãe se ouviam e as lágrimas que caprichosas teimavam em sair, mesclam-se no molho das rabanadas."

E mais além aqueloutro, com saudade, murmurará:

"– Na mesa não faltava nada. Sobre ela circulavam travessas com iguarias, que enchiam os nossos olhos de prazer. Os sons dos vinhos, caindo nas taças, teciam o fundo musical da felicidade reinante. Agora, desses tempos, nada resta."

Nesta quadra, a alegria instintiva das coisas é bem patente aos nossos olhos. A chuva ou o frio estão impregnados de poesia.

O poeta que, solitário, caminha através do silêncio da noite, pisando as pedras frias e húmidas da calçada, encontrará dilúvios de inspiração na própria intempérie que o fustiga. Ao divisar ao longe a luz de um candeeiro público, filtrada por miríades de gotas cristalinas, dançando com o vento, exclamará: "Eis a Luz! Eis a Luz! E caminhará mais depressa e escorregará no lajedo. Quando se levantar, olhará em redor e não verá mais a lâmpada, mas uma estrela brilhando num céu de azul imaculado. Olhará para si e verá um pastor de sandálias rotas, pés doridos e roupas cobertas de poeira. Sentirá sobre os seus ombros o peso do anho recém-nascido e dará conta dum sentimento inefável brotando do seu peito, enquanto nos seus olhos brilhará uma luz clara, que é o reflexo dessa estrela, guiando-o do céu pelo caminho que palmilhava sempre. Se, de repente, uma voz ríspida o acordasse do seu sonho:

"– Ó bêbado, vê como caminhas!"

Acordará do seu sonho, mas não sentirá cólera na sua alma, porque recordará a mensagem:

"– Glória a Deus nas alturas e Paz na Terra aos homens de boa vontade!" É assim este tempo de Natal, época propícia ao encontro do homem com o seu destino. Pausa para a meditação e escolha de novos rumos.

Até que...

Todos os dias sejam Natal!

Neste Natal,
quero ser uma flor no teu regaço,
quero projetar-me,
voar no espaço,
quero ir contigo ver o Jesus Menino.

Neste Natal,
quero entender
porque brilha tanto
a luz do teu afeto,
quando viajo ao negrume
do Mundo.

Um mundo onde não se nasce
mas se é enviado.
Um mundo onde não se morre,
mas se é chamado.

Neste Natal,
quero saborear o aconchego
do regresso,
quero dilatar num átomo
a Fraternidade,
reduzir ao Universo
este abraço.

Margarida

Gostarias de partir na Noite de São João. A noite das fogueiras e do sortilégio do Solstício de Verão. De partir, leve, cavalgando um balão que sobe, lentamente, para o infinito. Gostarias de atirar lá de cima rosas, trevos e erva cidreira, aos foliões correndo, e dançando, lá em baixo, nas ruas da cidade. Com o teu sorriso trocista, irias acenando, acenando:

"– Adeus, Amigos. Adeus, Gaivotas. Mar. Sol! Adeus, rapaziada."

A Fraternidade Cósmica, precisou de ti mais cedo noutras paragens, noutras dimensões. Outras missões esperavam por ti no Transcendente. Partiste no dia de Santo. António. O primeiro dia dos três santos mais amados do povo. Todos os teus dias foram dias de construção do grande Corpo-Humanidade. O rastro luminoso da tua passagem e da tua Amizade jamais se apagará. Um dia, de mãos dadas com todos os Irmãos, saltaremos as fogueiras do destino e cantaremos os teus belos poemas:

"E de repente vi a sombra
e era eu.
Vi o Reflexo-Luz
e era eu.
Vi o Mestre
e era eu.
Vi o Caminho por onde vim
e de repente compreendi
que sou o Tudo,
que sou o Nada,
que sigo magneticamente a estrela
que me aproxima de ... Mim! "

Margarida Rosa

As mulheres deverão ocupar o seu lugar de pleno direito ao lado dos homens. Enquanto isso não acontecer, o grande “Corpo” estará sempre desfalcado e adiado e não estará realizada a igualdade na diferença, e consagrado na prática o pleno direito na diversidade. Enquanto isso não acontecer, a Humanidade não atingirá a maturidade imprescindível à sua entrada na iniciação cósmica.

Corre, corre, mulher!

Corre, corre, ansiedade,
Mulher-Inquietude.
Corre, corre, teimosia,
Amor, juventude.

Vai!
Desmonta,
espinho a espinho,
lágrima a lágrima,
a escuridão.
Constrói,
pétala a pétala,
sorriso a sorriso,
o despertar.
Abre as cortinas ao mundo,
que o Azul está a chegar.

Corre, corre, Liberdade,
abre caminhos,
continua, avança,
a centelha de teus olhos
chama-se Esperança.

Corre, corre, não pares,
os olhos da humanidade
estão voltados para ti.
Repara:
Aquelas mãos crispadas
arrancaram as grades,
um choro abrandou ali.

Corre, corre, amplexo,
Mulher-construção,
que o teu querer,
frutificará um dia,
que o teu amar
não será em vão.

Corre, corre, mulher!

Somos mais que irmãos! Somos o mesmo "Ser".

As nuvens passam vaporosas, quase imateriais, impelidas pelo vento por cima de montanhas rochosas, áridas, firmes, maciças. Por isso, um dia, a montanha será planície fértil e verdejante. O mesmo acontecerá ao homem, sob a ação do vento do espírito.

O "Grande Corpo Vida", que existe na Terra, poderia ser representado simbolicamente por uma pirâmide egípcia:

A vida inerte ou mineral, a vida vegetal, a vida animal e a vida subtil ou espiritual, seriam as suas quatro faces, todas elas emergindo duma base comum: o incomensurável universo a que chamamos microcosmos. As quatro faces tocam-se e fundem-se no vértice aflorando no Universo Exterior: o incomensurável *Macrocosmos*. Nesse vértice deverá posicionar-se a consciência objetiva de toda a estrutura do "Grande Corpo Vida".

Incomensurável será a responsabilidade do ser, que, por força da sua trajetória evolutiva está vocacionado para recetáculo dessa consciência e, como tal, predestinado a velar pelo equilíbrio e harmonia desse Grande Corpo.

Autor: – Tens razão. Poderá até existir no "papel" uma constituição verdadeiramente democrática e não estarmos perante uma verdadeira democracia. Se, por exemplo, não existir uma forte educação cívica de base, para essa vivência, o sistema estará minado logo à partida.

Poderá até existir no "papel" a Liberdade, mas ninguém saberá o que fazer com ela. O espaço permitido de liberdade será rapidamente açambarcado pelo oportunismo e pelo videirismo. Depressa a Liberdade será usada para oprimir e amordaçar a Liberdade.

Leitor: – Só pretendia saber como se poderão corrigir os desvios aos princípios, quando se instalou já a ideia de que eles são bons para encaixilhar e colocar na parede e de que a realidade será sempre como é – muito distante.

Autor: – A resposta está na boca do Povo:

– "Água mole em pedra dura, tanto dá até que fura!"

Primeiro ternos de conquistar e defender a liberdade. Depois, usá-la para denunciar o erro e a incoerência de princípios. Como o disse Mário Soares, utilizemos o nosso "*direito à indignação*". Sempre que seja necessário, constantemente, até que os princípios saiam do "caixilho" e façam parte do nosso cotidiano.

Já era tempo de se acabar com a ideia de que a Democracia é um regime onde impera a libertinagem, o descontrolo, o caos. Uma das qualidades da Democracia é precisamente a de possibilitar a correção atempada de desvios comprovadamente prejudiciais aos cidadãos e à sociedade. Se isso eventualmente não acontece, é porque algo ficou errado. A Democracia só o é se permitir a participação construtiva na rua, na família, na associação, na empresa, na autarquia, na Assembleia da República em todo o lado.

Leitor: – Já agora, gostava que dissertasses sobre a ditadura...

Autor: – Bom! Para mim, a ditadura instala-se e vive alimentando-se do medo. A democracia instala-se com a coragem e vive com ela utilizando corretamente a liberdade conquistada.

A semente do Corpo Universal já existia no momento do "Big Bang". Esse "projeto", essa "ideia", continuou a existir em cada momento temporal seguinte.

Compete a cada consciência, que emerge da matéria, em determinado tempo e espaço, contribuir para a realização desse projeto. Mas isso só será possível se essa consciência despertar no *Eu* e descobrir a sua íntima relação com o *Todo*. Só depois poderá contribuir para a realização desse grande projeto, onde cada um é uma ideia parcelar, mas fundamental e insubstituível. Está ao nosso alcance contribuir para que essa imensa estrutura se consolide em cada ser, em cada lar, em cada rua, ou associação. Em cada cidade, floresta ou rio. Em cada país, nação, continente ou mar. Em cada planeta, sistema solar ou galáxia. Em cada, em cada...

Autor: – Muitas vezes inquirimos se existe vida para além da Morte.

Leitor: – A meu ver, essa existência, é tão impossível e problemática como a existência de vida na realidade que conhecemos, e que designamos por Vida Terrena. A nossa consciência do existir só é percebida num momento infinitesimal de tempo, a que damos o nome de Presente que passa, instantaneamente, a passado e logo é ocupado pelo momento que se situa imediatamente a seguir: o Futuro. Do centésimo de segundo que acabamos de viver só nos resta a sua memória. A existência no centésimo de segundo que iremos viver seguidamente é para nós ainda uma incógnita. Verdadeiramente, só existimos no milionésimo de segundo que medeia esses dois tempos. Através dum delicado e complexo processo de retenção e junção na memória das sucessivas impressões sensoriais vividas durante um lapso de tempo, a maravilha que é o nosso

cérebro consegue ligar os sucessivos presentes e transmitir à nossa consciência uma sensação de continuidade.

Autor: – Se bem entendo, parece que estás querendo dizer que chamada Vida Terrena, ou a consciência que possuímos dela, só existe de facto nessa pequeníssima "fresta" do tempo a que chamamos Presente? Tão pequeníssima e infinitesimal que quase não existe ?

Leitor: – Quase! Dizes bem. – Quase!

Para mim, o chamado *presente* só existe o tempo suficiente para termos a percepção da realidade chamada Vida Terrena. Exatamente o suficiente para permitir aos nossos seres a possibilidade de outras vivências e de outras vidas nesta ou noutras realidades, noutras dimensões. Existe, porém, a chamada “continuidade” que permite ligar as duas realidades e fazer um filme que ficará unido, quando tudo isso passar a ser *passado*.

Carta aos jovens do " Ano 3001 "

Escrevo-vos esta carta, quando falta algum tempo para as futuras gerações atingirem o ano 3001. Os átomos que irão formar os vossos genes e corpos já existem no meu século, mesclados na Natureza. Estão nos campos, nas árvores, nas pedras e nos animais, que hoje queimamos e destruímos, a toda a hora. Estão no ar e na água, que conspurcamos a todo momento.

A essência e o projeto dos vossos seres corre já nas veias das mulheres e homens da minha geração. Essa essência e esse "projeto" são a garantia da nossa continuidade, no Futuro.

O que podeis fazer para preservar o mundo que ireis encontrar; quando a vossa consciência emergir e referenciar a luz do mesmo Sol, que nos aquece e dá vida. Existis, assim, no meu tempo, indefesos e totalmente à mercê da nossa insensatez. Quando descobri esta verdade fiquei angustiado. É que existe um limite, um prazo, para a tomada de consciência da tremenda responsabilidade que cabe à minha geração. Que mundo vamos legar aos vindouros? Será que nesse milénio ainda é possível respirar? Nesse mundo ainda palpitará a Vida? E, se ainda houver vida humana, será que ela terá alguma hipótese de dignidade e de esperança? Tal como quem acorda com o estrondo da derrocada do seu quarto, eu fiquei, assim, angustiado. No meu tempo, ainda não se ensina nas escolas a relação do homem com o seu meio. Com o seu vizinho. A relação com a Vida do Planeta – da Parte com o Todo.

Dois mil anos depois do Gólgota, não sabemos estar em sintonia com a Divina Obra, nem sabemos onde encontrar o verdadeiro pecado, apesar da mensagem que nos chegou ser bem clara:

" - Amai-vos uns aos outros".

Procedemos como filhos descuidados e inconscientes. Rodopiamos à volta das pernas do Pai, enquanto desprezamos e delapidamos a sua magnífica Obra. Uma obra em criação permanente e na qual nos está destinada uma importantíssima missão.

Jovens do ano 3001

Esta carta é o reflexo do testemunho de muitos jovens, mulheres e homens do meu tempo. Felizmente, uma parte da humanidade está a despertar. Uns derrubam barreiras e abanam sistemas caducos e fechados. Outros organizam-se e agem, tentando consciencializar, corrigir erros e endireitar caminhos. Outros estão a reagir à tentativa traiçoeira de os acorrentar a venenos destinados a adormecer o seu espírito inquieto e altruísta.

Estamos a descobrir o imenso "Corpo" de que fazemos parte. E queremos que ele viva em plenitude.

Apesar de tudo, neste novo milénio, ainda há espaço para a Esperança. Estou convicto de que, no ano 3001 haverá jovens, de corpo e alma, que possam ler e entender esta mensagem.

O autor

EDIÇÕES SOL XXI

POESIA

35 textos para Paulo Cid - Vários Autores

Decomposição - A Casa - Orlando Neves

Mar de que Futuro - Orlando Neves

Livro de Horas e Eternidades - Luísa de Andrade Leite

Sentido Inverso - Marianela de Vasconcelos

O Cajado do Peregrino - Ulisses Duarte

Caderno de Encargos - Renato de Caldevilla

Leme de Luz - José do Carmo Francisco

As Tarefas Transparentes - Conceição Paulino

Trovas da Infância na Aldeia - (2ª edição) - Orlando Neves

Vilancetes para o Meu Presépio - Ulisses Duarte

Desilusão Otimista - Alexandre Castanheira

Loca Obscura - Orlando Neves

Organon para a Decifração da Poesia - Orlando Neves

Vivências - Maria de Lurdes Brandão

Réquie por uma Flor - Luísa de Andrade Leite

O Luar da Espera - Conceição Paulino

Noite Branca - Mendes de Carvalho

Ribeiro, teu indício - Maria Virgínia Monteiro

Sexta Incisão - J. O. Travanca - Rêgo

Noites de Sevilha - Fernando Cabrita

Poesia - Orlando Neves

O tríptico da paixão e do tempo - Albano Estrela

Segredos Novos - José Junça

Valsas e Trigo - Maria Domingues

A Terna Indiferença do Mundo - Luís Claudio Ribeiro

Crepúsculo das Noites Breves - João Maria Nabais

Loas à Lua - Paulo Brito e Abreu

O Ser e o Nada - João Marcos

O Campo Além do Muro é Verde - Lavínia Machado

Ilha - Luísa Fonseca

Paralelismos - Margarida Gama de Oliveira

Horas Largas - Caetano Teixeira de Aragão

Falar Mulher - Conceição Paulino

Morte Minuciosa - (3ª edição) - Orlando Neves

FICÇÃO

O Menino de Vidro - Infantil - Luisa de Andrade Leite

Histórias Tradicionais da República de Cabo Verde - Margarida Gama Oliveira

Fragments - Jacinto Anica

O Ser Único e os outros - Luísa de Andrade Leite

Sonhos no Zimbó - Gabriel Raimundo

Estórias para Brancos e Negros - Gabriel Raimundo

Os Sapatos Amarelos de Salto Alto - Maria Domingues

Maria Benedita - Vasco Riobom

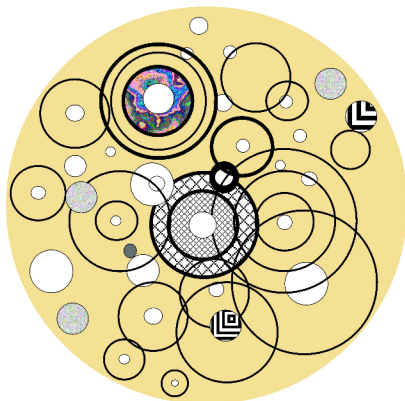
Tempos do Tempo - Bárbara Cunha

ENSAIO

Trinta Anos de Teatro - Orlando Neves

Discurso Direto - António Durval

Discurso direto



Nas suas páginas textos em prosa
cruzam em bando o firmamento
sem aparente plano de voo.
Poemas pairam no Azul, como brancas
nuvens, atraindo o olhar para cima.
De repente e sem aviso, tanto se
pode vestir a bata do analista
como pegar na candeia do filósofo
e, logo a seguir, regressar ao universo
do bilhete de identidade.

Sob a batuta do aleatório, do imprevisível,
“Discurso Direto” poderá transportar-nos
através do espaço infinito, procurando
com o pensamento outros irmãos,
detetando com a intuição
outros sentires.

Iremos saltar fronteiras,
percorrer espaços,
calcular probabilidades,
sem nunca se cristalizar uma definição,
nem se fechar a porta ao eterno fluir
da atração pelo insondável maravilhoso.
Esse desafio incentivou, finalmente
a publicação deste livro.
Expetantes, iremos encetar, espero bem,
Um curioso ensaio de diálogo em
“Discurso Direto”

António Durval